

SUELY FERREIRA LIMA TEIXEIRA

APONTAMENTOS PARA UMA EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA EM ALJAMIA
PORTUGUESA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Afrânio Gonçalves Barbosa

Rio de Janeiro - RJ
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DEFESA DE DISSERTAÇÃO

TEIXEIRA, Suely Ferreira Lima. **Apontamentos para uma edição semidiplomática em aljamia portuguesa**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras. 2006. mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Afrânio Gonçalves Barbosa – UFRJ
(Orientador)

Prof. Dr. Edwaldo Machado Cafezeiro – UFRJ

Profa. Dra. Maria Carlota Amaral Paixão Rosa – UFRJ

Profa. Dra. Silvia Rodrigues Vieira – UFRJ
(Suplente)

Profa. Dra. Ana Thereza Basílio Vieira – UFRJ
(Suplente)

Defendida a dissertação em / / .

Conceito:

Agradeço a:

Deus – que nunca me desamparou;

Afrânio – por ter concordado em me orientar nessa viagem tão insólita pelo meio das letras árabes, com muita paciência e habilidade;

Dra. Maria Carlota Amaral Paixão Rosa e Dr. Edwaldo Machado Cafezeiro - agradecimentos especiais pela aceitação em avaliar este trabalho;

João Baptista – que me falou pela primeira vez sobre a existência dos textos em aljamia, ainda na graduação, e teve a brilhante idéia de tê-los sugerido como objeto desta dissertação, sempre se inteirando do meu progresso e disposto a me dar toda a ajuda de que eu precisasse;

Ibrahim – amigo e eterno professor de árabe, que me ensinou e ensina... para sempre;

Mazinho – a quem devo o encorajamento em momentos de desânimo, pela paciência, amor e suporte de que tanto precisei e preciso;

Renan e Bruno – por existirem e serem minha razão de também existir;

Meus pais – que me ensinaram as melhores coisas que sei da vida;

Márcia e Quinha – por terem assumido, nos últimos tempos, a minha função de filha, e até de mãe;

Geni – amiga e professora, pela ajuda maternal e carinhosa que me dedicou e dedica;

Dona Erna e amigos Ana Thereza, Virgínia, Cristiane, Bianca, Rita de Cássia, Cida, Hani, meus alunos na Graduação e outros – que de alguma maneira foram responsáveis por eu conseguir realizar alguma parte da minha tarefa;

Departamento de Letras Orientais e Eslavas, da Faculdade de Letras da UFRJ – que me liberou das tarefas docentes por dois períodos e outras sempre que o solicitei;

الى اللغة العربية.

Muito obrigada!

SUMÁRIO

ÍNDICE DE TABELAS	i
I INTRODUÇÃO	08
1 CONTEXTO HISTÓRICO DA ALJAMIA	13
1.1 EM TORNO DO PERSONAGEM HISTÓRICO BENTAFUF	15
1.2 BREVE HISTÓRIA DA LÍNGUA ÁRABE	18
1.3 O SISTEMA DE GRAFAÇÃO DA LÍNGUA ÁRABE	23
1.3.1 O alfabeto	23
1.3.1.1 As consoantes	26
1.3.1.2 As vogais	29
1.3.1.3 O hamza	31
1.3.1.4 Caracteres especiais	32
2 GRAFAÇÃO NA ALJAMIA	34
2.1 VOCALISMO NA ALJAMIA	34
2.1.1 A questão do estudo das vogais na aljamia	36
2.1.1.1 A vogais orais	37
2.1.1.2 As vogais nasais	43
2.1.1.3 Os ditongos	44
2.2 CONSONANTISMO NA ALJAMIA	46
2.2.1 Grafemas biunívocos.....	46
2.2.2 Grafemas do árabe sem correspondência no português	50
2.2.3 Grafemas do português sem correspondência no árabe	56
2.2.4 Consoantes na aljamia: esboço de estudo comparativo	57
3 OS MANUSCRITOS FAC-SIMILADOS	65
3.1 A TRANSCRIÇÃO DOS FAC-SÍMILES	69
3.1.1 Traslado da carta de Bentafuf	70
3.1.2 Traslado da carta do Xequé da Enxovia	72
3.2 PROPOSTA DE EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DAS CARTAS FAC-SIMILADAS	73
	73

3.2.1 Normas da edição semidiplomática	74
3.2.1.1 Tabelas das transcrições	
3.2.2 Edição semidiplomática da carta de Bentafuf	76
3.2.3 Edição semidiplomática da carta do Xequê da Enxovia	77
3.3 EDIÇÃO ATUALIZADORA	78
3.3.1 Atualização da carta de Bentafuf	80
3.3.2 Atualização da carta do Xequê da Enxovia	81
4 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE OUTRAS DUAS CARTAS DE BENTAFUF AO REI D. MANUEL	83
4.1 TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA CARTA DE BENTAFUF	83
4.1.1 Edição semidiplomática da primeira carta de Bentafuf	91
4.1.2 Edição atualizadora da primeira carta de Bentafuf	95
4.2 TRANSCRIÇÃO DA QUARTA CARTA DE BENTAFUF	98
.....	
4.2.1 Edição semidiplomática da quarta carta de Bentafuf	102
4.2.2 Edição atualizadora da quarta carta de Bentafuf	104
5 OS TEXTOS DE ALJAMIA COMO FONTES PRIMÁRIOS: UM ESTUDO DOS CLÍTICOS NO SÉCULO XVI	107
5.1 INTRODUÇÃO	107
5.1.1 Objetivo	107
5.1.2 Metodologia	107
5.2 TRABALHANDO O CORPUS	108
5.2.1 A ordem dos clíticos no século XVI	108
5.2.1.1 O estudo sobre a posição dos clíticos em Martins (1994)	108
5.2.1.2 O estudo sobre a posição dos clíticos em Pagotto (1992)	111
5.3 O ESTUDO SOBRE A POSIÇÃO DOS CLÍTICOS NOS TEXTOS EM ALJAMIA	114
5.3.1 Variáveis lingüísticas	115
5.4 CONCLUSÃO	126
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
ANEXO 1 - FAC-SÍMILE DA CARTA DE BENTAFUF	133
ANEXO 2 - FAC-SÍMILE DA CARTA DO XEQUE DA ENXOVIA	134
RESUMO	135
ABSTRACT	136

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1	Alfabeto árabe.....	25
Tabela 2	Grafemas árabes que apresentam correspondência no português...	27
Tabela 3	Vogais breves e longas	29
Tabela 4	Caracteres especiais	32
Tabela 5	Proposta de edição para as vogais	36
Tabela 6	Os ditongos orais na aljamia	45
Tabela 7	Os ditongos nasais na aljamia	46
Tabela 8	Grafemas biunívocos	47
Tabela 9	Grafemas do árabe sem correspondência no português	51
Tabela 10	As consoantes enfáticas <i>ḏ ād, ṭā' e ṣ ā'</i> na aljamia	54
Tabela 11	A palavra <i>todo</i> na aljamia	54
Tabela 12	A representação do grafema <t> na aljamia	56
Tabela 13	Grafemas do português sem correspondência no árabe	57
Tabela 14	"Erros" de Lopes (1940) – carta 1	68
Tabela 15	"Erros" de Lopes (1940) – carta 2	68
Tabela 16	Transliteração das vogais	74
Tabela 17	Transliteração das consoantes biunívocas	75
Tabela 18	Transliteração das consoantes sem correspondência	75
Tabela 19	Transliteração de outros caracteres árabes	75
Tabela 20	Freqüência de ênclise por tipo de sujeito na primeira metade do séc. XVI	112
Tabela 21	Freqüência de ênclise por estrutura básica da sentença, no período de	

	XVI - XVIII.....	112
Tabela 22	Frequência de ênclise em função do "tipo de clítico"	113
Tabela 23	Frequência de ênclise em função do "tipo de sentença"	113
Tabela 24	Distribuição das variantes relativas à ordem dos clíticos pronominais	114
Tabela 25	Percentual de ênclise quanto ao "tipo de oração"	116
Tabela 26	Percentual de ênclise quanto ao "tipo de atrator"	118
Tabela 27	Percentual de ênclise quanto ao "tipo de pronome"	121
Tabela 28	Percentual de ênclise quanto ao "tempo/modo verbal"	123

I INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir e propor uma série de resoluções de edição a partir da edição semidiplomática de duas cartas em *aljamia portuguesa* presentes no livro **Textos em aljamia portuguesa**: estudo filológico e histórico, publicado por David Lopes, Lisboa, em 1940.

Explicando a origem do nome *aljamia*, Lopes diz:

Do mesmo modo que os Gregos e os Romanos chamaram aos outros povos "bárbaros", assim também fizeram os Árabes que os designaram por "Alajame", com igual significação. Daí o nome da língua deles "alajamia" – aljamia na forma portuguesa –, em oposição a "arabia", "aravia" – a língua árabe. (*Id.*, 1940, p. 8)

Ferreira (2004) define:

[do ár. *al- aġamyā(t)*, 'língua estrangeira'.] Substantivo feminino 1. Gloss. Nome dado pelos mouros, na Península Ibérica, ao romance dos moçárabes, escrito em caracteres árabes. 2. Graf. Utilização de caracteres árabes para a escrita de uma língua não árabe. [Var.: algemia, alfamia.]

Carmelo (1999) comenta que a literatura aljamiada é uma "forma de expressão particular das comunidades moriscas que perderam a língua árabe, enquanto língua-mãe, em Castela e sobretudo em Aragão", situando seu surgimento "na época mudéjar¹ (possivelmente no século XIV) e que acompanha a vida morisca até à sua forçada erradicação da Península Ibérica, já no início do século XVII."²

Apesar de, em sua grande maioria, os textos em aljamia, que sobreviveram ao tempo, serem em língua espanhola – tendo sido redigidos nos séculos XIV, XV e XVI – também

¹ Pertencente ou relativo aos mouros remanescentes na Península Ibérica, após a tomada de Granada. (FERREIRA, 2004)

² Não é unânime a opinião sobre a data de surgimento da literatura aljamiada; há os que acham que ela remonta ao período da chegada do mouro à Península Ibérica.

existem, em língua portuguesa, oito documentos aljamiados, que se encontram arquivados em Lisboa, na Torre do Tombo. O primeiro autor a trazer à luz esses textos em aljamia portuguesa foi o arabista português David Lopes, em 1897, numa publicação em comemoração ao quarto centenário do descobrimento da Índia, onde realiza um estudo detalhado dos aspectos históricos da ocupação portuguesa em praças marroquinas, de onde vêm os documentos, sem abordar em igual profundidade as questões lingüísticas. Em 1940, ele mesmo lança uma nova edição desses documentos, onde aprofunda mais os aspectos lingüísticos e publica os fac-símiles de duas cartas, sem datação, que ora nos propomos editar.

Os fac-símiles são de chefes marroquinos. A primeira carta é de Sidi Ialḥ ia Bentafuf, alcaide de Safim, o autor de cinco das cartas aljamiadas; a segunda é de Ialḥ ia Ben Bolisba³, xeque³ da Enxovia⁴, ambas para o rei D. Manuel. Segundo Lopes (1940, p. 11-14), os documentos aljamiados não são originais, mas cópias das versões em português das cartas, que foram traduzidas dos originais em árabe, todas elas vertidas em aljamia pelo mesmo copista, fato que confirmamos, pelo menos no que diz respeito à análise dos dois documentos que analisamos.

Teyssier elogia essa segunda edição de Lopes: "[...] não acrescenta nada, no que concerne à língua, ao artigo de Wilhelm Giese⁵, porém a transcrição dos oito textos em caracteres árabes e sua transliteração em alfabeto latino são muito mais fiéis, e constituem uma base certa para pesquisas posteriores."⁶ Pelo que pudemos constatar nos fac-símiles dos dois documentos que ele publica em seu livro – e que é o objeto desta nossa dissertação –, o trabalho de Lopes (*ibid.*) é criterioso e merece o elogio, mas pensamos que podemos ir além do que já foi feito por ele, levando em conta as diferenças existentes entre os dois códigos grafemáticos.

Existem, na língua árabe e na língua portuguesa, fonemas que não se correspondem. Essas diferenças ocasionam falta de correspondência entre os dois sistemas de escrita. Assim, os redatores dos textos em aljamia devem ter-se confrontado com dificuldades para encontrar a forma mais adequada para grafar, em árabe, as palavras portuguesas. Como exemplo desse

³ Velho, homem respeitável, chefe de uma aldeia; do árabe *shaykh*. (FARINHA, 1999, p. 665)

⁴ *Enxovia/Enxovia* nome de tribos arabizadas que habitavam uma região costeira de Marrocos, entre Azamor e Rabate. Quase todos os habitantes dessa região eram de guerra, isto é, contrário aos portugueses. De acordo com Lopes (1940, p. 94), os portugueses deram-lhe, assim como a outras tribos, o valor de topônimo.

⁵ GIESE, Wilhelm. *Como os mouros de Asfi grafavam o português*. Biblos, Coimbra, t. VII, p. 482-511. 1931.

⁶ "n'ajoute rien, en ce qui concerne la langue, à l'article de Wilhelm Giese, mais la transcription des 8 textes en graphie arabe et leur translitération em alphabet latin sont beaucoup plus fidèles, et constituent une base sûre pour des recherches ultérieures" (TEYSSIER, 1974, p 182). Esse e todos os demais trechos em língua estrangeira foram traduzidos por nós.

embaraço, podemos citar a ausência, na grafologia árabe, de alguns símbolos para representar fonemas como /p/, /v/ e nossos ditongos nasais, entre outros. Por outro lado, os grafemas árabes que representam sons inexistentes, em nosso quadro fonético-fonológico, encontram-se representados na aljamia, trazendo-nos, então, de volta, as mesmas dificuldades dos redatores para verter, novamente, em língua portuguesa, os textos.

Há tempos os orientalistas vêm debatendo a questão de como representar com caracteres latinos os sons que não apresentam correspondência nas línguas românicas e um número variado de transcrições tem sido estabelecido – alguns bem estranhos, causando dificuldades aos que têm de se utilizar deles – sem que se chegue a um consenso de sobre qual seria a forma mais adequada de representação.

Nos textos aljamiados, existe, em alguns casos, um excesso de grafemas para representar uma mesma letra latina, como a letra <t>, que aparece grafada com até seis letras árabes diferentes. Desde a sua primeira edição dos textos, Lopes (1897) decide anular as diferenças fonéticas sugeridas pelos variados caracteres grafados para uma mesma letra do português, e justifica-se:

Do nosso processo resulta uma identica representação em caracteres latinos para diferentes letras arabes, mas é preferivel isso a vestirmos as palavras de atavios que só servem de lançar a confusão em cousas simples. Assim se fez na formação do nosso vocabulario arabico; e é esse pois o caminho que temos a seguir. (LOPES, *ibid.*, p. XXIII).

A perspectiva que assumimos é diferente daquela que norteou o arabista. Não que pensemos em complicar o que seria simples, mas, antes, que se devem representar todos os caracteres empregados na aljamia, tentando transcrevê-los da forma a mais próxima possível da variação em caracteres árabes adaptados do manuscrito original. Para isso, estabeleceremos um grafema latino ou símbolo grafemático adaptado *diferente* para cada grafema árabe empregado nos textos. O objetivo é que, ao ler-se a transliteração semidiplomática, os grafemas arábicos utilizados e sua realidade variável possam ser reconhecidos por leitores que desconheçam o alfabeto arábico. Por exemplo, quando escrevemos na transliteração <t^uud<>, ou seja, "tudo", queremos indicar que o grafema árabe *tā'* <ت> <t> está sobreposto da vogal breve⁷ *djamma* <ـ> <u>, seguido da vogal longa *wāw* <و> <u:> e da consoante *dāl* <د>

⁷ O árabe possui vogais breves e longas, como veremos em 1.3.1.2.

<d>, que tem sobreposta outra vogal breve *ḍamma*. Assim: <t^ud^u> é espelho grafo-latino de <تُدُّ^ا>⁸.

E como podemos definir esta nossa proposta de edição? Um dos aspectos que não nos permite classificá-la como *diplomática* está relacionado aos códigos de representação com que estamos lidando, isto é, estamos tratando de uma mesma língua, a portuguesa, que se encontra grafada no sistema de escrita do árabe, e que pretendemos transliterar para o código do próprio português; e, de acordo com Castro e Fagundes (1982), uma edição diplomática

é aquela em que o Editor reproduz **tudo o que aparece num manuscrito, linha a linha**, mantendo rigorosamente ou sugerindo por meio de sinais convencionais todas as suas características, acidentes e erros, nada acrescentando nem corrigindo no texto a não ser, talvez, o desenvolvimento explícito de formas abreviadas e relegando para notas de rodapé ou de apêndice as explicações, conjecturas, e todo um conjunto de informações consideradas indispensáveis para dar uma idéia do aspecto do manuscrito (*id. et ibid.*, p. 434, ênfase adicionada.)

De modo semelhante define Azevedo Filho (1987):

A edição diplomática é aquela que, por meios tipográficos, reproduz exatamente a lição de um manuscrito. Portanto, numa edição realmente diplomática não deve haver a correção de nenhum erro, nem mesmo a introdução de sinais de pontuação ou **qualquer adaptação ortográfica** (*id. et ibid.*, p. 30, ênfase adicionada)

Nossa proposta é reproduzir **tudo o que aparece no manuscrito, linha a linha**, no entanto, uma característica do texto original somos obrigados a alterar: o próprio código. Por exigência do objetivo da nossa proposta, vertermos os textos aljamiados em caracteres latinos, faremos o que, segundo Azevedo Filho, não se deve fazer em uma edição diplomática: *adaptação ortográfica*.

Assim, pensamos que nossa proposta de edição poderia se integrar no tipo da *semidiplomática*, em que, segundo Castro e Fagundes (*ibid.*, p. 429) é possível as **modernizações** ortográficas, que, no nosso caso, seria melhor se denominássemos **transposição ou adaptação** ortográfica. Além de que seria semidiplomática porque intervimos no sentido da escrita, passando da do árabe (direita para esquerda) para o latino (da esquerda para a direita).

É fato que esta edição não se parece a nada a que estamos acostumados a ler. Ela contém símbolos sobrescritos (^a, ^u...), subscritos (ⁱ), alguns nada usuais (ð, ʔ, ʕ...), mas isso se deve à

⁸ A visualização do que foi descrito ficou invertida porque o árabe é lido da direita para a esquerda.

necessidade de representar, de modo diferenciado, **todos** os símbolos empregados nos textos com caracteres da nossa escrita que não dão conta de todos os símbolos árabes da aljamia.

No capítulo 1, tecemos algumas considerações iniciais, nas quais (a) abordamos o aparecimento da literatura aljamiada; (b) apontamos alguns fatos relativos ao personagem histórico Bentafuf – autor de cinco das oito cartas em aljamia; (c) apresentamos uma breve história da língua árabe; e, por fim, (d) com o intuito de antecipar o estudo do emprego dos grafemas árabes na aljamia, fornecemos algumas informações sobre o sistema de escrita árabe.

No capítulo 2, analisamos a grafiação das vogais e consoantes na aljamia, já apresentando as nossas decisões para representação dos grafemas árabes nesta edição semidiplomática. No capítulo 3, procedemos à transcrição das cartas fac-similadas (Lopes, 1940, p 45 e 51), seguida da aplicação da nossa proposta de edição semidiplomática aos documentos e da restituição dos textos em ortografia moderna. No capítulo 4, aplicamos a nossa proposta de edição a mais duas cartas aljamiadas transcritas em Lopes (*ibid.*, p. 27-33; 41-44). No capítulo 5, apresentamos um estudo dos clíticos no século XVI, utilizando como corpus as oito cartas em aljamia portuguesa (Lopes, *ibid.*). Por fim, após os seis capítulos, anexamos uma cópia dos fac-símiles das duas cartas que analisamos.

Uma última observação diz respeito às datas. Sabe-se que o calendário muçulmano difere do cristão. O marco fundamental que gerou a sua criação, sob o domínio do califa Omar, por volta de 632 da era cristã, foi a emigração do profeta Maomé de Meca para Medina, chamada *hégira* (emigração, abandono)⁹, data essa que corresponde ao ano 622 da nossa era¹⁰. No que diz respeito às datas presentes neste trabalho, seja em anos ou em séculos, todas estarão representando os períodos de acordo com o calendário cristão.

⁹ Cf. Corriente (1991, p. 797).

¹⁰ Jarouche (2005:11) ensina a fórmula de conversão de um calendário para o outro: "é a seguinte, convencendo-se "C" para o ano cristão e "H" para o ano islâmico: a) para encontrar o ano cristão: $C = H - (H \div 33) + 622$; b) para encontrar o ano islâmico: $H = C - 622 + [(C - 622) \div 32]$."

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA ALJAMIA

A literatura aljamiada desenvolve-se essencialmente na Espanha, onde habitava a maioria dos mouros, desde a conquista da Península Ibérica pelos islâmicos, em 711. Não existem estudos apontando exatamente o período de sua gênese, porém acredita-se que remonte aos primórdios da presença muçulmana em terras ibéricas, baseando-se na uniformização que alcançou a transcrição do romance em caracteres árabes, no século XV, e tendo-se em conta o fato de que as línguas da Hispânia, ao chegarem os árabes à Península Ibérica, não tinham para eles um código de representação¹¹.

Seu auge ocorre após a tomada de Granada, em 1492, nos séculos XV e XVI, quando o mouro teve de se cristianizar e, pelo menos exteriormente, abandonar a sua fé e a língua com que a professava, ao menos em situações públicas. Com o passar do tempo, as proibições intensificaram-se e, por fim, muitos mudéjares¹² nem aprenderam a falar o árabe, embora tenham continuado, secretamente, a aprender o sistema de escrita arábico para que pudessem ler o Alcorão. Tendo perdido o direito de falar a língua dos seus antepassados, o mouro, numa tentativa de defender sua identidade, continuou, em segredo, utilizando a escrita árabe. Assim recrudescer a literatura aljamiada, em meio às perseguições, às espionagens e às proibições da prática da religião islâmica, quando o árabe não pode mais ser falado livremente¹³.

Essa literatura continuou a se desenvolver na Península Ibérica até a expulsão definitiva dos mouros, em 1609, numa obstinação que muitos acreditam ser por ela estar associada ao caráter sagrado que a língua árabe tem para o muçumano, que considera o árabe como a língua escolhida por Deus para a sua última revelação.

¹¹ Cf. Bakri, 1994.

¹² "aquelles cuja cuja permanencia é tolerada, permitida nos territorios conquistados." (LOPES, 1987, p. VII)

¹³ Cf. Molins (2000); Carmelo (1999).

A situação em Portugal não é a mesma. Segundo Lopes (1897), antes da conquista pelos cristãos, houve alguns autores de prestígio na literatura em língua árabe

[...] mas com a sua morte política tiveram a litteraria; e para isso devem ter concorrido principalmente o seu diminuto numero, e a falta de uma forte tradição litteraria, porque nunca aqui houvera grandes centros de cultura. Mas em Hespanha não succedeu assim; e depois da litteratura arabica, veiu a aljamiada bastante notavel. (LOPES, *ibid.*, IX)

Em oposição à extensa produção aljamiada espanhola, em português só se conhecem esses oito textos que, em 1897, o arabista português, David Lopes, publica pela primeira vez, no livro **Textos em aljamía portuguesa**. Segundo Lopes (1940), os textos não são originais, são cópias vertidas da tradução em português dos originais árabes. Os documentos não são datados e nem apresentam identificação do copista que os verteu em aljamia. Dos oito textos, sete são cartas endereçadas ao rei Dom Manuel e a outras autoridades portuguesas; o último é um juramento ("Juramento que faz o Turco quando comete alguma grande coisa"). Cinco das cartas – as mais extensas – são do mesmo autor, o caudilho mouro a serviço da Coroa portuguesa, em Marrocos, Ialḥ ia Bentafuf, a quem Lopes (1897;1940) dedica grande parte de seu trabalho; as outras duas são de dois chefes marroquinos – o xeque Saíde do Cabo de Guer¹⁴ e o xeque Buslisba‘ da Enxovia¹⁵.

Lopes (1940, p. 09), refere que os documentos originais em aljamia encontram-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa e que são todos originários da região de Safim, povoação antiga, à beira-mar, na costa atlântica de Marrocos, que, à época, início do século XVI, estava sob o domínio português. Os textos versam sobre questões marroquinas e nenhum é datado. Existe uma rubrica sobre a capa do caderno, onde se encontram os documentos, indicando que eram em número de 21. Mas quando da pesquisa de Lopes, em 1897, só havia esses oito apresentados na sua publicação. Três dos oito textos possuem o original árabe com a respectiva tradução para o português. Há, também, na Torre do Tombo, cartas de Bentafuf escritas em português, no entanto, a assinatura é diferente da letra do texto, indicando que este não seria de seu punho. Lopes (1940) argumenta, ainda, que a presença entre eles de versão em árabe e português, a sua semelhança com a versão em português, e a

¹⁴ "Topônimo identificado com Santa Cruz do Cabo de Guer, actual Agadir, deve o seu nome à tribo *Igir*" (FARINHA, 1997, p. 471)

¹⁵ A região da Enxovia era muito rica em trigo e quase todos os seus habitantes eram *mouros de guerra*, isto é, contrários aos portugueses e, segundo Lopes (1940, p. 94-95), por esses dois motivos, os capitães de Azamor – a cidade mais próxima –, freqüentemente a invadiam para capturar pessoas e recolher o trigo guardado em covas ou silos, chamados pelos habitantes da Enxovia de "matmora" (termo que originou "masmorra"). Lopes supõe que por causa dessas grandes covas para guardar o trigo, surgiu o termo comum "enxovia", para designar, prisão úmida e escura, sinônimo de *masmorra*.

análise do papel utilizado indicam que eles não são originais, e sim cópias, em aljamia, das versões portuguesas traduzidas do árabe.

Além dos dois títulos de Lopes citados acima, outros trabalhos também foram publicados versando sobre a aljamia portuguesa, dentre os quais, podemos citar o artigo de Gonçalves Viana, publicado, em 1892, na revista Estudos de fonética e fonologia: *Dois fatos de fonologia histórica portuguesa*¹⁶; o artigo do Dr. W. Giese, publicado, em 1931, na revista Biblos (t.VII, pp. 482-511, Coimbra, 1931): *Como os Mouros de Asfi grafavam o português*; a comunicação apresentada por Paul Teyssier ao XIV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas, em Nápoles: *Os textos em "aljamia" portuguesa: o que eles nos ensinam sobre a pronúncia do português no início do século XVI*¹⁷; e o artigo de L. Patrick Harvey, publicado na revista Portuguese Studies Volume 2, pp 1 - 14: *Aljamia portuguesa revisitada*¹⁸.

1.1 EM TORNO DO PERSONAGEM HISTÓRICO BENTAFUF

Lopes consagra muitas páginas de seus livros à biografia do autor de cinco das oito cartas aljamiadas, Sidi Ialḥ ia Bentafuf, caudilho mouro que teve um importante papel, como veremos, durante o protetorado português, em Marrocos, no início do século XVI.

Segundo Farinha (1999), os motivos que levaram Portugal ao Norte da África ligavam-se ao expansionismo ibérico e europeu

No plano militar pretendia assegurar posições estratégicas no estreito de Gibraltar, no mar Mediterrâneo e ao longo da costa ocidental africana. Na perspectiva política reivindicava a posse das praças africanas como esteio da independência do Reino e a garantia do equilíbrio das forças peninsulares. Na dimensão ideológica persistia no projecto de alargar as fronteiras cristãs, continuando a obra da Reconquista. Como razões de carácter económico aduzia a riqueza em cereais, gados e outros produtos das regiões costeiras de Marrocos e o comércio dos artigos fabricados nas cidades do Magrebe que eram trocados em diversos lugares do mundo frequentado pelos portugueses, sobretudo na África Negra. (FARINHA, *ibid.*, p. XLIV e XLV)

Os portugueses instalaram-se em Azamor, Mazagão e Safim, cidades que dominavam as regiões férteis da Enxovia e Duquela. A autoridade nas praças marroquinas era precária devido às lutas internas entre as várias tribos, que não tinham regras claras quanto às questões sucessórias. Isso facilitou ao império a sua instalação naquelas cidades, e Bentafuf,

¹⁶ "Deux faits de phonologie historique portugaise."

¹⁷ "Les textes em 'aljamia' portugaise; ce qu'ils nous apprennent sur la prononciation du portugais au début du XVI^e siècle."

¹⁸ "Aljamia portuguese revisited."

involuntariamente, foi um dos que favoreceu o plano português, à época, para a tomada da posse de Safim¹⁹.

O período do domínio português foi marcado por muita luta e muita dificuldade para manter o poder nessas regiões, no entanto

Vários sucessos importantes de carácter económico, como o do comércio de tecidos produzidos na região de Safim, o dos objectos de cobre manufacturados na zona do Suz, a importação de trigo e de gado, prometiam uma empresa com êxito garantido. Alguns triunfos militares e políticos contribuíram, igualmente, para a persistência da luta no Magrebe. Entre eles figura o reconhecimento da soberania portuguesa sobre o Algarve de além mar em África, aceite por Mulei Xeque (1471), e a existência de um vasto território de "mouros de pazes" junto das praças de Safim e de Azamor, nas primeiras décadas do século XVI (FARINHA, 1997, p. XLIX).

Duarte Pacheco, Valentim Fernandes, mesmo não sendo historiador, e Lião Africano são os primeiros autores a darem notícias pormenorizadas sobre Safim no século XVI. Cidade à beira-mar, tinha um tráfico grande de produtos: ouro, prata, mel, cera, manteiga, panos, courama, etc.²⁰

Lopes (1940, p. 107 *et seq.*) considera ter sido fácil para os portugueses conseguirem o domínio de Safim, por conta das rivalidades das famílias poderosas, que quase sempre terminavam tragicamente. Quando o alcaide Abderramão foi assassinado, no fim de 1506, Portugal foi favorecido ao fomentar a desavença entre os dois caudilhos mouros, Aleximão e Bentafuf, assassinos daquele e, agora, senhores de Safim. Os amigos do alcaide assassinado se opunham vigorosamente aos dois caudilhos, que tiveram de pedir auxílio ao português Diogo de Azambuja, que estava em Safim para supervisionar a construção do Castelo Real de Mogador. Aleximão foi o encarregado do pedido de ajuda, e, para ser atendido, teve de aceitar algumas imposições de Portugal, para onde tinha ido, na companhia de Azambuja e mais três mouros importantes de Safim. A mais importante das imposições foi ter de ajudar na instalação de uma nova feitoria, ponto estratégico para os portugueses à beira-mar, de onde poderiam receber provisões.

Bentafuf ficara sozinho governando Safim, onde a situação havia se agravado com a notícia dos acordos entre os atuais governantes e os cristãos. A população via com desconfiança o movimento para a construção da fortaleza, assim como Bentafuf, que ficara abertamente contra os portugueses, talvez na tentativa de captar a simpatia dos mouros, seus correligionários, que já o reprovavam por conta do episódio do assassinato do alcaide Abderramão.

¹⁹ Cf. Lopes (1940).

²⁰ Cf. Lopes (1940, p. 109).

Azambuja mostrou-se indignado com as atitudes de Bentafuf e disse a Aleximão que o queria como único senhor de Safim, pois só nele podia confiar: Bentafuf deveria ser assassinado. Enquanto isso não acontecia, Aleximão tramou, com uma tribo vizinha, um saque às habitações dos amigos de Bentafuf, que se revoltariam, assim, contra o mouro. Depois do ataque, o alcaide, temeroso por sua vida, procurou asilo na recém-construída feitoria, de onde foi mandado para Lisboa. A intenção de Azambuja ao embarcá-lo para a Europa era de que o mouro, na Corte, fosse castigado por seus atos adversos aos interesses da Coroa portuguesa praticados na cidade conquistada. Mas tudo foi ao contrário, e o mouro conseguiu a amizade de poderosos em Lisboa.

Assim, Aleximão tornou-se o único senhor de Safim. Contudo, talvez arrependido da traição aos seus, não cumpria adequadamente sua parte no acordo, gerando o pretexto necessário para Azambuja conseguir dele uma declaração de guerra e tomar, definitivamente, após uma inexpressiva resistência, o poder de Safim. Vendo que qualquer tentativa de oposição era inútil, o povo pede a paz a Azambuja.

Assim foi Safim incorporada à Coroa Portuguesa, em 1508, recebendo Azambuja, como reconhecimento pela sua ação, o governo da cidade. Quanto a Aleximão, fugiu para uma povoação da Enxovia, situada às margens do rio Morbéa.

Quando Bentafuf foi mandado para Portugal por Azambuja, o objetivo do português era que ele fosse castigado por sua atitude contrária aos interesses do império; porém, na Corte, o mouro fez amizade com poderosos e nunca foi punido por suas graves faltas. Lopes (1940, p. 119) estima que sua volta a Safim deve ter-se dado no começo de 1511, para onde veio como alcaide de ‘Abda e Garbia, com a finalidade de apaziguar as populações que vinham contra Safim de toda a Duquela e além, para por fim ao domínio português.

Não se passou muito até que começassem a surgir reclamações contra o alcaide: fazia-se chamar de rei, libertava mouros cativos, incitava algumas tribos a não pagarem os tributos, teria escrito ao rei de Marrocos²¹ que agia a favor dos cristãos por ter seus filhos cativos em Safim, entre outras alegações. O então capitão de Safim, Ataíde, enviou documentos contendo as acusações feitas a Bentafuf para a Corte, que pediu sua presença em Lisboa. Receando que o afastamento do alcaide pudesse indispor os mouros de pazes, Ataíde guarda a carta solicitando a presença do alcaide em Portugal para um momento mais oportuno.

Aparentemente as coisas se acalmam, e Bentafuf logra várias vitórias contra seus correligionários e a favor dos cristãos. Outra vez boatos sobre as atitudes do mouro começam

²¹ Marrocos aqui não é o país, mas uma das cidades do reino de Marrocos, que, em árabe, denomina-se *Al-Mamlaka al-Magribiyya* "O Reino Magrebino". (FARINHA, António Dias, 1971, p. 16).

a surgir: Bentafuf não teria deixado que se enforcasse um mouro conforme ordenara o capitão, dando a entender que o mando era seu; teria matado um dardeiro de Sua Alteza; dizia-se que, em segredo, comprava cavalos e recrutava gente para fugir com a de Garbia e ‘Abda, para fortalecer-se e atacar Safim.

Cheio de suspeitas, em 31 de agosto de 1514, Ataíde lança a mão da carta recebida há algum tempo e embarca Bentafuf, com o intérprete e amigo, Salomão, para Portugal. O capitão escreve ao rei narrando os crimes do mouro, mas nenhuma de suas queixas recebe qualquer atenção. Ao que parece, o alcaide desfrutava da proteção de poderosos, de gente com muita influência junto ao rei. O mouro esteve, assim, em exílio na Corte, até a morte de Ataíde, em maio de 1516, quando é nomeado D. Nuno Mascarenhas como novo capitão de Safim, e Bentafuf volta com ele como alcaide de toda a região da Duquela, que abrange além de ‘Abda e Garbia, Charquia.

Já em terras marroquinas, mais uma vez, os boatos, as intrigas e os conflitos surgem, fomentados pela atmosfera de desconfiança que pairava entre os três grupos habitantes da região: mouros, cristãos e judeus. As freqüentes ameaças dos governantes das cidades não controladas pelo império (principalmente, Marrocos e Fez) geram medo entre dominadores e dominados, e, apesar dos sucessos alcançados por Bentafuf, nas campanhas contra seus correligionários, também o novo capitão se enche de suspeitas contra ele. Todas as suas tentativas de resolver as questões com os seus adversários são deturpadas, como se queixa na carta fac-similada que analisaremos e, mais uma vez, se vê no centro de intrigas, envolvendo questões de lealdade, alianças, estratégias e interesses, como da primeira vez em que foi mandado para a Corte.

Bentafuf nunca renegara sua fé, mas, apesar de controlar um grupo muito grande de mouros – os de pazes – sempre foi visto com desconfiança pelos mouros seus contrários, a quem fazia guerra e que suspeitavam de suas relações com os *infiéis*. Também nunca foi aceito como fiel e leal servidor pelos cristãos e, por volta de fevereiro de 1518²², foi assassinado pelos seus correligionários.

Durante algum tempo pensou-se que as cartas de Bentafuf, transcritas em aljamia, eram de seu punho. Todos os documentos, porém, os dele e os de outros, são do mesmo copista cuja identidade, como já se disse, não é conhecida.

A freqüente dificuldade de manter o domínio nessas áreas levou à perda, em 1541, de Santa Cruz do Cabo de Guer (Agadir), depois dessa derrota, os portugueses desistiram de

²² Os dois livros de Lopes referem datas diferentes para a morte de Bentafuf. Em 1987 diz "Passava-se isto em 1508 ou 1509, e desde então até 1520, em que foi assassinado...", já, em seu livro de 1940: "Foi cêrca do dia 16 de Fevereiro de 1518, que Bentafuf foi assassinado, poucos dias antes."

tentar manter o domínio nessa região e decidiram abandonar Safim e Azamor, no mesmo ano²³.

1.2 BREVE HISTÓRIA DA LÍNGUA ÁRABE

A partir da expansão islâmica nos séculos VII e VIII, a língua árabe tornou-se o idioma oficial do mundo árabe que abrange hoje uma vasta área geográfica, com vinte e três países, na África e na Ásia, e é, conforme afirma Vargens (1999, p. 6), a língua árabe, em sua forma escrita, a língua religiosa de mais de um bilhão de muçulmanos, distribuídos por todos os continentes.

O árabe pertence ao grupo das línguas semíticas e apresenta uma série de características que o diferencia das línguas ocidentais. Sua escrita é lida da direita para a esquerda e não apresenta oposição entre letra maiúscula e letra minúscula. Em nível morfológico, um de seus traços mais marcantes, como das demais línguas semíticas, é que a grande maioria das palavras é formada de uma raiz "trilítera", isto é, que consta de três segmentos consonantais que formam o radical, que apresenta o significado básico da palavra. Então, por exemplo, para expressar a idéia de "estudar", usam-se as letras درس "drs"; د "d" para representar a primeira consoante radical, ر "r" para a segunda, e س "s" para a terceira²⁴. Pensando na sua representação escrita, um conhecedor da língua, ao observar a seqüência درس "drs", logo lhe vem à mente a noção de "estudar". Em termos de língua falada, a formação de palavras prevê a união dessa base radical com morfemas, sejam estes realizados por consoantes, vogais longas, vogais breves, dobramento de consoantes, alongamento e fechamento de sílaba em consoante. Por exemplo, para se obter o verbo "estudar", é necessário o acréscimo da vogal breve fatĥa a ـ, que serve para fechar as três sílabas da raiz: دَرَسَ [‘darasa] que passará a significar "ele estudou".

Outro fato concernente à língua árabe é a manutenção de sua integridade na modalidade escrita padrão. Diferente do latim que se desenvolveu, ao longo dos séculos, dando origem às escritas neolatinas, o árabe escrito, de certa forma, não reflete tão diretamente as habituais mudanças que atingem às línguas em geral, provavelmente por se tratar da língua do Alcorão, referência de imutabilidade das palavras sagradas. Sua existência remonta há séculos. Gabrielli (1965) menciona que os escritos mais antigos de que se tem notícia foram inscrições funerárias, que datam do século IV, e apesar, ao que parece, de já haver, antes do advento do Alcorão, na Península Arábica, uma poesia que utilizava uma língua já bem elaborada²⁵, ela não era escrita. Os poemas eram compostos para serem recitados em público e não chegaram a nossas mãos

²³ Farinha (1997, p. LI).

²⁴ A disposição destas letras é fundamental à integridade da raiz, e a alteração da ordem implica mudança total de significado.

escritos anteriores ao Alcorão, que, até onde se sabe, foi a primeira obra em prosa composta na língua.

Segundo a tradição "a Revelação era escrita nos primeiros objectos que se encontravam à mão: omoplatas de carneiros, tabuinhas de madeira, pedras lisas, folhas de palmeira, etc. Outras vezes ficava apenas retida na memória dos primeiros fiéis que a recitavam frequentemente".²⁶

Apenas em 651, sob o califado de Othman (o terceiro califa a governar depois da morte de Maomé) foi estabelecida a forma literária definitiva do Alcorão.

A longevidade da língua escrita árabe é atribuída, por muitos, ao seu carácter sagrado. É a língua da Revelação; Maomé teria recebido as mensagens de um anjo de Deus nessa língua, que está eternizada no seu livro sagrado: o Alcorão.

Língua-corpo da revelação, o árabe, em sua forma escrita, adquiriu naturalmente um carácter sacralizado, miraculoso, impondo-se como a única língua de legítima manifestação da palavra de Deus. Assim, desde sempre, o muçulmano de todo o mundo faz sua oração em árabe, independentemente da língua que impera em seu país. Já por esta razão, pode-se compreender que o muçulmano não admita a tradução do Alcorão mesmo com a finalidade da reza e da recitação... (HANANIA, 1999, p. 10).

Segundo o historiador tunisiano do século XIV, Ibn Khaldun (1332-1406), desde os primórdios do Islã, os árabes começaram a se preocupar com a conservação da língua:

A linguagem para cada povo é tal como a fêz o acordo geral. Entre os Árabes, a faculdade da palavra é mais bela que alhures, e mostra tôda a sua superioridade pela clareza com que enuncia o pensamento. (...) É a esta concisão que se refere a idéia enunciada pelo Profeta, quando disse: 'Recebi (de Deus) palavras que dizem muito, e meu estilo se distingue por sua extrema concisão.' (KHALDUN, 1960, p. 302 e 303).

E esta concisão estava sendo ameaçada, pois, após a promulgação do Islã, os árabes se espalharam pelo mundo, levando consigo, além da palavra de Deus, a sua língua, que em contato com a língua do *al-'ajam* (o estrangeiro) estava adquirindo "expressões que não coadunavam (com o gênio da língua árabe), e que nela se tinham introduzido pelo hábito de ouvir falar os que, entre os estrangeiros, tinham tomado os usos e costumes dos árabes"²⁷, e era preciso protegê-la dessa ameaça, a fim de que o acesso ao Alcorão e à Sunna²⁸ não ficasse

²⁵ "Era uma linguagem formal, com refinamentos de gramática e vocabulário, que evoluiu aos poucos, talvez pela elaboração de um dialeto particular, ou talvez pela junção de vários" (HOURANI, 1994, p. 30)

²⁶ Camilo-Alves (1997, p. 47).

²⁷ Cf. Ibn Khaldun (1960, p. 303)

²⁸ Após a morte do Profeta, os problemas que surgiam em todos os âmbitos (político, administrativo ou religioso), e que não estavam previstos no Alcorão, ocasionaram uma minuciosa investigação de tudo o que Maomé havia feito e dito, para saber-se como se devia agir e como se conduzir. Mais tarde, essa pesquisa se estendeu aos companheiros mais constantes do Profeta, busca esta que resultou na *sunna*: conjunto de atos e palavras de Maomé. "Sunna significa precisamente conduta, modo de agir" (Camilo-Alves 1997: 88) Durante muitos anos os testemunhos das ações do Profeta e seus companheiros eram orais, e, de acordo com Camilo-Alves (1997), somente no século IX foram compilados. Esses textos, depois do Alcorão, são os mais importantes

vedado, no futuro, aos fiéis. Por este motivo, segundo Khaldun, começou-se a pensar numa maneira de sistematizar uma padronização da língua: "Querendo prevenir êste perigo, tiraram das expressões em uso na sua língua certas regras que se deviam aplicar de maneira absoluta para a conduta desta faculdade, e, que se pareciam com os universais ou princípios gerais." ²⁹

Para Hourani (1994), os motivos que levaram ao desenvolvimento das ciências da linguagem árabe foi a necessidade dos usuários da língua oriundos das cidades conquistadas, que não eram árabes e queriam compreendê-la. Assim, os que se dedicavam à investigação do funcionamento da língua árabe eram pessoas "para quem o árabe era uma língua adquirida e que tinham de pensar sobre ela"³⁰. Então, no século VIII, um homem de origem persa, Sibawayh (morto por volta de 793, ou talvez mais tarde)³¹, compilou a primeira gramática árabe; obra esta que deu origem a numerosos escritos posteriores sobre o assunto.

Os povos árabes também atribuem à poesia uma parcela da responsabilidade pelo conservadorismo da forma escrita da língua. A poesia árabe clássica nunca foi esquecida:

A poesia árabe clássica, ainda hoje em dia em uso, tem por base a métrica quantitativa na qual a alternância de sílabas longas e breves dá uma musicalidade e ritmo extraordinários como ocorre com os versos castelhanos de Juan e Mena ou de Rubén Darío. Estas características são as que explicam o arroubo com que pessoas pouco cultivadas e incapazes de entender o que lêem recitam em voz alta as composições de seus clássicos. (VERNET, s.d., p. 11)³²

Embora não tenha chegado até nós nenhum documento da época pré-islâmica, Le Bon (s.d., p. 553) diz que muito antes de Maomé, os árabes participavam de concursos literários, na cidade de Ukad, nas proximidades de Meca. As obras vencedoras eram inscritas em letras de ouro e penduradas (daí seu nome em árabe *al-mu'allaqat*: as penduradas) na Caaba³³ a fim de que fossem legadas à posteridade.

Em virtude do costume de conservar na Caba³⁴ as poesias mais notáveis, sete desses poemas, as mualakat, chegaram até nós, e são obras que descrevem as guerras da Arábia, a rude e selvagem natureza do deserto, as aventuras dos nômades, etc. (LE BON, s.d., p. 553).

Giordani (1992, p. 230) diz que o que nos chegou da poesia foi graças "à tenacidade da memória dos recitadores, pois que a maioria dos poetas pré-islâmicos era analfabeta" e essa só

para os muçulmanos, e crer na suna faz parte da fé islâmica.

²⁹ Khaldun (*ibid.*).

³⁰ Hourani (1994, p. 67).

³¹ Cf. Meisami; Starkey (1998, p. 718)

³² "La poesia árabe clásica, aún hoy en día en uso, tiene por base la métrica cuantitativa en la que la alternancia de sílabas largas y breves da una musicalidad y ritmo extrarodnarios como ocurre con los versos castellanos de Juan de Mena o de Rubén Darío. Estas características son las que explican el arrobamiento con que personas poco cultivadas e incapaces de entender lo que leen recitan en alta voz las composiciones de sus clásicos."

³³ "Prédio quadrado em Meca que abriga a pedra negra, supostamente parte do primeiro templo a Deus." (DEMANT, 2004)

³⁴ No original, Caba por Caaba.

foi recolhida dois ou três séculos após sua composição por grandes poetas, filólogos e críticos, que nos possibilitaram o seu acesso. As versões que nos chegaram foram produzidas "à luz das normas lingüísticas ou poéticas"³⁵ do compilador, fato que suscitou entre os pesquisadores do assunto dúvidas quanto à época em que estes textos realmente foram produzidos.

Séculos depois da expansão islâmica, os árabes continuaram a cultivar seu amor pela poesia, e mesmo quando o centro do Império foi transferido para outros lugares, tais como Damasco, Al-Ândalus e Bagdá, o tema continuava sendo o mesmo: "a velha construção da poesia beduína segue entretanto em pé no século IX"³⁶. Mesmo num ambiente completamente diferente do da Península Arábica, continuavam a cantar os camelos, os acampamentos, os cavalos, o deserto; e todo homem instruído, a par de sua ocupação principal, era também poeta "e assim houve motivo para dizer que os árabes produziram sòzinhos mais poesia que todos [...] sendo tão grande o seu carinho por ela que muitas vêzes redigiram em verso livros de teologia, filosofia e até álgebra. A maioria de seus escritos é entremeada de trechos poéticos."³⁷

Segundo Haywood e Nahmad (1965, p. 1), o árabe está dividido, em:

(a) **árabe clássico** - língua do Alcorão, da poesia pré-islâmica e usada pelos escritores no período medieval; era falada pelos árabes e povos arabizados na vida cotidiana, na administração, na cultura e nas ciências. Segundo Bernal (1988), os anos de 1257 a 1800 marcaram sua decadência: "no qual o árabe foi cedendo seu lugar a outras línguas (por exemplo, ao castelhano em al-Ândalus), até quase sua desapareição em algumas regiões do mundo islâmico"³⁸. Mais tarde, alguns países islamizados, como a Pérsia e a Índia, retomaram a sua língua própria; conservaram, no entanto, muitas palavras de origem árabe, no vocabulário, e os caracteres arábicos, na escrita.

(b) **árabe literário moderno**, é uma língua escrita única, ensinada nas escolas, referencial para a fala nos veículos de comunicação, nas universidades e nos atos públicos, em todos os países do mundo árabe.

atribui-se, atualmente, a designação de árabe literário, árabe moderno, neo-árabe, etc. a este seu herdeiro nosso contemporâneo. No entanto a morfologia da língua moderna não é muito diferente da língua clássica. A sintaxe, a estilística e a fraseologia receberam várias inovações, algumas delas inevitavelmente de origem europeia. O vocabulário revela também numerosos modernismos. Foi necessário criar termos que traduzissem objectos e conceitos até aí desconhecidos. Este esforço de adaptação foi efectuado com êxito a partir de raízes antigas. As novas palavras tinham assim uma ascendência ilustre. No entanto, existem hoje variados termos de proveniência europeia que não foi

³⁵ Cf. Hourani, 1994.

³⁶ Cf. Gómez (1959, p. 22).

³⁷ Cf. Le Bon (s.d., p. 555).

³⁸ "en el qual el árabe fue cediendo su lugar a otras lenguas (por ejemplo, al castellano en al-Andalus), hasta casi su desaparición en algunas regiones del mundo islâmico." (BERNAL, 1988, p. 111).

possível derivar de raízes árabes ou que competiram vantajosamente com os neologismos árabes. (CAMILO-ALVES, 1997, p. 66)

(c) **fala moderna ou árabe coloquial.** O *árabe falado ou coloquial* apresenta diversas variantes dialetais de acordo com a região e não possui tradição escrita. Esses dialetos diferem do árabe escrito, e um do outro, em pronúncia, vocabulário e gramática e são usualmente rotulados de acordo com a área geográfica. Haywood e Nahmad (1965) dividem essas áreas em Egito (Baixo Egito), Sudão e Alto Egito, Magrebino (que abrange Tunísia, Argélia e Marrocos), Costa do Levante (Síria e Líbano), Iraque e Península Arábica.

O árabe coloquial é, por conveniência, dividido em áreas geográficas, cada uma com suas características e peculiaridades próprias; mas em cada área há uma diversidade considerável de subdialetos. Entretanto, os dialetos principais têm todos certos traços e tendências em comum e raramente são completamente ininteligíveis entre si. (HAYWOOD E NAHMAD, 1965, p. 496 e 497).³⁹

1.3 O SISTEMA DE GRAFAÇÃO DA LÍNGUA ÁRABE

Não pretendemos fazer uma descrição detalhada da escrita da língua árabe, e alguns estudiosos do assunto talvez até se ressintam com a ausência de aspectos fundamentais: o objetivo aqui é apenas levantar alguns fatos relevantes para o estudo em questão. Devemos, também, chamar a atenção para a questão de que forma de árabe estamos tratando. Já foi dito que o árabe falado, pelo menos em grande parte do mundo árabe, é diferente do árabe encontrado no Alcorão, porém, a sua forma escrita atual, apesar das terminologias distintas que recebe (literário, moderno, standard, neo-árabe...), não apresenta uma diferença muito significativa da língua do livro sagrado, ainda mais no que concerne ao seu sistema de escrita. Isto nos permite usar indistintamente as terminologias "clássico" ou "literário" para a mesma forma de árabe, isto é, o árabe escrito.

1.3.1 O alfabeto

Como já foi dito, a escrita árabe efetua-se da direita para a esquerda, e seu alfabeto é composto de 28 letras, que não apresentam oposição entre maiúscula e minúscula, nem entre letras manuscritas e mecanográficas. A maioria delas (vinte e duas) se liga entre si num estilo cursivo, que: "caracteriza-se por as letras serem encadeadas e existirem ligaduras entre elas"⁴⁰,

³⁹ "Colloquial Arabic is, for convenience, divided into geographical areas, each with its own general characteristics and peculiarities; but within each area there is considerable diversity in sub-dialects. Nevertheless, the main dialects all have certain features and tendencies in common and are seldom mutually completely unintelligible."

⁴⁰ DUARTE, Luiz Fagundes Duarte. **Pequeno dicionário de termos da crítica textual**. Lisboa, 1987, p. 15. Trabalho não publicado.

apresentando, assim, de duas a quatro formas, conforme estejam ligadas à letra anterior, à posterior, ou estejam isoladas.

Tomemos como exemplo desse fato a letra *lām*, que representa o <l>. Quando isolada, tem a forma ل, como em وَصُولٍ /wu'su:l/ "chegada"; nas formas ligadas, em início de palavra, toma a forma ل, como em لِلْبَنَانِ /lub'na : n/ "Líbano"; em posição medial, ل, como em مَلِكٍ /malik/ "rei", e em posição final, ل, como em كَامِلٍ /ka.mil/ "perfeito". Podemos observar que as formas isolada, inicial e final, não são tão distintas; a mudança maior é percebida apenas na posição medial.

As letras restantes, isto é, as que somente se ligam à letra anterior, não podem se unir às subseqüentes, pois tal ligação faria com que elas possivelmente fossem confundidas com outras letras com as quais elas passariam a assemelhar-se. As letras que se ligam à direita e à esquerda não apresentam uma alteração muito significativa quanto ao seu aspecto isolado, como poderemos observar na tabela abaixo⁴¹.

Isolada	Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final	Nome	Transliteração	Valor Fonético
ء ⁴²	أ / إ	أ ب ج د ه و		hamza	'	[ʔ]
ا	ا / آ			'alife	ā	[a :]
ب	ب	ب	ب	bā'	b	[b]
ت	ت	ت	ت	tā'	t	[t]
ث	ث	ث	ث	ṭā'	ṭ	[θ]
ج	ج	ج	ج	ǧīm	ǧ / dʒ	[dʒ] [ʒ]
ح	ح	ح	ح	ḥā'	ḥ	[ħ]
خ	خ	خ	خ	ḫā'	ḫ	[x]
د	د / ذ			dāl	d	[d]
ذ	ذ / ذ			ḏāl	ḏ	[ð]
ر	ر / ر			rā'	r	[r]
ز	ز / ز			zāy	z	[z]
س	س	س	س	sīn	s	[s]

⁴¹ Tabela adaptada do *site* <http://gl.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_%C3%A1rabe>

⁴² O hamza será visto mais detalhadamente em 1.3.1.3.

ش	ث	ث	ش	šīn	š	[ʃ]
ص	ط	ط	ص	ṣād	ṣ	[s]
ض	ظ	ظ	ض	ḍād	ḍ	[d]
ط	ط	ط	ط	ṭā'	ṭ	[t]
ظ	ظ	ظ	ظ	ẓ ā'	ẓ	[θ]
ع	ع	ع	ع	'ayn	ʿ	[ʕ]
غ	غ	غ	غ	ğayn	ğ	[ɣ]
ف	ف	ف	ف	fā'	f	[f]
ق	ق	ق	ق	qāf	q	[q]
ك	ك	ك	ك	kāf	k	[k]
ل	ل	ل	ل	lām	l	[l]
م	م	م	م	mīm	m	[m]
ن	ن	ن	ن	nūn	n	[n]
ه	ه	ه	ه	hā'	h	[h]
و	و / و			wāw	w , ū	[w] , [u:]
ي	ي	ي	ي	yā'	y , ī	[y] , [i:]

Tabela 1 - Alfabeto árabe

As letras *dāl* <د>, *ḍāl* <ذ>, *rā'* <ر>, *zāy* <ز>, *álife* <ا> e *wāw* <و> formam as seis letras do grupo, que não se ligam cursivamente à posterior. Observa-se que só apresentam uma ligeira alteração quando seguidas de uma letra que a elas se ligam, como a letra *dāl* <د> na palavra *مَدِينَة* /ma'di:na/ "cidade".

É importante salientar, para o estudo em questão, que os árabes do norte da África distinguem o *fā'* <ف> do *qāf* <ق>, escrevendo o primeiro com o ponto sob a letra, assim: <ف>, enquanto que o último apresenta apenas um ponto sobre a letra: <ف>. Este fato não é restrito aos dias atuais, pois ele já era encontrado em manuscritos antigos, como na aljamia.

Adotaremos, no corpo deste trabalho, para as transcrições dos nomes árabes (comuns ou próprios) as letras constantes na coluna "transliteração" da tabela 1 por serem as mais usadas

na literatura tradicional. Já na transcrição fonética das palavras árabes dadas como exemplo, empregaremos os símbolos do alfabeto fonético.

1.3.1.1 As consoantes

Riloba afirma que nem todas as consoantes do alfabeto árabe são pronunciadas da mesma maneira em todo o mundo árabe: "Das 28 letras do alfabeto, 21 delas têm igual pronúncia em todos os países árabes, e as sete restantes, segundo as diversas regiões, têm sua pronúncia muito variada."⁴³

Não existe um consenso entre os foneticistas quanto à classificação dos fonemas consonantais do árabe clássico. Vargens (1999, p. 22) aponta que isso se deve ao fato de o árabe clássico ser uma língua essencialmente escrita, o que dificulta a exata descrição fonética dos sons, e acrescenta que as divergências não chegam a ser significativas porque são diferenças apenas no plano fonético. Em nossa apresentação das consoantes da língua aqui estudada não pretendemos dirimir essas controvérsias, nem fazer uma descrição perfeita do quadro do consonantismo do árabe clássico, mas apenas apresentar suas linhas gerais para uma melhor compreensão das decisões tomadas neste trabalho.

Como podemos observar na tabela 1, o sistema gráfico do árabe dispõe de alguns caracteres aos quais não é possível atribuir um correspondente nas línguas latinas, uma vez que simbolizam fonemas característicos do árabe.

De um modo geral, podemos concluir que as consoantes árabes que apresentam correspondência no português são treze:

Exemplos	Fonema	Grafema	Exemplos	Fonema	Grafema
xícara	/ʃ/	<ش>	bala	/b/	<ب>
faca	/f/	<ف>	tatu	/t/	<ت>
casa	/k/	<ك>	janela	/z/	<ج>
luva	/l/	<ل>	dado	/d/	<د>
maca	/m/	<م>	caro	/r/	<ر>
nuca	/n/	<ن>	zebra	/z/	<ز>
			senhor	/s/	<س>

Tabela 2 - Grafemas árabes que apresentam correspondência no português

⁴³ "De las 28 letras del alfabeto, 21 de ellas tienen igual pronunciación en todos los países árabes, y las siete restantes según las diversas regiones, tienen muy variada su pronunciación." (RILOBA, 1973, p. 5.).

O *wāw* <و> e o *yā'* <ي>, como observa Jubran (2004), são designados por vários termos como "consoantes fracas", "consoantes instáveis", "semivogais" e "semiconsoantes". Os dois primeiros termos explicam-se porque, quando essas letras fazem parte do radical de uma palavra, podem ser substituídas uma pela outra, como na palavra مَوْتٌ ['mawt] "morte", que tem o *wāw* como a segunda letra radical e que passa a *yā'* na palavra مَيِّتَةٌ ['mayta] "cadáver"; são consideradas "semivogais" quando estão antecederidas de vogais, e, quando "semiconsoantes", são como na explicação de Câmara Jr. (1981, p. 216): "consoantes fricativas, palatal (como j- no al. *jemand*) ou labiovelar (como w- no ing. *war*), que correspondem a um /y/ ou um /w/, respectivamente, com uma fricção que as faz consoantes constrictivas."

As demais consoantes não têm equivalência no português; algumas, porém, não são exclusivas da língua árabe. No inglês, por exemplo, existe a interdental não-faringalizada surda *tā'* <ث> /θ/, em palavras com "th", como *think*, *thanks*. Em algumas áreas de língua árabe esse grafema é pronunciado como [t]. Em seu livro *Lecciones de árabe marroquí*, Vizúete ([1911?], p. 19) diz "A pronúncia desta letra se confunde no Marrocos com a do <ت>"⁴⁴. A consoante interdental não-faringalizada sonora *ḍāl* <ذ> /ð/ também existe no inglês em palavras com "th", mas, aqui, como em *this* e *those*. Smart (c1986, p. 10) refere que a consoante fricativa velar surda *ḥā'* <ح> /x/, ocorre no escocês, em palavras com "ch", como *loch*. Outros autores admitem que ela também figura no alemão, espanhol e russo. A consoante fricativa velar sonora *ḡayn* <غ> /ɣ/ é parecida com o "r" francês como em *grand* e *rouge*. Haywood e Nahmad descrevem-na "ḡayn é o som produzido em gargarejo, ou como o "r" francês com uma pronúncia gutural um pouco mais forte."⁴⁵

Dentre essas mesmas consoantes sem correspondentes em português, podemos agrupar cinco: *ṣād* <ص> (constrictiva fricativa alveolar faringalizada surda), *ḍād* <ض> (oclusiva dental faringalizada sonora), *tā'* <ط> (oclusiva dental faringalizada surda), *ẓā'* <ظ> (oclusiva interdental faringalizada sonora) e *qāf* <ق> (oclusiva uvular surda), que os

⁴⁴ "La pronunciación de esta letra se confunde en Marruecos con la del <ت>" (VIZUETE, [1911?], p. 19).

⁴⁵ "ghain is the sound made in gargling, or like the French "r" grassyé with a little more of the g in it." (HAYWOOD e NAHMAD, 1965, p. 7).

gramáticos estudiosos da língua árabe denominam de fonemas *enfáticos*, pois "se caracterizam por sua dupla articulação"⁴⁶, e que se realizam mais ou menos como seus sons correspondentes não-enfáticos /s/ <س>, /d/ <د>, /t/ <ت>, /ð/ <ذ> e /k/ <ك>, respectivamente. Segundo Vargens (1999, p. 24), a classificação "enfático" não é um termo muito conhecido pelos foneticistas ocidentais e foi proposta por Cantineau, que diz serem as consoantes enfáticas "caracterizadas por uma forte tensão dos diferentes órgãos da fonação e por um certo recuo do ponto de articulação: [t], [ʂ], [d], [q] do árabe"⁴⁷. Jubran (2004) define

esse fenômeno consiste no levantamento da parte traseira do dorso da língua em direção ao véu palatino, concomitantemente com uma outra articulação de maior estreitamento que ocorre em outro ponto das cavidades superglotais. Por isso, a velarização – ou ênfase – é sempre uma articulação secundária em relação à outra articulação. (JUBRAN, *ibid.*, p. 24)

Os gramáticos que escrevem sobre o assunto também não apontam, em outras línguas, correspondentes para as duas consoantes restantes que são: ḥā' <ح> /h/, fricativa faríngea surda, descrita por Abbud (1955, p. 12) como "gutural, semelhante a uma forte aspiração do fundo da garganta."⁴⁸ e o 'ayn <ع> /ʕ/, fricativa faríngea sonora, nas palavras de Haywood e Nahmad "gutural muito forte produzida pela compressão da garganta e expulsão de ar."⁴⁹

1.3.1.2 As vogais

O sistema grafológico árabe conta com representação aparentemente biunívoca para apenas três vogais /a/, /i/ e /u/, permanecendo /e/ e /o/ representados pelos mesmos caracteres usados para /i/ e /u/, respectivamente. As vogais podem ser breves ou longas. A diferença entre elas é observada pela duração, isto é, na fala, as vogais longas têm o dobro de tempo das vogais breves correspondentes.

Vogais breves		Vogais longas	
ـَ fatha	/a/	ا - álife	/a:/
ـِ kasra	/i/	ي - yā'	/i:/
ـُ ḍamma	/u/	و - wāw	/u:/

Tabela 3 - Vogais breves e longas

⁴⁶ "se caracterizan por su doble articulación" (CORRIENTE, 1980, p. 21).

⁴⁷ "Les consonnes emphatiques, caractérisées par une forte tension des différents organes de la phonation, et par un certain report en arrière du point d'articulation: t, ʂ, d, q de l'arabe." (CANTINEAU, 1960, p. 15).

⁴⁸ "gutural, semejante a una fuerte aspiración de lo profundo de la garganta" (ABBUD, 1955, p. 12).

⁴⁹ "is a very strong guttural produced by compression of the throat and expulsion of breath". (HAYWOOD e NAHMAD, 1965, p. 7).

As vogais breves não são representadas por letras, mas por pequenos sinais diacríticos colocados sob ou sobre a consoante com que formam a sílaba, e não fazem parte do quadro das letras do alfabeto. As vogais *fatha* "a" e *ḍamma* "u" são sempre escritas sobre a consoante, respectivamente: ب /ba/ e ب /bu/; o *kasra* "i" é sempre grafado sob a consoante: ب /bi/.

As vogais longas são também chamadas de *letras de prolongação*, quando seguem imediatamente as suas vogais breves correspondentes. Por exemplo: بَاب /ba:b/ "porta", فِيل /fi:l/ "elefante", نُور /nu:r/ "luz". As letras de prolongação *wāw* <و> e *yā'* <ي> podem estar acompanhadas de alguma das vogais breves que não lhe seja análoga, sendo que, ambas as letras conservam seu som próprio, formando ditongo, como, por exemplo: <و> /wa/, <و> /wi/, <ي> /ya/, <و> /aw/...

A oposição entre vogais breves e longas não é apenas fonética, mas fonológica. O prolongamento de uma vogal implica alteração no significado da palavra, como podemos observar nos pares mínimos:

قَتَلَ qatala/ "ele matou"	x	قَاتَلَ qa:tala/ "ele combateu"
اِسْدُقْ 'suq/ "dirige" (imperativo masculino)	x	اِسْدُوقْ 'su:q/ "mercado"
اِسْدِرْنَ sin/ "dente"	x	اِسْدِرْنَ si:n/ "nome da letra س"

Apesar de as vogais breves servirem para indicar os diversos significados de uma raiz, geralmente não se representam, com exceção do Alcorão, obras poéticas, livros escolares e alguns outros de aspecto especial - como é o caso da aljamia. Por exemplo, a palavra كَتَبَ /kataba/ possui três vogais breves "a" e significa "(ele) escreveu"; se substituirmos as três vogais pela seqüência /u/, /i/, /a/, respectivamente, teremos كُتِبَ /kutiba/, e a palavra significará "foi escrito" e, então, sem a grafiação das vogais breves (كتب), apenas o contexto poderá determinar de qual vocábulo estamos tratando. Tal fato dificulta a leitura para quem não conhece as regras gramaticais, mesmo que seja alfabetizado, pois vendo a seqüência

consonantal *ktb*, "sem nenhum caudal de conhecimentos lingüísticos" (RILOBA, [1973?], p. 19), não será capaz de imaginar que vogais podem ser utilizadas. Para um conhecedor da língua, porém, as vogais não são imprescindíveis.

Quando um texto está assinalado com vogais breves, para indicar que uma consoante não está apoiada em nenhuma delas, usa-se um símbolo chamado *sukun* <◌◌>, similar a um pequeno zero colocado em cima da letra, que indica a ausência de vogal, e que aquela letra deve ser lida unida à anterior, fechando com ela a sílaba: لَمْ يَكْتُبْ /lam 'yak-tub/ "ele não escreveu".

As vogais, quando são letras de prolongação, não costumam receber nem vogal breve nem *sukun*. Assim, não é adequado grafar نُورٌ ou نُورٌ, mas apenas نُور /nu:r/ "luz". Quando, porém, formam com uma breve um ditongo, poderão apresentar *sukun* لَوْنٌ /law:n/ "cor".

Corriente (1980) salienta que esses fonemas vocálicos "certamente não se realizam da mesma maneira em todas as ocasiões, mas apresentam alofones distribuídos segundo sua posição, entorno, dialetos, etc"⁵⁰. Isto significa que, se em sua forma escrita existe uma redução do quadro vocálico, se comparado às outras línguas, na fala, as demais vogais podem ocorrer.

1.3.1.3 O hamza

O *hamza* <ء> é classificado por Jubran (2004, p. 23) como consoante oclusiva faríngea. Ele não é representado por uma letra de módulo grande, mas por um sinal gráfico [ʔ].

Callou e Leite (2000, p. 20) descrevem-no

Quando a corrente de ar é bruscamente interrompida na glote pelo fechamento por um período mais prolongado das cordas vocais, o som resultante é denominado oclusão, ou oclusiva, glotal. A seqüência ã'ã que se usa em português como resposta negativa a uma pergunta em lugar do advérbio 'não', muitas vezes tem uma oclusão glotal [ʔ] entre as duas vogais nasais.

O *hamza*, como qualquer consoante, pode estar acompanhado de vogal breve ou de *sukun*, símbolo indicador de que a consoante fecha a sílaba com a vogal anterior. Sua escrita obedece a regras peculiares.

Quando uma palavra árabe inicia-se com *hamza*, este estará sempre escrito *sobre* ou *sob* um **suporte**, que será o álife. Se a vogal breve que o acompanha for *fatħ* a /a/ <◌◌> ou

dj amma /u/ <◌◌◌>, o *hamza* estará sobre o álife : <أَمْرٌ> /ʔamr/ "ordem" e <أُورٌ> /ʔusra/

⁵⁰ "no se realizan exactamente igual en todos los casos, por supuesto, sino que presentan alófonos distribuidos según posición, entorno, dialectos, etc." (CORRIENTE, 1980, p. 27).

"família", se for *kasra* /i/ <ِ>, o *hamza* estará sob o álife: <إِبْنٌ> /ʔibn/ "filho". No meio ou no fim de palavra, as letras *yá'* <ي>, que neste caso perde os pontos, e *wāw* <و> podem ser suportes do *hamza*: <ي> → بِئْرٌ /biʔr/ "poço", <و> → بُؤْسٌ /buʔs/ "adversidade". Todos os suportes do *hamza* são meramente ortográficos, sem qualquer influência na pronúncia.

O *hamza* pode ainda aparecer escrito sem suporte, na linha, quando estiver precedido de álife <أ>, *wāw* <و> e *yá'* <ياء>: <ي> /wuza'raʔ/ "ministros", "vizires", <يَاءُ> /ʔayʔ/ "coisa", <وَأُ> /dʔawʔ/ "luz".

Quando uma palavra ou uma sentença começa por *hamza*, este deveria sempre estar grafado, porém na prática, muitas vezes, apenas a vogal que o acompanha aparece, como <أَلْبَيْتُ> /al'baytu/ por <أَلْبَيْتُ> /ʔal'baytu/ "a casa".

1.3.1.4 Caracteres especiais

Além dos casos já apontados, vale lembrar que o sistema ortográfico do árabe apresenta, ainda, símbolos que são, na realidade, formas variantes de algumas letras, como podemos ver no quadro abaixo:

Nome	Posição Isolada	Posição Inicial	Posição Medial	Posição Final	Transliteração	Valor Fonético
álife madda	آ	آ	آ	آ	'ā	[ʔa:]
tā' marbūṭa	ة	—	ت	ة	h / t / Ø	[a], [at]
álife maqṣūra	ى	—	—	ى	ā	[a:]
lām-álife	لا	لا	لا	لا	lā	[la:]

Tabela 4 - Caracteres especiais

Notas:

- 1- O *madda* <َ> é um sinal colocado sobre o *álife* <أ>, para indicar que na palavra há um *hamza* <ء> seguido de um *álife* <أ> de prolongamento. Tomemos como exemplo a palavra "Corão", escrita قُرْآنٌ /qur'a:n/ para قُرْآنٌ. Equivale, mais ou menos, ao sinal

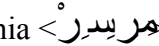
grave usado no português escrito para indicar a crase, ou seja, um sinal gráfico que indica um processo: na fala, o *madda* expressa alongamento; no português, a crase indica um processo fonético histórico de supressão.



- 2- A letra *hā'* <ه> pode figurar em final de palavras com dois pontos em cima: <ة>, e recebe o nome de *tā' marbūṭa*. Nas palavras de Vizúete "Em tal caso é, com poucas exceções, carácter distintivo de nomes e adjetivos femininos, ou de nomes que representam uma unidade ou indivíduo da espécie a que estes se referem"⁵¹. Nos vocábulos em que ele aparece, a vogal da consoante anterior é sempre *fathḥa* e, quando é a última letra da palavra, não é pronunciado, como em *مَدِينَة* /ma'di:na/ "cidade". Ele se converterá, porém, em *tā'* <ت>, prosódica e ortograficamente, quando estiver seguido de alguma vogal breve ou afixo: *الْمَدِينَة* /al-ma'di:natu/ "a cidade", *مَدِينَتِنَا* /madi:'natuna/ "nossa cidade".
- 3- Em final de palavras terminadas em /a/, às vezes é utilizado um *yā'* sem os pontos <ى>, ao invés de um *álife*, como em (*هُدًى* /huda:/ "guia", "orientação"). Este *ya'* recebe o nome de *álife maqṣṣura*. É comum omitirem-se os pontos do *ya'*, em final de palavras, sem que ele seja um *álife maqṣṣura*: *بَيْتِي* [baytī] "minha casa" por *بَيْتِي*.
- 4- A letra *lām* <ل>, quando seguida de *álife*, apresenta a figura لا, na forma isolada, ou لا, na forma ligada a uma letra anterior, e se chama *lām-álife*. Somente apresenta duas formas, porque não se une pela esquerda. Ex.: لا /la:/ "não", *سَلَام* sa'la:m/ "paz".

⁵¹ "En tal caso es, con pocas excepciones, carácter distintivo de nombres y adjetivos femeninos, ó de nombres que representan una unidad ó individuo de la especie á que éstos se refieren." (VIZUETE, [1911?], p. 23-24).

2 GRAFAÇÃO NA ALJAMIA

2.1 VOCALISMO NA ALJAMIA

O objetivo geral deste trabalho é rediscutir e propor uma representação em caracteres latinos para todos os símbolos presentes nos textos aljamiados, buscando não escamotear para o leitor a imagem gráfica do original. Assim, **todas as vogais** presentes nos documentos, longas ou breves, estarão representadas de acordo com o fonema que representam em árabe, isto é, o *álife* e o *fatḥa*, que representam o fonema /a/ estarão representados por <a>, o *ya'* e o *kasra*, que representam o fonema /i/ estarão representados por <i>, e o *wāw* e o *ḍamma*, /u/, por <u>, isto é, mesmo que na palavra, por exemplo, o *kasra* esteja representando um "e" como em "merecer" grafado na aljamia , transliteraremos com <i>. Nosso procedimento difere do de Lopes, que translitera as vogais árabes de acordo com o som da palavra no português. Isto é, sua transliteração apresenta os grafemas <e> e <o>, que, como já vimos, não possui representação em caracteres arábicos.

As vogais breves estarão sobrescritas ou subscritas de acordo com sua posição na prática de grafiação do árabe, como as vogais do vocábulo "faço", escrito em aljamia <  > transpondo-se para caracteres latinos ficarão <f^aas>, sobrescritas como são o *fatḥa* e o *ḍamma* em árabe; já "cidade", na aljamia, <  > transliterar-se-á <s_id^aad>, com o <i> subscrito, conforme a grafiação do *kasra*. Devemos assinalar, no entanto, que a posição exata das vogais breves na escrita árabe é sobre ou sob a consoante (<َ> /da/, <ِ> /di/, <ُ> /du/). Contudo, devido a dificuldades técnicas, grafaremos lado a lado em nossa edição.

Como as vogais breves já estão representadas de maneira diferenciada, optamos por grafar as vogais árabes longas pelas correspondentes portuguesas, sem sinal de indicação de quantidade: a longa *wāw* <و>, por exemplo em "como", <كُوم>, será transcrita <k^uum>.

A presença de duas vogais ou mais, nesta edição, não indica obrigatoriamente uma leitura longa da sílaba, tampouco que o redator entendia tal vogal como longa. Trata-se apenas de uma maneira de representar em caracteres latinos, grafema por grafema, a forma como o redator do texto o escreveu.

Assim como em escritos em árabe, a letra *álife* aparece, ao longo dos documentos, em início de palavras ou em monossílabos como suporte para as vogais breves ou para o *hamza*. Pelo que pudemos observar, nesses casos, como no árabe, esse uso do *álife* não representa fonema. Ele é apenas uma base sobre ou sob a qual aqueles sinais figuram: <أ>, <إ>, <آ> e <ء>. Em todas as ocorrências será representado pelo grafema <a>, entretanto devemos ter sempre em mente que ele não representará, necessariamente, o som /a/. Dessa forma a palavra

"estão", grafada <ئدتلو> na aljamia, será representada nesta edição da seguinte forma:

<a_ixt^aau^o>. Estaremos fornecendo ao leitor em língua portuguesa, por sua vez analfabeto em árabe, uma visão mais exata da motivação visual dos caracteres escritos nos textos.

Outras decisões fizeram-se necessárias. O *álife* aparece também, nos textos, sobreposto de *madda*. Como na grafologia árabe, o *madda* indica união e uma leitura mais prolongada do /a/, optamos por grafá-lo <ā>, como em <ءل و> <ʔār^au^o> "eram", de forma a não perder essa diferença visual no original. Qualquer significância gráfica ou grafo-fonética poderá, posteriormente, ser considerada.

Embora não possa ser incluído no grupo das vogais, não podemos deixar de mencionar aqui o *sukun* <◌ْ>, o pequeno círculo colocado sobre a consoante para indicar que ela não formará sílaba com vogal, mas sim que fechará a sílaba anterior. Optamos por representá-lo por um pequeno zero cortado <^o> para que não fosse confundido com um pequeno "o"

sobreposto: <هدرت> <s^ar^t> "certo".

Outro fato importante diz respeito ao fato de no árabe não existir sílaba inicial com duas consoantes. A consoante que estiver sobreposta de *sukun* deve-se ler unida à sílaba anterior, assim a palavra árabe مَدْرَسَة que significa "escola", deve ser lida ['mad-ra-sa] e não ['ma-

dra-sa]. Dessa forma, em árabe, "uma palavra nunca começa por uma letra sukunada."⁵² Na aljâmia, as palavras portuguesas que têm um encontro consonantal no início da sílaba, recebem muitas vezes sobre ou sob a consoante uma vogal breve epentética para desfazer o encontro, como podemos ver em: <تْرِیْغُ> <t.r.i.g̣ˤ> para "trigo", <اِنْتِرَاغُ> <a.i.nˤt.ṛˤa.g̣ˤ> para "entregue", <اِنْتِرَا> <a.i.nˤt.ṛˤa> para "entra".

Isto posto, podemos sintetizar nossas decisões quanto à transliteração das vogais nesta edição com a tabela nº 5 abaixo. Vale dizer que, apesar de as letras árabes apresentarem várias formas de acordo com a sua posição na palavra, optamos por apresentá-las nos quadros de correspondência apenas na forma isolada, como é a tradição nos manuais sobre a língua árabe.

CARACTER ÁRABE		TRANSLITERAÇÃO NESTA EDIÇÃO	EXEMPLO		
ا	álife	a	<بَاز>	<b ^a az ^o >	"paz"
ي	yāʾ	i	<رَي>	<r ^a i ^o >	"rei"
و	wāw	u	<اَو>	<a ^a u ^u >	"ao"
ـَ	fatḥ a	a	<بَازْ>	<b ^a az ^o >	"paz"
ـِ	kasra	i	<كِي>	<k ⁱ i>	"que"
ـُ	ḍamma	u	<سُو>	<x ^u u>	"só"
أ	álife e fatḥ a	a ^a	<أش>	<a ^a x ^u >	"acho"
إ	álife e kasra	a _i	<اِنْتِرَاوُ>	<a.i.nˤt.ṛˤu ^u u ^o >	"entrou"
إِ	álife e ḍamma	a ^u	<اِنْتِرَاوُ>	<a ^u .nˤs ^a x ^o >	"onças"
آ	álife madda	ā	<ءَا>	<ʔā>	"há"
ـْ	sukun	ˀ	<مِي>	<m ^u i ^o >	"mui"

Tabela 5 - Proposta de edição para as vogais.

2.1.1 A questão do estudo das vogais na aljâmia

Quando se transliteram os textos aljamiados, misturam-se questões de dois sistemas de escrita que reproduzem diferenças entre os sistemas lingüísticos português e árabe. É importante que os leitores que não conheçam a grafiação da língua árabe estejam conscientes de, ao menos, certos aspectos.

⁵² Ver, por exemplo, Larraya e Pimentel, 1966, p. 24.

2.1.1.1 As vogais orais

Uma grande diferença a ser observada, em relação às vogais, é o fato de o árabe só possuir, na escrita, três vogais: a vogal central baixa /a/, grafada com *álife* <ا> (longa) ou *fathā* a <اَ > (breve), a vogal anterior alta /i/, grafada com *yā'* <ي> (longa) ou *kasra* <اِ > (breve), e a vogal posterior alta /u/, grafada com *wāw* <و> (longa) ou *ḍamma* <اُ > (breve). Já foi dito que as vogais breves quase nunca se encontram grafadas nos livros, jornais e documentos em árabe. Nos textos aljamiados, contudo, todas as consoantes ou estão acompanhadas de uma vogal breve, como em <شُ > <f^ux^a> "vossa", ou podem estar acompanhadas de *sukun*: <شُ > <a^ax^ot^ax^o> "estas". Talvez isto se deva ao fato de se tratar de um texto não árabe, no qual a presença da vogal é imprescindível à sua leitura e compreensão.

Além das vogais breves e do *sukun*, uma sílaba pode apresentar uma das *vogais longas*. No sistema de escrita do árabe, as vogais, quando estão prolongando o som de uma vogal breve homófona, não recebem nem vogal breve nem *sukun*. Essa prática é repassada à aljamia. E assim está, por exemplo, em <سِدَادٍ > <s_id^aad_i> "cidade", <فِيْزٍ > <f_iiz^o> "fiz" e <كُلُّوْدٍ > <t^uud^u> "tudo". Observa-se que em nenhuma das três palavras a vogal longa recebeu vogal breve ou *sukun*. Essa prática não se verifica no caso de a palavra iniciar-se por vogal, isto é, em tal posição ela não pode ser considerada vogal de prolongação, mas apenas um suporte para a vogal breve: <كُلُّوْدٍ > <a^ax^ot^ax^o> "estas" e <فِيْشٍ > <i_ilix^o>. Note-se que nos casos em que a vogal breve é diferente da longa, ela estará assinalada: <رَمِيْدِيَارٍ > <r_im_id_ii^ar^o> "remediar".

Quando a vogal longa forma com a vogal anterior (breve ou longa) um ditongo, ela é interpretada como uma **semivogal**, sendo, nesse caso, assinalada com *sukun*, como veremos mais adiante.

Assim como nos textos do português de então, na aljamia não havia uma padronização da escrita que atingisse a todos, e o emprego das vogais breves ou longas não parecia obedecer a nenhum critério homogeneizante. A mesma palavra podia apresentar ora uma vogal breve, ora uma longa na mesma posição, como podemos observar no vocábulo "cartas", escrito <<كَرْطَشُ > <k^ar^ot^ax^o>, com todas as vogais breves, ou em sua variante <كَرْطَشُ >

<k^aar^otax^o>, em que figura com a vogal longa na sílaba tônica. Embora, na maioria das vezes, a vogal longa fosse empregada na posição em que hoje percebemos a sílaba tônica <ثَدْرُورٌ> <x_in^uur^o> "senhor", <ذَاتَادُفٌ> <fⁿo^tad_i> "vontade", em algumas palavras figura em sílabas que atualmente são átonas: <ثَدْلَبِي> <x^aabi^a> "sabia"; <غَادُوشٌ> <g^aad^ux^o> "gados". Esses poucos casos poderão ser esclarecedores de variação gráfica de uma possível versão primeira em português. Essa é uma questão para trabalhos vindouros que só se tornarão possíveis por contarem com nossa opção de edição mais conservadora que a de Lopes.

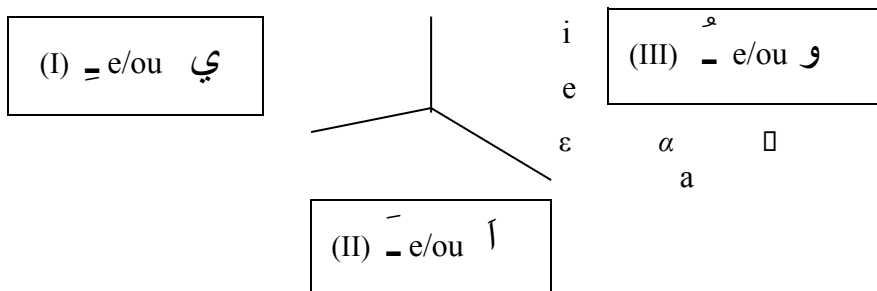
Um aspecto a ser comentado sobre o sistema gráfico do árabe, é a ausência das vogais /e/, /ɛ/, /o/ e /ɔ/. É sempre bom lembrar que tal fato não indica a ausência desses sons na modalidade oral da língua, mas apenas que eles não possuem representação gráfica.

Teyssier (1974) trabalha com a grafiação das vogais portuguesas na aljamia. Considerando o sistema vocálico do português, de acordo com os gramáticos do século XVI⁵³, apresenta sua interpretação para os grafemas vocálicos árabes empregados nos documentos aljamiados. Com base no seguinte quadro do sistema vocálico do português de então:

i	u	
e	o	
ɛ	α	ɔ
	a	

O discurso metalingüístico da época descrevia oito unidades chamadas *i*, *u*, "e pequeno", "e grande", "o pequeno", "o grande", "a pequeno" e "a grande" - entendendo-se "pequenas" e "grandes" como as atualmente chamadas de "fechadas" e "abertas".

O redator da aljamia teve de distribuir a grafiação de tal sistema entre as três vogais escritas do árabe, conforme o esquema já proposto por Teyssier:



⁵³ As obras citadas por Teyssier são essencialmente de Fernão de Oliveira e João de Barros.

- Para os fonemas do campo I, /i/ e /e/, utilizou os grafemas árabes *kasra* <◌ِ> /i/ e/ou *yā'* <ي> /i:/, como em "mercê" <مِرْسِي> <m^ar^si> e "trigo" <تَرِيغ> <t^ri:ig^u>;
- Para os fonemas do campo II, /ε/, /α/ e /a/, utilizou *fatha* <◌َ> /a/ e/ou *álife* <ا> /a:/, como em "remédio" <رِمَادِي> <rⁱm^aadⁱ> e "pancadas" <بَكَادَشْ> <b^an^oc^aad^ax^o> ;
- Para os fonemas do campo III, /u/, /ɔ/ e /o/, utilizou *damma* <◌ُ> /u/ e/ou *wāw* <و> /u:/, como em "nunca" <ذُنُكْ> <n^on^ok^a>, "nova" <ذُويِب> <n^ouf^a> e "como" <كُم> <k^um^u>.

Como podemos observar, a escolha da vogal breve ou longa, na maioria dos casos, parece estar associada à tonicidade. Muito embora isso seja empregado mais amplamente, não é, insistimos, categórico.

Teyssier (1974, p. 189) assinala que, apesar das imperfeições desse sistema de transliteração "que confunde na mesma grafia fonemas muito diferentes"⁵⁴, ele é aplicado de um modo muito regular ao longo dos textos e, além do mais, distingue *e* fechado de *ε* aberto:

É muito valioso possuir um *corpus* dos primeiros anos do século XVI que assinala sem ambigüidade o timbre dessas vogais, uma vez que nessa data o timbre não era indicado graficamente a não ser em casos excepcionais (por exemplo "ee" para "/ε/ aberto"), e além do que de uma maneira não sistemática. (TEYSSIER, 1974, p.189).⁵⁵

Teyssier (1974) analisa nos textos em aljamia o emprego dos caracteres árabes para representar /e/ e /ε/, buscando correlação com as descrições contidas na obra gramatical de João de Barros quanto à natureza desses fonemas nos paradigmas verbais e nos dos pronomes *este/esta, esse/essa, aquele/aquela, ele/ela*. A sistematicidade na grafiação nos documentos mostrou paralelo com a exposição do gramático. No entanto, Teyssier percebe que, com relação à natureza da vogal tônica dos pronomes femininos, há uma discordância: João de Barros dizia que nos pronomes "esta", "essa", "aquela" e "ela" a vogal tônica, assim como nas formas masculinas, eram em /e/ fechado; nos textos, contudo, a prática de escrita com os caracteres *fathḥ a* e/ou *álife* indica o /ε/ nesses casos.

⁵⁴ "qui confond dans la même graphie des phonèmes très différents" (TEYSSIER, 1974, p.189).

⁵⁵ "Il est très précieux de posséder un corpus des premières années du XVI^e siècle qui note sans ambiguïté le timbre de ces voyelles, puisque à cette date ce timbre n'est indiqué graphiquement que dans des cas exceptionnels (par exemple «ee» pour «ε ouvert»), et d'ailleurs d'une façon non systématique". (*Ibid.*)

Analisamos nos documentos as ocorrências desses pronomes e, por fim, confirmamos os resultados apontados por Teyssier (1974). Nos textos encontramos 53 pronomes masculinos ("este(s)" – 15 ocorrências; "esse" – 1 ocorrência; "aquele" – 1 ocorrência, "ele(s)" - 36 ocorrências) e quase todos estão grafados com *kasra* <َ> e/ou *yā'* <ي>, que indicam /e/, como em <يَلِشْ> <i_il_ix^o> "eles" <إِلِي> <a_il_ii> "ele", <بَشْتْ> <d_ix^ot_i> "deste". Em apenas 4 das 53 ocorrências o pronome "ele" aparece grafado com *fatha* <َ> e álife <ا> ou apenas *fathā*, que indicam /e/, e que são as seguintes:

- 2 ocorrências de <إِلِي> <i^aal_i> "e ele",
- 1 ocorrência de <إِلِي> <k^al_ii> "que ele"
- 1 ocorrência de <إِلِي> <i^aal_i> "e ele".

Por sua vez, as formas femininas, embora poucas – são em número de 14 no *corpus* ("esta" – 9 ocorrências, "aquela" – 1 ocorrência e "ela(s)" – 3 ocorrências) – contradizem os dados tirados de João de Barros, já que em quase todas elas o redator dos textos grafou /ε/, e apenas uma vez grafou "esta" com /e/ (<لْدَنْظْ> <a_ix^o□^a>). Como afirma Teyssier (1974), uma conclusão "muito óbvia se extrai dessas estatísticas: as formas masculinas eram, para os redatores de nossos textos, indubitavelmente em e /e/ as formas femininas em /ε/"⁵⁶. Em sua interpretação justifica a descrição do gramático:

João de Barros, que era latinista e gramático, não respeitou a autenticidade da língua, "destruindo" o paradigma dos demonstrativos para suprimir aquilo que lhe parecia talvez bizarro e estranho [...] Era para ele, sem dúvida, difícil de admitir que a vogal tônica dos femininos fosse diferente daquela dos masculinos. Se tal for a verdadeira interpretação, a "destruição" de João de Barros seria um exemplo de hipercorreção. (TEYSSIER, 1974, p. 195, ênfase no original.)⁵⁷

Apesar da regularidade da representação das vogais apontada por Teyssier (1974), quando se trata de monossílabos [artigo, conjunção, contração, preposição, verbo (ser e haver)], algumas observações devem ser feitas. Em muitas situações, eles tendem a aglutinar-se com as outras palavras, como em: <كِيْمِنْ> <k_ii^am_in^a> "que a minha". Quando estão

⁵⁶ "Très nette se dégage de ces statistiques: les formes masculines étaient, pour les rédacteurs de nos textes, indubitablement em e et les formes féminines em ε." (TEYSSIER, 1974, p. 195)

⁵⁷ "João de Barros, qui était, lui, latiniste et grammairien, n'a pas respecté l'authenticité de la langue, qu'il a donné un "coup de pouce" au paradigme des démonstratifs pour supprimer ce qui lui apparaissait peut-être comme une bizarrerie et une étrangeté [...] Il lui était sans doute difficile d'admettre que la voyelle tonique des féminins fût différente de celle des masculins. Si telle est la véritable interprétation, le "coup de pouce" de João de Barros serait un exemple d'hypercorrection."

isolados, porém, nunca estão representados por uma das vogais longas *yā'* <ي> e *wāw* <و> – que poderiam ser usadas, por exemplo, para representar a conjunção "e" e o artigo ou pronome "o", respectivamente. O que ocorre sempre, nesses casos, é o uso do *álife* como suporte para uma das vogais breves (*fatḥa*, *kasra* ou *ḍamma*) ou o *hamza*, como podemos perceber abaixo:

- 1- *a* (artigo e preposição) – <أ> e, raramente, <آ> e <إ>;
- 2- *a* (contração) – <أ> e, raramente, <آ>;
- 3- *o* (artigo e pronome) – أ;
- 4- *há* (verbo) – <آ>;
- 5- *é* (verbo) – <آ> e, raramente, <آ> e <أ>.

À semelhança dos textos grafados em português arcaico, observamos na aljâmia a grande frequência da conjunção "e". Descartados casos específicos em que as notas tironianas funcionam como indicadores de seções de textos escritos (por exemplo, separando as partes de receitas culinárias do século XV), aqui, também, sua presença parece refletir as formas da oralidade. Veja-se que este conectivo abunda no texto (a) ligando dois ou mais constituintes do enunciado – sintagmas ou termos com a mesma função sintática:

- (1) <اَكْدَتْ ءَامَدَتِّعَ اِيْمَلْ اِيْلِيْنَ اِيْبَالَ>
>a^a k^an^ot^u ʔā m^an^otⁱg^a a_i i^um^aal^o i_i i^al_in^a i_i i^ab^aal^a<

"e quanto a manteiga e o mel e a lenha e a palha "

(b) coordenando sentenças independentes:

- (2) <اِيْتْرُ وُوْ اِنْكَالَ اَمْدُوْ نُوْرُ اُوْجُوْفِش>
<a^a i_n^ot^ruu^o i_i d^uk^aal^a a^a m^an^od^uo d_iz_ir^o a^au^ja^lr^of_ix^o>

"e entrou em Duquela e mandou dizer aos alarves"

(c) coordenando sentenças subordinadas:

- (3) <مَدَى نُوْرُ اُوْكَبَتَّاُوْ كِيَاوْ فَيِّنَ رَا كِي اِيْلِيْ بِيْ شَدَلِيْ اِيْلِيْ اِيْلِيْ رُنْدَابَ <
كُدْرَا م

<m^adⁱo d_iz_ir^o a^au^o k^ab_it^aau^o k_ia^uo f_in^a b_ir^aa a^uk_ii a_il_ii b^ai^o x^aabⁱa a^a k_ii a_il_ii a^ur^od_in^aaf^a
k^un^ot^ra m_i>

"mandei dizer ao capitão que eu vinha para o que ele bem sabia e que ele ordenava contra mim"

Interessante que essa conjunção apresenta, nos textos, uma grafiação diferenciada. Pelos fac-símiles vemos que o "e" geralmente se encontra escrito muito próximo à palavra seguinte⁵⁸, tendo o *álife* <ا> como suporte para a vogal breve, que não será sempre a mesma. Assim, por exemplo, se a palavra seguinte à conjunção iniciar-se por consoante, a vogal do *álife* será *fatha* <اَ>: <أَ> <a^a m^an^od^uo> "e mandou"; se a palavra seguinte à conjunção iniciar-se por vogal, o *álife* quase sempre estará como suporte de *kasra* <اِ>: <اِ> <a_i i^ub_ir_is^u> "e o preço". Pudemos comprovar esse uso não só nas cartas que Lopes edita mecanograficamente com caracteres árabicos, mas também nas partes legíveis dos fac-símiles, nos quais as ocorrências são em número de 37: 21 conjunções diante de consoante e 16, diante de vogal. A ocorrência de <اَ> diante de consoante foi categórico e, dos 16 casos da conjunção diante de vogal, em 2 deles encontra-se a forma <اِ>: <اِ> <a^a i_in^o□^aau^o> "e então", <اِ> <a^a i_in^ot^ur^uu^o> "e entrou".

Quando a palavra seguinte é um artigo ou começa por vogal, às vezes, a conjunção aglutina-se com esses elementos e em vez do *álife*, como suporte para o *kasra*, usa-se um *yā'*: <اِ> <i^uk^ab_it^aau^o> "e o capitão", <اِ> <i^ag^uur^a> "e agora". No caso do artigo, a diferenciação gráfica de uma diferente função, ainda que variável, parece significativa para supormos uma regularidade de interface entre grafiação e morfossintaxe, semelhante ao que ocorre com "e" conjunção e "é" verbo. Neste caso a aljâmia reflete a prática de grafiação do português; no caso do artigo, sua prática é peculiar.

2.1.1.2 As vogais nasais

O sistema grafológico do árabe não possui caractere diacrítico para representar vogais nasais. O que ocorre na verdade, como no português, a vizinhança aos caracteres que representam os fonemas /m/ e /n/ marca a nasalidade das vogais. Além disso, existe a nunação, fenômeno que consiste no dobramento ortográfico das vogais breves no final das palavras (<اَـً> [an], <اِـً> [un], e <اِـً> [in]) para lhes dar indicação de nasalidade. Contudo, os redatores da aljâmia portuguesa não lançaram mão deste último recurso nos textos.

⁵⁸ Como o *álife* é uma letra que não se une à seguinte, e as palavras nos documentos fac-similados encontram-se grafadas muito próximas uma das outras, não podemos afirmar que as conjunções "e" estavam isoladas ou escritas junto às outras palavras. Optamos por grafá-lo separadamente da palavra seguinte.

Para representar as vogais nasais, os redatores dos textos utilizaram as consoantes *mim* <م> ou *nun* <ن>, que representam os nossos <m> e <n>, respectivamente: <كُنِير> <k^um^ob_ir_i> "cumpre", e <نُنْكَ> <n^un^ok^a> "nunca". Assim como no português antigo, às vezes, a mesma palavra pode aparecer escrita de maneiras distintas, como "campo" grafado <كَمْب> <k^am^ob^u>, com *mim*, ou <كَنْب> <k^an^ob^u>, com *nun*. Em alguns casos, a nasalidade das vogais portuguesas não está representada, como em "mandei", grafado <مَدَى> <m^ad^ai^o>, "ensinados", <تَلْدَنَ أَدُشْ> <a_ix_in^aad^ux^o> e "assim" <أَسْمِي> <a^ax_ii>.

Os monossílabos nasais aparecem frequentemente sem nenhuma marca de nasalidade; a preposição "em" está quase sempre grafada <ا> <i_i>, e em raras ocasiões <ان> <a_in^o> ou <ين> <i_in^o>. Nas palavras monossilábicas, o *nun* <ن> é o grafema utilizado para indicar a nasalização, como em "um", grafado <أَنْ> <u^un^o>, e "com", <كُنْ ن> <k^un^o>. Nossa edição conservará todas essas variações na representação da nasalidade com vistas a futuras interpretações dessas flutuações, ou seja, se apenas gráficas ou se grafo-fonéticas.

2.1.1.3 Os ditongos

As gramáticas sobre a língua árabe fazem menção a dois ditongos representados pelo encontro da vogal breve *fathā* <اَ> /a/ com *wāw* <و> /u/ (وَوَ /aw/) e *yā'* <ي> /i/ (يِي /ay/), que passam a ser consideradas **semivogais** e recebem, neste caso, o sinal *sukun*: نَوْمَ [ˈnawm] "sono", بَيْتَ [ˈbayt] "casa". Os demais ditongos não possuem representação escrita, ou porque simplesmente não existem palavras em que figurem, como é o caso de /uy/, ou porque são variantes fonéticas de /ay/ sem grafemas para representá-las, como por exemplo, o ditongo /ey/.

Interessante que nos ditongos decrescentes da aljamia, a semivogal árabe recebeu *sukun*. Essa prática é recorrente ao longo dos textos e nos permite saber sempre se estamos diante de uma vogal longa ou de uma semivogal. Por exemplo, em "logo" <لُوغ> <l^ug^u>, não há sinal algum sobre o grafema árabe *waw*: na aljamia, as vogais longas não apresentam *sukun*, e,

em raras, ocasiões apresentam vogal breve. Entretanto, em "louvores" <لَوْبُرْش> <l^uo^of^ri^xo> há um *sukun* sobre o *waw*, indicando haver aí um ditongo, isto é, o *waw* da sílaba <لُو> não é uma vogal de prolongação [lu:], mas sim uma semivogal [luw].

Alguns ditongos como os decrescentes /ay/, /aw/, /oy/ e /uy/ não apresentam muita ou nenhuma variação ao longo dos documentos, assim como os crescentes /ya/ e /wa/. No entanto os ditongos formados por vogais sem representação gráfica no sistema de escrita do árabe apresentam uma variação maior, como podemos ver no quadro abaixo:

Tabela 6 - Os ditongos orais na aljamia

DITONGO LATINO	TRANSLITERAÇÃO NA ALJAMIA	EXEMPLO	PALAVRA
/ay/	يَ >>	<مَيْشَ > <m ^a ix ^o >	mais
/aw/	وَ >>	<كَوَجَ > <k ^a u ^o j ^a >	causa
/ey/	يَ >>*	<رَيَ > <r ^{ai} o>	rei
	يَ >>	<رَمِيدَيَ > <r _i m _i d ^a i ^o >	remediei
/ew/	وَ >>*	<مَعَّوُ > <m ^{a7a} u ^o >	meu
	وَ >>	<دَعَوُشْ > <d _i ^{7a} u ^o x ^o >	Deus
	أَوْ >>	<أَوْو > <a ^a u ^o >	eu
	أَوْ >>	<أَوْو > <7 ^a āu ^o >	eu
	وَ >>*	<مَوْشْ > <m ^a u ^o x ^o >	meus
/ya/	يَ >>	<چِشْتُوسِيَ > <i _i x ^o t ^u us _i ^a >	astúcia
/oy/	يَ >>	<بُيْشْ > <b ^u i ^o x ^o >	pois
/ow/	وَ >>*	<لَوْبُرْشْ > <l ^u o ^o f ^r i ^x o>	louvores
	وَ >>	<بَوَكْ > <b ^a u ^o ka>	pouca
	أَوْ >>	<أَوْو > <a ^a u ^o >	ou
	أَوْ >>	<أَوْ > <a ^{7u} u ^o >	ou
	أ >>	<أُتْرَرْ > <u ^u t ^r u>	outro
/wa/	وَ >>	<كُوَالْ > <k ^u u ^a al ^o >	qual
	وَ >>	<مَنْعُو > <m _i n ^o g ^u u ^a >	mingua
/uy/	يَ >>	<كُدَادْ > <k ^u i ^o d ^a ad ^u >	cuidado

Quanto aos ditongos nasais, nenhum teve a sua nasalidade representada como se observa na tabela 7:

DITONGO LATINO	TRANSLITERAÇÃO NA ALJAMIA	EXEMPLO	PALAVRA
/ãw/	اَوْ >>	كَبَاو >> <k ^{ab} t ^a au ^o >	capitão
	وَو >>	جِيرَو >> <f ^{ij} ir ^a u ^o >	fugiram
	وَعَو >>	شَعَو >> <x ^{a7a} u ^o >	são
/ẽy/	ي >>	دِزِي >> <d;iz ⁱ >	dizem

Tabela 7 - Os ditongos nasais na aljamia

Todas as ocorrências do ditongo nasal /ẽy/ estão assinalados com *fatha* /ay/, conforme observamos no quadro acima. É provável que o motivo seria porque grafá-lo com *kasra* tornaria a forma árabe muito distante do som do português: "dizem" <دِزِي> espelharia o som [diziyy].

Por fim, a representação do ditongo nasal /wã/ reduz-se à da vogal nasal /ã/: <كَنْدُ> <k^{an}d^u> "quando", <كَنْتُ> <k^{an}t^u> "quanto".

2.2 CONSONANTISMO NA ALJAMIA

O mesmo objetivo enunciado em 2.1 norteia o trabalho com as consoantes: rediscutir e propor uma representação em caracteres latinos para os arábicos presentes na aljamia. Nessa etapa, observamos os problemas criados tanto quando houver correspondência direta entre os dois sistemas de grafiação, mas especialmente quando não.

2.2.1 Grafemas biunívocos

Como já foi visto anteriormente, alguns fonemas árabes têm correspondência em português, o que significa que os grafemas que os simbolizam não apresentam maiores dificuldades para serem transliterados. Podemos citar, como exemplo, o fonema nasal alveolar /n/. Ele existe nas duas línguas e isto significa dizer que o grafema latino <n> corresponde ao grafema árabe *nūn* <ن>, assim como o fonema bilabial sonoro /m/ apresenta correspondência de grafemas: <m> = <م> (*mīm*). Assim, a palavra portuguesa "nome" aparece, nos textos,

grafada <م>, transliterada neste trabalho como <n^um_i>. Essa correspondência ocorre com dezesseis grafemas árabes empregados na aljamia, incluindo o *tā' marbuta* e o *lām-álife*.

No que concerne à transliteração desses grafemas, nossa edição não diverge muito da de Lopes (1940). Manteremos, na sua maioria, os mesmos caracteres empregados por ele, como veremos mais adiante.

Damos, a seguir, a tabela que apresenta, na primeira coluna, os grafemas árabes, na sua forma isolada, empregados na aljamia e seguidos de seu nome; na segunda, os grafemas latinos correspondentes que utilizaremos nesta transliteração, e, na última, palavras em que eles aparecem nos textos, e a forma que tomarão nesta edição.

CARACTERE ÁRABE		CARACTERE LATINO	EXEMPLO		
			PALAVRA	ALJAMIA	TRANSLITERAÇÃO
ب	bā'	b	bem	<بِي>	<b ^a i ^o >
ت	tā'	t	muito	<مُتَيْت>	<m ^u i ^o tu>
ج	ǧīm	j	já	<جَا>	<j ^a a>
د	dāl	d	duas	<دُوج>	<d ^u u ^a j ^o >
ر	rā'	r	rei	<رِي>	<r ^a i ^o >
ز	zāy	z	fizeram	<زَلَوْو>	<f _i z ^a ar ^a u ^o >
س	sīn	s	certo	<سَوْت>	<s ^a r ^o t ^u >
ش	šīn	x	queixume	<كَيْتْدُوم>	<k ^a i ^o x ^u m _i >
ف ⁵⁹	fā'	f	faço	<فَس>	<f ^a s ^u >
ك	kāf	k	fico	<فِك>	<f _i k ^u >
ل	lām	l	delas	<دَلْش>	<d ^a l ^a x ^o >
م	mīm	m	como	<كُم>	<k ^u m ^u >
ن	nūn	n	nunca	<نُك>	<n ^u n ^o k ^a >
ة	tā' marbuta	t	isto	<اِنَّة>	<i _i x ^o t ^u >
لا	lām-álife	l ^a	falar	<لَارْف>	<f ^a l ^a r ^o >

Tabela 8 - Grafemas biunívocos

⁵⁹ O ponto embaixo da letra *fā'* é uma característica da escrita magrebina. A palavra "faço", vista na tabela acima, apresenta a letra *fā'*, com o ponto subscrito; se a carta viesse de outra parte do mundo árabe, a palavra estaria grafada <فَس>, como o ponto sobrescrito.

Cada caractere árabe empregado nos textos estará representado neste trabalho por apenas um símbolo. Assim, optamos por representar a letra *ǧīm* pelo "jota" <j>, apesar de que, talvez, nos textos, esteja empregada para representar um som proferido, nas palavras de Lopes, "diferente de /z/: tinha o valor aproximando de *zj* reunidos num som único"⁶⁰.

A letra *šīn* <ش> estará representada unicamente por <x>, apesar de esta letra poder representar outros sons, pois achamos que se assumíssemos a variante <ch> (em português quase sempre [ʃ]), poderíamos induzir à idéia de que na representação da palavra, em caractere árabe, também haveria dois grafemas possíveis ao invés de um.

O fonema oclusivo velar surdo que, em português, pode ser escrito com <c> diante de <a>, <o> e <u> ou <qu> diante de <e> ou <i> está grafado na aljamia com *kāf* <ك>; em raras ocasiões, com *qāf* <ف>. Lopes (1940) não mantém um padrão único para a transliteração da letra *kāf*, e grafa-a ora com <c>, ora com <q>. Dessa forma translitera <cuidado> para <كِيْدَادِد> <k*i*°d^{ad}> "cuidado", e <q*i*> para <كِي> <k*i*> "que". O *kāf*, em nossa transliteração, independente da letra usada no português atual, estará sempre simbolizado por <k>. Grafar <c> não nos pareceu apropriado porque, diante de <e> e <i>, ele representa o som /s/. Teríamos, então, de usar dois símbolos diferentes para representar o mesmo grafema árabe. Uma alternativa poderia ser o <q>, mas o empregaremos, como veremos mais adiante, na representação do *qāf* <ف>.

Em nossa edição optamos por transliterar o *sīn* <س> sempre por <s> porque, em árabe, esse grafema representa sempre o som /s/. Lopes (1940), contudo, utiliza <c> e <ç>, o que esconde do leitor lusófono o fato de haver um só caractere no original.

Caso igual é o da letra *rā'* <ر>, empregada nos textos tanto para representar a vibrante simples /r/ quanto a vibrante múltipla /R/ do português: <بِرَا> <b*r*^a> "pera" e <تَرَا> <t^aar^a> "terra". Pela mesma razão estará representada aqui por um só grafema: <r>.

Como já vimos em 1.4.1.4, a letra *hā'* <ه>, em final de palavra, pode ser grafada com dois pontos sobrepostos: <هّ>, quando desligada, ou <هء>, quando ligada à letra anterior, sendo denominada *tā' marbūṭa*. Quando em final absoluto de palavra, geralmente, não é pronunciada. Contudo, se estiver seguida de alguma desinência de caso ou sufixo, realiza-se

⁶⁰ Cf. Lopes, 1940, p. 21.

foneticamente como /t/. É raríssima a sua ocorrência na aljamia, como em "isto" <إِشْتَهَ > <i:x^ot^u>, a par de <لِئْتَتْ > <i:x^ot^u>, grafado com <ت>. Nas análises que aplicamos nas cartas fac-similadas, não encontramos palavra alguma em que ela fosse empregada. Nos demais textos transcritos por Lopes (1940), porém, ela foi utilizada. Optamos por grafá-la, também, com <t>, pois qualquer outra forma de representação poderia motivar o pensamento de que estaríamos tratando de um símbolo que se realizaria como outro fonema. Para não perdermos sua presença, sempre que ele ocorrer⁶¹, indicaremos seu emprego em nota de pé de página.

O *lām* <ل>, quando seguido da vogal longa *álife* <ا>, forma a figura <لا>, chamada *lām-álife*. Como não poderia ser diferente, assim se encontra grafado na aljamia (nunca se encontra a forma لا). Por ser apenas um tipo de união no árabe, sem que isso resulte em qualquer diferença no campo fonético, estará assinalado normalmente como um <ل>, seguido da vogal breve *fatḥḥa* <^a> e da longa *álife* <a>: <l^aa>. Note-se que a presença da vogal breve antes explica-se, como já foi dito, no fato de as consoantes árabes nos textos estarem todas acompanhadas de uma vogal breve, mesmo que depois venha uma longa: < لا >.

2.2.2 Grafemas do árabe sem correspondência no português

Como já foi dito, o sistema grafológico do árabe conta com treze caracteres que simbolizam fonemas que não possuem representação gráfica no português. Dez destes caracteres⁶² estão presentes na aljamia, sendo alguns em variação com outros grafemas, isto é, às vezes, um som do português está representado por mais de um caractere árabe, como veremos mais adiante.

Apresentamos, abaixo, a tabela 9 com os dez grafemas árabes sem correspondência fonética no português que constam nos textos aljamiados. Em 1.3.1.1 já antecipamos algumas informações sobre essas consoantes para aqui nos restringirmos apenas à identificação das palavras em que elas figuram. Na primeira coluna do quadro, apresentam-se os grafemas, na sua forma isolada, seguidos de seu nome; na segunda, estão os caracteres que os representarão nesta edição; na terceira, exemplos de palavras em que aparecem, seguidos da nossa transliteração e do nome da palavra.

⁶¹ Na primeira carta em aljamia transcrita por Lopes (1940, p. 27-33), que transcrevemos em 4.1.2, o *tā' marbūṭa* foi empregado.

⁶² Os grafemas árabes que não constam na *aljamia* são o *ḥā'* <ح>, o *dāl* <د> e o *hā'* <ه>.

CARACTERE ÁRABE		TRANSLITERAÇÃO NESTA EDIÇÃO	EXEMPLO		
ء	hamza	ʾ ou ʿ	<مَاءٌ وَ>	<m ^a aʾu [∅] >	meu
			<دِءٍ وَش>	<d ⁱ ʾaʿu [∅] x [∅] >	Deus
			<رَأْس>	<a ^r ʾaax [∅] >	horas
ث	tāʾ	θ	<ثَرِيث>	<θ ^r i ⁿ ∅t ^a >	trinta
ح	ḥāʾ	ḥ	<حَدُو>	<ḥ ^a d ^u >	Hḥ adu (nome próprio)
ص	ṣād	s	<الصُّرُصَادُ>	<a ^l ∅r ^u s ^a ad ^a >	alvoroçada
ض	ḍād	ḍ	<ضُش>	<t ^u ḍ ^u x [∅] >	todos
ط	ṭāʾ	t	<طُرُن>	<t ^u r [∅] n ^u >	torno (verbo)
ظ	ẓ āʾ	ḏ	<ظُظ>	<a ^l ∅ḏ ^u >	alto
ع	ʿayn	ʿ	<عَد>	<ʿ ^a b [∅] d ^a >	ʿAbda (nome próprio)
غ	ḡayn	ḡ	<بُرْتُغَال>	<b ^u r [∅] t ^u ḡ ^a al [∅] >	Portugal
ق	qāf	q	<قَدْ>	<q ^a n [∅] d ^u >	quando

Tabela 9 - Grafemas do árabe sem correspondência no português

Nos textos aljamiados, o *hamza* apresenta-se grafado de uma maneira original, que não corresponde ao seu tradicional uso no sistema de escrita do árabe: (1) aparece como a primeira letra da palavra, sem suporte, na linha: <آء> <ʾā> "é" ou "há"; (2) aparece, em meio de palavra, grafado sobre um traço que se liga às duas letras <و كء> <kⁱʾu^θ> "que eu", ou (3), também, em posição medial, sem suporte algum⁶³, na linha, <دعوش> <dⁱʾu^θx^θ> "Deus". Aparece, ainda, na sua forma tradicional, tendo o *álife* <ا> como suporte: <أ>. Para indicar as duas posições (sobrescrito ou na linha) em que figura nos textos, optamos por transliterá-lo de duas maneiras distintas nesta edição: <ʾ>, quando tiver abaixo de si uma linha <ء> ou o *álife* <أ>, e <ʾ>, quando estiver na linha, sem suporte algum <ء>. Como não conta com representação simbólica no sistema de escrita do português, e para evitar a confusão com qualquer diacrítico, decidimos representá-lo pelo seu símbolo fonético: <ʾ>.

O *tā*' <ت> é muito raro nos textos, mas aparece em variação com outros grafemas para representar o <t>. Isso se explica porque, como já vimos em 1.3.1.1, em Marrocos, de onde vêm os documentos, ele se realiza como um /t/. Optamos por representá-lo com seu símbolo fonético <θ> para diferenciá-lo de <t>, empregado na representação do *tā*' <ت>.

As letras *ḥā*' <ح> e *ʿayn* <ع> só aparecem nos textos em nomes próprios árabes. O *ḥā*' <ح> aparece, por exemplo, nos nomes "Iaḥia" <يَحْيَا> <i^aḥ^θi^aa> e "Hḥ adu" <حَدُو> <ḥ^ad^u>; o *ʿayn* <ع> aparece nos nomes "Abda" <عَبْد> <ʾab^θd^a>, "Taʿfuft" <تَعْفُوت> <t^aʿf^θʾt> e "Saʿid" <سَعِيد> <x^ai^d>. Essas letras também estarão representadas nesta edição pelos seus respectivos símbolos da transcrição e fonético, respectivamente, <ḥ> e <ʿ>.

O sistema gráfico árabe não apresenta símbolo para representar o nosso fonema oclusivo velar sonoro /g/. Na aljamia, foi empregado o *ḡayn* <غ> para simbolizá-lo. Optamos por representá-lo em nossa transliteração pelo símbolo usado em sua transcrição, ou seja, <ḡ>, e não <g>, para não motivarmos o pensamento de que haja uma correspondência biunívoca

⁶³ Ele pode aparecer assim também no sistema de grafia do árabe. A letra que o precede, no entanto, tem de ser sempre uma das vogais longas: *álife* <ا>, *wāw* <و> ou *yā*' <ي>.

entre ditos grafemas, isto é, que <غ> e <g> são símbolos que representam, cada um, em sua língua, o mesmo fonema, embora, em algumas partes do mundo árabe isso ocorra.

O *qāf* <ف> aparece raramente nos textos (o mais empregado é o seu correspondente não-enfático, o *kāf* <ك>) para representar o nosso fonema oclusivo velar surdo /k/. Como já foi dito, em Marrocos, ele toma a forma do *fā'* com apenas um ponto sobrescrito: <ف>, ao invés de sua forma comum dos escritos de outras partes do mundo árabe: <ق>. ⁶⁴ Optamos, para diferenciá-lo do *kāf* <ك>, que estará grafado <k>, utilizar o seu símbolo no alfabeto fonético para sua representação: <q>.

A consoante enfática *ṣād* <ص> também é pouco usada nos textos. Aparece em variação com a sua correspondente não-enfática *sīn* <س> para representar palavras que atualmente se grafam com <c> ou <ç>, como em "força", escrito <فَرْصَ>, com *ṣād*, ao lado de <فَرْسَ> <f^rs^a>, com *sīn*. Com o intuito de diferenciá-lo do *sīn*, que estará representado por <s>, o *ṣād* estará sublinhado <s>, assim como sublinhadas estarão três das outras enfáticas, como podemos observar na tabela 9. Adotaremos essa forma de grafar as enfáticas, motivados pela prática dos manuais de ensino do árabe a não arabofones. Contudo, pensamos que o *ẓā'* <ظ> deveria ser representado por um símbolo diferente do utilizado para as outras enfáticas, <z>, por nos parecer que esta representação induziria à falsa noção de que a letra *ẓā'* estaria, nos textos, representando algum som parecido a um "zê", e não apenas uma variante para o grafema <t> e, às vezes, <d> do português.

Enfim, as consoantes enfáticas *ḍād* <ض>, *ṭā'* <ط> e *ẓā'* <ظ> representam, nos textos, ora o grafema <t>, ora o <d>, como podemos observar nos exemplos abaixo:

⁶⁴ O *fā'*, por sua vez, é grafado nesta região com o ponto subscrito: <ف>, como já vimos anteriormente.

GRAFEMA ÁRABE ENFÁTICO	GRAFEMA LATINO QUE REPRESENTA	PALAVRAS		
<<ض>>	<t>	também	<ضَبِي>	<d ^a b ^a i ^o >
	<d>	todos	<تَضُّشْ>	<t ^u d ^u x ^o >
<ط>	<t>	cartas	<كَرْطَشْ>	<k ^a r ^o t ^a x ^o >
	<d>	todos	<تَطُّشْ>	<t ^u t ^u x ^o >
<ظ>	<t>	tudo	<ظُّظ>	<t ^u □ ^u >
	<d>	também	<ظَبِي>	<□ ^a b ^a i ^o >

Tabela 10 - As consoantes enfáticas *ḏāḏ*, *ṭā'* e *ẓā'* na aljamia.

As letras enfáticas *ḏāḏ* <ض> e *ṭā'* <ط> estão presentes nos textos em alternância com as suas correspondentes não enfáticas *tā'* <ت> e *dāl* <د>⁶⁵. Isso significa que, às vezes, uma mesma palavra pode estar grafada com uma das letras enfáticas ou suas correspondentes. Observe-se como a palavra "todo(s)"⁶⁶ aparece ao longo dos textos:

todo	<طُودُ>	<t ^u ud ^u >
	<تَطُّ>	<t ^u □ ^u >
todos	<تَضُّشْ>	<t ^u d ^u x ^o >
	<تَضُّشْ>	<t ^u d ^u x ^o >
	<دَضُّشْ>	<d ^u d ^u x ^o >

Tabela 11 - A palavra *todo* na aljamia.

⁶⁵ A correspondente não enfática do *ẓā'* <ظ>, o *dāl* <د>, não aparece na *aljamia*.

⁶⁶ O sistema de grafia do árabe não tem símbolos para representar a vogal "o", o que significa que apenas representou-se "tudo". No entanto, podemos identificar a palavra pelo contexto, como, por exemplo, no trecho "Todo mouro que entra em algumas casas", o qual não comportaria "tudo".

Podemos observar uma variação no uso dessas letras dentais: palavras grafadas em português com <t> e <d> não se encontram grafadas com muita distinção nos textos em aljamia. A palavra "todos", por exemplo, aparece < **تَدُّش** <ṭ^ud^ux^θ> com *d̄l ād*, a par de < **تَدُّش** <ṭ^ud^ux^θ> com *tā'*; "todolos" está escrito < **تَدُّش** <ṭ^uṭ^ul^ux^θ> com *t̄ā'*, a par de < **تَدُّش** <ṭ^ud^ul^ux^θ> com *dāl*. Isso não ocorre por se tratar a língua da aljamia de uma língua estrangeira. Vizúete afirma: "Mesmo os nativos marroquinos e argelinos, e até publicitários e gramáticos ilustrados [...], confundem os sons de algumas letras (o **ض** e o **ظ**, por exemplo, e estas duas com o **د**) que devem ser e são perfeitamente distintos em bom árabe"⁶⁷

Lopes (1940, p. 20) também observa que em documentos escritos em árabe, oriundos de Marrocos, existe essa mesma variação no uso das letras enfáticas *d̄l ād* <**ض**> e *t̄ā'* <**ظ**> e suas correspondentes não-enfáticas. Entre outros exemplos, cita uma carta dirigida a D. Manuel, aproximadamente, em meados de agosto de 1517, por Bentafuf, o autor de cinco dos documentos aljamiados. Na carta, o mouro teria escrito **لَطِيف** <l^adⁱif^θ> [la'di:f], com *d̄l ād* <**ض**>, em lugar de **لَطِيف** <l^aṭⁱif^θ> [la'ti:f] com *t̄ā'* <**ظ**> para "Latife" (nome próprio, significa "gentil").

Percebemos, assim, que a letra <t> apresenta um número variado de grafemas para representá-la nos documentos aljamiados:

⁶⁷ "Los mismos indígenas marroquíes y argelinos, y hasta publicistas y gramáticos tan ilustrados [...] confundem los sonidos de algunas letras (el **ض** y el **ظ**, por ejemplo, y estas dos con el **د**) que deben ser y son perfectamente distintos em buen árabe." (VIZUETE, [1911?], p.18).

<t>	ت tā'	<تَنْت>	<t ^a nt ^a >	tanta
	ث tā'	<ثِرْنَتْ>	<θ _i r _i n ^θ t ^a >	trinta
	ة tā' marbūṭa	<إِشْنَة>	<a _i x ^θ t ^u >	isto
	ظ ṭā'	<أَلْظ>	<a ^a l ^θ □ ^u >	alto
	ط zā'	<طَبَّي>	<t ^a b ^a i ^θ >	também
	ض ḏā'	<الضَّيْزِ>	<a ^a l ^θ diz ^a >	alteza

Tabela 12 - A representação do grafema <t> na aljamia.

2.2.3 Grafemas do português sem correspondência no árabe

Além do fonema /g/, visto em 2.2.2, o português apresenta ainda alguns outros fonemas que não existem no sistema fonológico do árabe e, conseqüentemente, não podem ser tradicionalmente grafados com o seu sistema de escrita. Atualmente, em certas áreas do mundo árabe, algumas de suas letras foram adaptadas para poderem representar os fonemas das palavras estrangeiras, como <پ> para representar o /p/: **پاولو** "Paulo"; <ف> para o /v/: **فكتور** "Victor"; <گ> para o /g/: **گول** "gol". Assim como na aljamia, em alguns países árabes, o fonema oclusivo velar sonoro /g/ é representado pelo *ğayn* <غ>, como **بُلغاريا** "Bulgária". Outro caso é o dos sons portugueses /λ/ e /ŋ/, pois, até onde sabemos, são desconhecidos na língua.

Assim sendo, as palavras do português que atualmente se grafam com <p>, <v>, <lh> e <nh> estão escritas na aljamia com os mesmos grafemas árabes que representam , <f>, <l> e <n>, respectivamente.

CARACTERE <lh> e <nh>	CARACTÈRE EMPREGADO NA ALJAMIA	TRANSLITE RACÃO NESTA EDIÇÃO	PALAVRA NA PALAVRA NA	PALAVRA NA PALAVRA NA	PALAVRA NA PALAVRA NA
<l> e <n>, respectivamente. p	ب	b	<بُرْتَاكِي>	<b ^u r ^θ k _i >	porque
v	ف	f	<فُوف>	<n ^u f ^a >	nova
lh	ل	l	<فِيلْس>	<f _i il ^u x ^θ >	filhos
nh	ن	n	<دِنَائِر>	<d _i n ^a ai ^θ r ^u >	dinheiro

Tabela 13 - Grafemas do português sem correspondência no árabe.

Como pode ser observado na tabela 11, representaremos esses grafemas de acordo com o fonema que representam no árabe. Não podemos afirmar, no entanto, que a opção dos redatores da aljâmia pelo grafema <ف> para representar o fonema /v/ do português, por exemplo, indica que, no entender deles, os fonemas /f/ e /v/ seriam idênticos, mas antes uma opção para representar, com o sistema gráfico árabe, um som que não possui um caractere específico para representá-lo.

2.2.4 Consoantes na aljâmia: esboço de estudo comparativo

Por se tratar de um texto híbrido, no qual a língua portuguesa apresenta-se sob o código grafemático do árabe, procuramos observar os princípios que determinaram a escolha dos caracteres para a representação das letras latinas. Algumas práticas bem constantes ao longo dos documentos parecem revelar algumas características fonéticas do português de então. Essas práticas foram tema de comentários em Lopes (1940, p. 21 - 23), Viana (1973) e Teyssier (1974), os dois últimos já citados anteriormente. Esses comentários dizem respeito à grafiação das palavras portuguesas que, hoje em dia, se escrevem com <s>/<ss>, <c>/<ç> e <z>.

Nas escrituras aljamiadas, as palavras que atualmente se grafam com <s> e <ss>, produzindo o som /s/, não estão representadas com o grafema árabe *sīn* <س>, que simboliza esse fonema, mas pelo *šīn* <ش>, que simboliza o fonema /ʃ/, como na palavra "senhor" grafada nos textos <شِينُور ر> <x_in^ur^o> e "passada" <بَشَادَد> <b^ax^aad^a>. A letra *sīn* <س>, que simboliza o fonema /s/, por sua vez, só aparece nos textos em palavras que, modernamente, se escrevem com as letras <c> ou <ç>, como "mercê" <مَرْسِي> <m_ir^os_i>, e "cabeça" <كَبِيس> <k^ab_is^a>.

Os vocábulos que no português, hoje em dia, apresentam a letra <s>, em posição intervocálica, representando o fonema /z/, não estão escritos com o grafema árabe *zāy* <ز>, que representa esse som, mas sim pelo *ǧīm* <ج> /ʒ/, como em "casa" <كَاچ> <k^aaj^a>. Por outro lado, as palavras que, atualmente, apresentam o fonema /z/, e que são grafadas com a

letra <z>, na aljâmia, sempre aparecem grafadas com a letra *zāy* <ز>, como em "fizeram" <فـِـرـمـ> زَارُو <f_iz^aar^au^o>.

Essa forma de grafar essas letras é sempre muito coerente ao longo dos textos, quando ditos fonemas se encontram, na sílaba, em posição intervocálica, e Teyssier (1974, p. 184) resume-a com o seguinte quadro:

	<i>Pré-dorsodentais</i>	<i>Ápico-alveolares</i>
<i>Surdas</i>	<ç> transcrita por <i>sīn</i> ex.: "serviço"	<ss> transcritas por <i>šin</i> ex.: "passada"
<i>Sonoras</i>	<z> transcrita por <i>zāy</i> ex.: "alteza"	<s> transcrita por <i>ǧīm</i> ex.: "cousa"

Teyssier afirma que o <ç> e o <z>, que eram primitivamente fricativas /ts/ e /dz/, tinham passado, à época dos textos, a pré-dorsodentais, e o <s> e o <ss> a ápico-alveolares:

Assim se explicaria que os redatores dos nossos textos tenham transcrito esses dois últimos fonemas com letras que, em árabe, representavam as chiantes: não possuindo ápico-alveolares na sua língua, eles tiveram um recurso mais ou menos parecido e julgaram que estes fonemas eram mais parecidos a chiantes do que a dentais. (TEYSSIER, 1974, p. 185).⁶⁸

Do mesmo modo pensa Viana (1974), que indica os textos aljamiados como fontes para apoiar a sua teoria de que, à época, as letras citadas acima representavam fonemas distintos, no Centro e no Sul de Portugal.

Os gramáticos antigos abordavam a existência dessa distinção nas províncias do Norte, mas não havia comprovação de que assim o era no Sul:

Conhece-se a distinção que se fez sempre e ainda hoje, na província portuguesa de Trás-os-Montes, entre *s* inicial ou *ss* medial = *ʃ* (apical) e *ç* (ce, ci) ou *z* final (= *ʃ* africado) de um lado, e *s* medial sonora (= *z* apical) e *z* inicial ou medial de outro (= *z* africado), seja num só vocábulo, seja de uma palavra à outra na fonologia sintática, quando uma palavra terminando com *s* ou *z* se liga na frase a outra palavra sem que haja uma pausa qualquer entre as duas.⁶⁹ (VIANA, 1973, p. 259)

⁶⁸ "Ainsi s'expliquerait que les rédacteurs de nos textes aient transcrit ces deux derniers phonèmes par des lettres qui, en arabe, représentaient des chuintantes: ne possédant pas d'apico-alvéolaires dans leur langue, ils ont eu recours à un "à peu près" et ont jugé que ces phonèmes étaient plus semblables à des chuintantes qu'à des dentales."

⁶⁹ "On connaît la distinction qu'on fait toujours, encore aujourd'hui, dans la province portugaise de Trás-os-Montes, entre *s* initial ou *ss* médial = *ʃ* (sous-cacuminal) et *ç* (ce, ci) ou *z* final (= *ʃ* alvéolaire) d'un cote, et *s* médial sonore (= *z* sous-cacuminal) et *z* initial ou médial de l'autre (= *z* alvéolaire), soit dans un seul vocable, soit d'un mot à l'autre dans la phonologie syntactique, lorsqu'un mot finissant par *s* ou *z* se relie dans la phrase à un autre mot, sans qu'il y ait un repos quelconque entre les deux."

Viana diz que, apesar de não haver provas diretas da distinção fonética entre aquelas letras no Centro e no Sul do Reino de Portugal, considera que, de uma maneira indireta, os textos aljamiados e as transcrições em caracteres árabes dos nomes próprios peninsulares feita pelos muçulmanos são duas fontes de comprovação de que ali, também, aquelas letras representavam fonemas distintos, citando, ainda, alguns exemplos de topônimos da Península Ibérica, de origem árabe ou romana, que foram transcritos para o árabe pelo geógrafo do século XII, Idriss: "onde figura-se um <s>, se serviu do <ش> /ʃ/, enquanto que representa o <ç> por <س> /s/ ou <ص> /s/.⁷⁰ Entre outros nomes, cita, como exemplo para topônimos em <ç>, que foram grafados por Idriss, em árabe, com *sīn* <س>, Badalhouce (Badajoz): *batalius*; para nome em <ç>, grafado em árabe com *ṣād* <ص>, cita Safim (à época escrevia-se Çafi(m)): safi, e para nome em *s*, Sagres, grafado em árabe com *šīn* <ش>: *šagraš*.

Essa prática é a mesma verificada nos textos *aljamiados* e para Viana isso ocorria porque "o som do <s> se aproximava de tal maneira do <x>, que um estrangeiro achava que a distinção entre <s> e <x> era menor que a que havia entre o <s> e <ç>."⁷¹ Segundo ele, o <ç> representava "provavelmente uma sibilante pronunciada no final da língua, contra as gengivas dos dentes incisivos superiores"⁷², e o <s> "designava, ao contrário, a *apical* /ʃ/, pronunciada com a borda anterior do mesmo órgão, que toma uma posição côncava"⁷³.

Viana considera que tal fato ocorria não só em Portugal, mas em toda a Península Ibérica: "para os mouros da Espanha o <ç> hispânico tinha um valor que poderia ser considerado idêntico ao do س, ou ao do ص; o <s>, ao contrário, eles o confundiam com o /ʃ/, já que representam constantemente todos os dois pelo seu ش."⁷⁴

⁷⁰ "où il figure un s, en se servant du ش (x), tandis qu'il représente lê ç par س (s) ou ص (s). (Viana, 1973, p. 260)

⁷¹ "Le son du s se rapprochait tellement du x, qu'un étranger trouvait que la distinction entre s et x était moindre que celle qu'il y avait entre s et ç." (Viana, 1973, p. 260).

⁷² "probablement une sifflante prononcée du bout de la langue contre les gencives des dents incisives supérieures" (*id. et ibid.*, p. 263).

⁷³ "désignat au contraire la sous-cacuminales, prononcée avec le bord antérieur du même organe, que prend une position concave" (*id. et ibid.*, p. 260).

⁷⁴ "pour les Maures d'Espagne le ç hispanique avait une valeur qui pouvait être considérée identique à celle du س, ou à celle du ص; le s, au contraire, ils le confondaient avec le š, puisqu'ils représentent constamment tous les deux par leur ش." (*id. et ibid.*, p. 261)



Outra forma de comprovação para Gonçalves Viana de que os mouros percebiam o <s> mais parecido com o *šīn* <ش> é a forma como Gil Vicente grafá a fala da moura em *Cortes de Júpiter*:

Mi no xaber que exto extar,
mi no xaber que exto xer,
mi no xaber onde andar,
Halaa xaber diuinar,
lo que extar halaa xaber.
Halaa xaber que ex aquexto,
Halaa xaber i yo no,
Halaa xaber max que yo,
Halaa digirme que ex exto.

Jupiter que a mi mandar
dox mil añox extar cantada,
agora donde llevar?
agora otro mundo extar,
agora no xaber nada.
Porque tirarme de caxa,
Porque de inferno tirarme,
de compañía de Axa,
mi hija nieta de Braxa,
Reyno que extar del Algarbe.

.....
Gran coja mandar agora,
Señora affi (axi?) mi morir Mora,
Jupiter dar box gran emprefa (empreja?),
que exte dedal, Halaa quebir,
extar de mãy de Mahomad,
señora quando box pedir
el fager lugo venir (benir?)
Halaa xaber exte verdad (berdad?)
Exte anel da condon
perguntalde box a el,
y el dar a box razon
de quantos xacretos xon,
tudo box saber por el.⁷⁵

Viana conclui dizendo que as letras <s> e <ç> tornaram-se homófonas recentemente "não tem mais do que dois séculos".⁷⁶

Ao longo dos textos, na posição intervocálica, esse sistema é muito coerente, com raras exceções, como por exemplo em "lhe disse", que aparece grafado <  > <l_id_is_i> com *šīn*, fugindo à regra praticada nos textos, que seria grafá-la com um *šīn* <  >. Teyssier

⁷⁵ Gil Vicente, Livro das Tragicomedias. – Cortes de Jupiter, CLXIX (recto et verso). Édition de MDLXII.

⁷⁶ "elle ne doit pas avoir plus de deux siècles." (VIANA, 1973, p. 263).

justifica essas exceções: "algumas devem resultar de simples erros de grafia e outras são acidentes fonéticos normais."⁷⁷

Fora da posição intervocálica, em início de sílaba, as letras <s> e <c>/<ç> também estão grafadas sempre de maneira distinta.

- <c>/<ç> é sempre *sīn* <س>: "mercê" <مَرْسِي^ي</sup> <m_ir[∅]cⁱj>, "onças" <أَنْدَاش^ش</sup> <a^un[∅]s^ax[∅]>, "certo" <سَرَتْ^ت</sup> <s^ar[∅]t^u>.
- <s> é sempre <ش>: "servidor" <سَـدْرُ^ر</sup> <x^ri[∅]fⁱd^ur[∅]>, "conselho" <كُنْشِيل^{يل}</sup> <k^un[∅]xⁱil^u>.

Teyssier (1974, p. 186) e Lopes (1940, p. 22) observam que não existem, nos textos, palavras que se iniciem com o grafema <z>, como em "zebra". Ele aparece, conforme já observamos supra, em posição intervocálica (<ذَرَر^ر</sup> <d_iz_ir[∅]>, "dizer") e em posição pós-vocálica: <بَاز^ز</sup> <baaz> "paz".

Lopes (1940, p. 22) observa que, na posição pós-vocálica, quando seguido de palavra que se inicia por consoante, a grafiação do <z>, nos textos, parece contrariar algumas hipóteses para a pronúncia de então. De acordo com Viana (1973), nessa posição, a letra <z> tinha o valor de /s/, como no espanhol. A verdade é que topônimos árabes que apresentam o grafema <س> foram transliterados em caracteres latinos com <z>, como exemplifica Lopes (ibid., p. 22) <فَاز^ز</sup> [fāz] "Fez", <مَكْنَسَة^ة</sup> [mak'nāsa] "Mequinez". No entanto, apesar do pouco número de dados (Teyssier contabiliza apenas 12 casos em que <z> aparece em final de sílaba, sem que a seguinte palavra se inicie por vogal), em todos eles o grafema português <z> está representado pela letra *zāy* <ز^ز</sup> <f_iz[∅] k^un[∅]xⁱil^u> "fiz conselho", <كَنْشِيل^{يل}</sup> <k_n^un[∅]k^a x_i[∅]l[∅] f_iz[∅] n_if_ir^au[∅] a_n[∅] d^uk^aal^a> "que nunca se tal fez nem viram em Duquela". Se àquela época, como se diz, em tal posição a letra <z> tinha um som /s/, era de se esperar uma grafiação com *sīn* <س> ou <ص^ص</sup> <ā^ص</sup>, e não *zāy* <ز^ز</sup>.

⁷⁷ "certaines doivent résulter de simples erreurs de graphie et dont d'autres sont des accidents phonétiques normaux." (TEYSSIER, 1974, p. 185).

A letra portuguesa <s>, em posição final, diante de palavra que começa por vogal, na forma aglutinada ou isolada, frequentemente, é tratada como intervocálica. Teyssier (1974:186) compara, entre outras, "os alarves" <شُجْرُ الشُّبُورِ> <u^uj^al^ar^fi^xθ> e a palavra "cousa" <كُوشِج> <k^uθj^a>, ambas grafadas com *ǧīm* <ج>, indicando que o português de então, como o moderno, fazia a "ligação"⁷⁸ entre as palavras. Entretanto, existem inúmeras exceções, e nos textos encontra-se, também, nessa posição, o *šīn* <ش>: <شُجْرُ الشُّبُورِ> <u^ux^θ a^al^ar^fi^xθ> "os alarves". Quando a palavra seguinte começa por consoante sonora, o mais comum nos textos é a grafiação com *ǧīm* <ج> para representar o <s>, como em <تَرَجِيش> <t^ri^jθ dⁱi^ax^θ> "três dias"; se a palavra seguinte começa com consoante surda, o *šīn* <ش> é o mais usual, como em "muitas coisas": <مِيشْ كُوشِج> <mⁱθt^ax^θ k^uθj^aj^θ>. Assim também ocorre em interior de vocábulo como "mesmo" <مِجْم> <mⁱj^θm^u>, grafado com *ǧīm* <ج>, diante da consoante sonora /m/, e "isto" <ئِدْت> <iⁱx^θt^u>, com *šīn* <ش>, diante da consoante surda /t/. No entanto, essa prática não é categórica, pois encontramos "duas cartas" <دُوجْ كَرَطِش> <d^uθj^θ k^ar^θt^ax^θ>, grafado com *ǧīm*, diante da mesma consoante surda /k/ de "muitas cousas", visto acima, e "todolos dias" <دِيشْ دِيشْ> <t^ud^ul^ux^θ dⁱi^ax^θ>, com *šīn* diante da mesma consoante sonora /d/ de "três dias".

Teyssier acredita que os textos aljamiados comprovam que esse sistema realmente existiu, e que foi substituído pelo sistema moderno, seguindo uma evolução que começou no Sul do país, se estendendo para o Norte e que "Os textos em aljamia fornecem um elemento importante de prova e de datação."⁷⁹

Todos os fatos apontados por Lopes (1940), Viana (1973) e Teyssier (1974) foram observados em nossa análise. Se admitirmos como verdadeira a seqüência descrita por Lopes⁸⁰: (a) as cartas são escritas em árabe, em Marrocos, e enviadas para a Corte, (b) em Portugal, foram traduzidas para o português e (c) a partir da tradução portuguesa das cartas alguém se dispôs as trasladá-las em aljamia; se tal é o trajeto percorrido pelos textos, como entender a constância da grafiação de determinados sons que à época apresentavam muita variação?

⁷⁸ Teyssier (1973, p. 186).

⁷⁹ "Les textes en aljamia fournissent un élément important de preuve et de datation." (TEYSSIER, 1974, p. 185)

⁸⁰ Lopes (1940, p. 9-13)

Lopes refere que entre os originais havia a versão portuguesa da carta de Bentafuf que ora analisamos e transcreve-na integralmente dizendo ser a "tradução portuguesa da época", de onde extraímos o trecho:

"Senhor, ho porque o trigo nem sevada nom vynha foy pollos Alarves ssamearem muito pouquo e segarem o trigo por amaduesser, e emcovaram-no no campo de grande medo que tynham d'el Rey de Fez vyr ssobre elles, como sse dezya [...]"Lopes (1940, p. 227-228).

Na nossa edição:

x_in^uur^ø a^u b^ur^øk_i a^u t_ir_ig^u n_ii^as_if^aad^a n^af^ai^ø ʔā b^ur^øk_i a^uj^al^ar^øf_ix^ø x^am_ii^aar^au^ø m^ui^øt^u
 b^uu^øku a^ax_ig^aar^au^ø a^u t_ir_ig^u b^ur^ø a^am^ad_ir_is_ir^ø a_iiⁿøk^uf^aar^an^u n^uk^a[]^ø[]^u d_i g^ar^an^ød_i m_ii^ø
 k_it_in^aau^ø d^u r^ai^ø d_i f^aas^ø f_ii^r^ø x^ub^ør_i i_il_ix^ø k^um^u x_id_iz_ii^a

Estando o redator dos textos diante da versão portuguesa da carta e representando todas as letras em destaque o mesmo som, por que motivo, como podemos ver na nossa transliteração, utilizou-se de grafemas árabes diferentes para representá-las? Isso nos leva a concluir, como Teyssier, Lopes e Viana, que provavelmente havia uma distinção fonética entre os grafemas <s>/<ss> e <c>/<ç>.

3 OS MANUSCRITOS FAC-SIMILADOS

Como já foi dito, não tivemos acesso aos documentos originais, que se encontram guardados na Torre do Tombo, em Lisboa. Para nossa sorte, contudo, tivemos acesso ao fac-símile de duas cartas publicadas em **Textos em aljamia portuguesa: estudo filológico e histórico** de Lopes (1940), com isso pudemos trabalhar com parte dos originais, que passaremos a analisar.

Os fac-símiles são de duas cartas sem datação. Os historiadores que se dedicam ao estudo do período do protetorado português em Marrocos conseguiram situar, aproximadamente, o período em que foram escritas, observando os fatos referidos no decorrer dos textos.

Percebe-se, pela caligrafia, que a mão que trasladou as duas cartas é a mesma: a letra é clara e não apresenta passagens de difícil decifração paleográfica. A escrita é a usada entre os mouros de Marrocos chamada *magrebina* (PIDAL, 1952, p. 11), que se distingue das outras áreas do mundo árabe por grafar o *fā'* <ف> com os pontos embaixo da letra <ف> enquanto que o *qāf* <ق> apresenta um só ponto em cima: <ق>.

O primeiro documento data de 15 de agosto de 1517⁸¹ e é uma das cinco cartas em aljamia de Ialḥ ia Bentafuf, e é endereçada ao rei de Portugal, D. Manuel. O fac-símile não apresenta o texto na sua forma integral; faltam algumas poucas linhas, como podemos perceber pela transcrição de Lopes⁸², que reproduz a carta completa. O documento apresenta algumas passagens, no final do texto, de leitura difícil ou impossível devido a manchas. As

⁸¹ Lopes, 1940, p. 99.

⁸² *Id et ibid.*, p. 45-47.

duas primeiras linhas do manuscrito encontram-se centralizadas e afastadas do corpo do texto, somando um total de vinte e oito linhas das quais, nas seis últimas, encontram-se partes ilegíveis.

O segundo documento é o fac-símile da carta do xeque marroquino, Iaḥia Ben Bulisba da Enxovia, também, para o rei D. Manuel. Lopes estima, baseado nos fatos narrados nela, que a mesma foi escrita depois de maio de 1517⁸³. Esse documento, diferente dos outros sete, apresenta, no alto da página, três linhas em árabe, estando a primeira centralizada e as duas seguintes, alinhadas à direita. O texto em aljamia, assim como o documento anterior, apresenta as duas primeiras linhas centralizadas e afastadas do corpo do texto, somando, no total, quinze linhas – incluídas as três em árabe – com alguns trechos ilegíveis em partes das três últimas.

Haywood e Nahmad⁸⁴ observam que a pontuação não era considerada importante nos manuscritos antigos árabes e, igualmente, o parágrafo era ignorado, assim como acontecia, também, em textos do português da mesma época. Atualmente, os sinais latinos foram incorporados ao sistema de escrita do árabe; todavia, não segue o mesmo critério com que se pontuam os textos em português. À semelhança dos textos árabes antigos, a aljamia não apresenta nenhum tipo de pontuação: o texto é todo "corrido", e não existe divisão em parágrafos.

Damos abaixo, como exemplo, o trecho inicial da segunda carta fac-similada em aljamia⁸⁵ seguido da nossa transliteração e da sua atualização, sem pontuação, para observarmos os fatos apontados acima:

- Trecho da cópia mecanográfica em aljamia, da segunda carta fac-similada:

(linha 3) هُ دِ لَوَشْ مَجْلِكْرْدِيْجُ ا لُوْ وُورْشْ وُ شْدُوْ وُ وُشْ كَرْضْ بِنُشْ
 (linha 4) مِي الظ رِي دِ بْرْتَعَالْ دُ شَاكِ يَدِيَا بِنُ بُلْصَعْ شَرْرْ دُرْ
 (linha 5) دِ بِنُشْ الظِيْرَ اِكِي بِنُشْ ا شَدِيْرْ كِيْجُ كِيِي وُ بِي دِ مَوْفِرْ

- Edição semidiplomática do trecho:

n^um_i d_i d_i^{ʔa}u[∅]x[∅] m_ji_jl_ik^ur[∅]d_iu^ju a^a l^uu[∅]f^ur_ix[∅] a^au^u x^uu d_i^{ʔa}u[∅]x[∅] k^ar[∅]d^a a^a f^ux[∅]

⁸³ *Id et ibid.*, p. 104.

⁸⁴ Haywood; Nahmad, 1965, p. 12.

⁸⁵ Lopes, 1940, p. 50.

m^ui^o a^lo^o r^ai^o d_i b^ur^ot^ug^aal^o d^u x^aak_i i^alh^oi^a b^un^o b^ul^os^ob^o x_ir^of_id^ur^o
 d_i f^ux^a a^lo^oiz^a a_i k_ii f^us^u a^a x^ab_ir^o k_ia^ak^uo^oj^a k_ii^ai_i a^au^of_i d_i m_in^au^of_ir^o

- Edição atualizadora do trecho (sem pontuação):

Nome de Deus misericordioso e louvores ao só Deus carta a vós
 muito alto rei de Portugal do xeque Ialh^o ia Ben Bulisba servidor
 de Vossa Alteza e que faço a saber que a causa que aí houve de me não vir

Percebe-se, ao cotejar-se os fac-símiles e suas transcrições mecanográficas em caracteres árabes feitas por Lopes⁸⁶, que as duas cópias do arabista foram fiéis, com alguns lapsos e "erros" que não diminuem o valor de seu trabalho, pois não descaracterizam as práticas correntes nos textos, como veremos na listagem mais adiante.

No que se refere ainda aos dois documentos fac-similados e à transcrição de Lopes (1940), podemos apontar dois aspectos em que os textos se diferenciam⁸⁷: (1) o arabista grafava com recuo a primeira linha nas cartas transcritas, e, como já foi dito, os originais não apresentam entrada de parágrafos em nenhuma das linhas; (2) embora o redator dos textos tenha grafado todos os *yā's* <ي>, em final de palavras, com os pontos, Lopes sempre os reproduz sem esses mesmos pontos: <ى>. Essa forma de grafar o *yā'* <ى> não é exclusiva de Lopes; como já assinalamos, é comum em outros escritos em árabe.

Também observamos, na transcrição de Lopes, que ele não dispõe as linhas de acordo com a distribuição nos documentos originais, tampouco indica, no texto, o número das linhas no documento original.

Os "erros" e falhas que observamos em Lopes encontram-se nas duas tabelas a seguir, que apresentam, na primeira coluna, as formas transcritas pelo arabista, na segunda, as formas presentes nos fac-símiles dos textos aljamiados – ambas seguidas da nossa proposta de edição semidiplomática. Na terceira, vemos a palavra em caracteres latinos, na quarta, a linha em que aparecem no documento fac-similado, e, na última, a descrição do lapso ou "erro" de cópia de Lopes.

⁸⁶ Lopes, (1940, p. 45-47 e 50-51).

⁸⁷ Supondo-se que o redator de todas as cartas é o mesmo, e que ele seguiu as mesmas práticas em todas elas, podemos acreditar que essas diferenças possam ser estendidas aos demais documentos de cujos fac-símiles não dispomos.

CARTA 1				
Lopes (1940, p. 45-47)	Fac-símile (p. 47)	Palavra	Linha	Descrição
<يَلْرِي> <i ^a l ^o r ^a i ^o >	<يَلْرِي> <i _i l ^o r ^a i ^o >	o rei	2	troca de vogal
<وَلَّشْ> <u ^l a ^x >	<وَلَّشْ> <u ^l a ^x _i >	olhasse	5	troca de vogal por sukun
<اِيْدَكَ بَلَنْ> <a ^a n ^o k ^u f ^a r ^a n>	<اِيْدَكَ بَلَنْ> <a ^a n ^o k ^u f ^a r ^a n>	e encovaram-no	7	troca de vogal
<مَدِيد> <m ^a d ⁱ d ^a >	<مَدِيد> <m _i d ⁱ d ^a >	medida	10	troca de vogal
—	<دُتْرِغُ> <d ^u t _r i ^g u>	do trigo	10	supressão dos termos
<يَلْش> <i ^a l _i x ^o >	<يَلْش> <i _i l _i x ^o >	eles	11	troca de vogal
<تْرِغ> <t _r i ^g u>	<تْرِغ> <t _r i ^g u>	trigo	14	inserção de vogal longa
<أَثْر> <a ^a nt _r i>	<أَثْر> <a ^a nθ _r i>	entre	17	troca de grafema
<جَر> <b _i r ^a >	<جَر> <b ^a r ^a >	para	18	troca de vogal
<بُر> <b ^u r>	<بُر> <b ^u r ^o >	por	19	supressão de sukun
<يَنْظَاو> <i ^a n ^o θ ^a au ^o >	<يَنْظَاو> <i _n θ ^a au ^o >	então	19	troca de vogal
<أَلْظِيْز> <a ^a l ^o θ _i z ^a >	<أَلْظِيْز> <a ^a l ^o d _i z ^a >	alteza	20	troca do grafema
<كِيَاو> <k _i a ^u >	<كِيَاو> <k _i a ^u >	que eu	20	inserção de vogal longa
<كِيَلْرِي> <k _i i ^a l ^o r ^a i ^o >	<كِيَلْرِي> <k _i i _i l ^o r ^a i ^o >	que o rei	21	troca de vogal
<يُوشْدُور> <i ^u x _i n ^u ur ^o >	<يُوشْدُور> <i ^u x _i n ^u ur ^o >	o ensinar	22	inserção de vogal longa

Tabela 14 - "Erros" de Lopes (1940) – carta 1

CARTA 2				
Lopes (1940, p. 50-51)	Fac-símile (p. 50)	Palavra	Linha	Descrição
<شَدَاكِي> <x ^a ak _i >	<شَدَاكِي> <x ^a k _i >	xeque	5	inserção de vogal longa
<اِيَلْرِي> <a ^a i ^a l ^o r ^a i ^o >	<اِيَلْرِي> <a ^a i _i l ^o r ^a i ^o >	ao rei	7	troca de vogal

Tabela 15 - "Erros" de Lopes (1940) – carta 2

Observamos que o lapso ou "erro" mais frequente em Lopes⁸⁸ é a troca da vogal breve *kasra* pela *fathḥa* (7 ocorrências), seguido da inserção de vogal longa (4 ocorrências). As

⁸⁸ Lopes (1940, p. 45-47 e 50-51)

demais são: supressão de termos e de *sukun* (2 ocorrências), troca de grafema consonantal (2 ocorrências), troca da vogal breve *fatḥh a* por *kasra* (1 ocorrência) e troca da vogal breve *kasra* por *sukun* (1 ocorrência). Nenhum desses lapsos ou "erros" contraria princípios seguidos ao longo dos textos. As mesmas palavras que Lopes grafou diferente do original, apresentam-se grafadas, em outras partes dos fac-símiles, conforme sua transcrição.

3.1 A TRANSCRIÇÃO DOS FAC-SÍMILES

Nos fac-símiles analisados, todas as palavras apresentavam as consoantes grafadas com sua respectiva vogal breve ou *sukun*. Apenas o nome do Xeque da Enxovia, Ben Bulisba (linha 7), não apresentava o *fatḥh a*⁸⁹ sobre o *bā'* <ب>, e nem vestígio de que ali houvesse algo escrito: <بُصْنَعُ> <b^ul_s^ob^oʔ^o>. Em algumas passagens bem borradas, não conseguimos identificar as vogais. Não podemos afirmar, categoricamente, que estivessem assinaladas. Percebemos, porém, algumas marcas que parecem indicar sua presença.

Apresentemos a nossa versão mecanográfica dos fac-símiles das duas cartas em aljamia presentes em Lopes (1940)⁹⁰. Estabelecemos as seguintes normas de edição:

- 1- As linhas estão dispostas conforme o original; apenas inserimos maior fronteira vocabular entre as palavras já separadas nos textos para estabelecermos melhor distinção entre elas;
- 2- Mantivemos as grafias do *fā'* <ف> e do *qāf* <ق>, de acordo com a grafia magrebina dos textos;
- 3- Grafamos também o *hamza* conforme os originais, isto é, sem suporte, na linha: <ء>, grafado sobre um traço: <ـء> ou tendo o álife como suporte <أ>;
- 4- As palavras ou trechos ilegíveis do manuscrito estarão assinalados [...], com extensão aproximada à do texto em falta;
- 5- Os traços entre colchetes [], ao lado das palavras, indicam as partes das mesmas não decifradas;
- 6- Algumas consoantes não estão assinaladas com vogal breve por não ser possível decifrá-las com precisão nos documentos;

⁸⁹ O nome já aparecera, na linha 4 com a vogal breve *fatḥh a*, seguida do *álife*.

⁹⁰ *Id. et Ibid*, p. 45 e 50.

- 7- Os números arábicos entre parênteses indicam a linha que a transcrição ocupa no manuscrito fac-similado.

3.1.1 Traslado da carta de Bentafuf

ظَرَكَ دُثْرَ كَرُظَ دِ سِدِي
يَحْيَا أَيْلِي نُوشُ شُدُورُ⁽²⁾

شُدُورُ دُوجُ كَرُظُشُ كَرَرُ[-]⁹¹ دِ عُصَالِ دِ مِدُوشُ نُودَلُشُ
مَبْرِيَسِدِيوُ كَيْشُ

كِرْشَتُوْشُ كِشْتُوْ إِسَدِي بِرَارُوْ كَيْدُومِ بِشِ الطَّيْزِ دُجَالِي
شُ بُرْكَ⁽⁴⁾

نَتْرِيوُ اشْدُوْ تَرِيغُ اسْدِيَادِ بِرْشِدْعَدْتَارِ اسْدِي اِكِي اُوْ وُلُشُ
بُرْشِ اِيْرِبِشُ

شُدُورُ اُ بُرْكَي اُ تَرِيغُ نَيْسِدِيَلَا نَيْيْ اُ بُرْكَ اُجْفَرُشُ
شَدْمِيَارُوْ مَيْتُ⁽⁶⁾

هُوْكَ لَدِغَارُوْ اُ تَرِيغُ بُرْ اَدْرَسِيْرُ اِيْدُكُبَارُنُ دُكَ[-] دِ
غَرْدِ مِيْظُ

كَيْتَلُوْ دُ رِيْ دِ هِاسُ هِيْرُوْ شُدْبُرُ يَلِيْشُ كُ شُدْرِيِيْ اُ طَبِي
بُرْكَ كَلْكَرُ⁽⁸⁾

الرَّفِ كِتْرِيِيْ اُوْ كَرْعُ دِ تَرِيغُ لِيْ عَزِيِيَاوُ بَغَارُ سَرْتُ دِنَايِرُ

⁹¹ Segundo Lopes (1940, p. 45), esta parte do manuscrito está rasgada; de fato a leitura da palavra é duvidosa. Assim como ele, percebemos algo parecido à forma <كَرُودِث>, que não tem sentido: o *kāf* <ك> e o *sīn* <س> portam duas vogais, simultaneamente, e o *rā'* <ر> e o *tā'* <ث> portam *sukun*. O esperado seria que estivesse escrito <كِرْسِب> <k_ir_is_ib_i>, porque na versão da carta em português (*Id et ibid.*, p. 227) está escrito: "que receby".

أَظْبَى بُرْكَ

لِيَكْرَسِنْظَارَوْ أَمْدِيدَ دُ تَرِيغُ كُنْكَ لِيَهْدِدِيَهْ أ تَرِيغُ أ
يُيْرَسُ أَهْيِي (10)

دِ شَدِيرُ أَتْدِي كُمُ يَلِشْ كَجَدَدِي أ دَبِيشْ كَلِيَهْدِدِيَهْ أ تَرِيغُ
لِبَاغَوْ كُو

مِيضَلَدُ دُ بَرَسُ دُ دَنْبِيرُ إَوْتَرُ مِيطَادِ لِبَاغَوْ إ بَنْكَلَشْ أ يِن
أْتَرَأَش (12)

مُيْتَشْ مَشْ بَعَشْ أ كَنْتْ ءَا مَنْتِيغْ إ يَمَالْ إ يَلِينْ إِيْبَالْ
أَنْتَرُ تَنْتْ

إِسَدِي كَلْ نُنْكَ أ نَبُو تَنْبِ إِنْزُرُو أ بَغَلْ أَشْ كُمُ لِبَاغَوْ أ تَرِغُ
أ بُرْشَطْ (14)

رَشْبَانِيْتْ مَنْعُو مِيشْ أ تَرِغُ أ سَدِي دُ كِي ءَا بُرْ فَوْدِرِيَهْ شَدُ
رِيرْ ظَمَشْ

بَعَشْ أ بِنُ بِنْدِرْ أ يُيْرَشْ بَرْتَشْ نُكَنْبْ أَجْدَاءَوْشْ ظَبِي هَسُ أ
شَدِيرْ أ هَسْ (16)

كِعَوْ شَدِكْرِي جَادُ كِي أَرْ بَدَلْ أَنْتَرُ يُكَبْتَلُو يَغُورْ شَدِكْرِي وَفْ
كِنَاوْ

أَشْ رَمَادِي بَرْ رَهْدِيَارْ أَجَلْرَهْشْ كِيَنْتَرُوْ إ سَدِي أ بَرْ شَدْتْ دِهْ

ي ڀُشَ (18)

اَضِرِز د مَدَار ا سَدِي ا وُمِي ڪوَلش بُر ڀُش بُرڀِيَت ا بَل د
بُه اِيَنظاو

شَدِيَرَا ا ڀِرْظَلِ دُ ڪُنْظَرَايِرُ ڪِش ڪَبَشَ شَدِڀُشَنَ اَضِرِزَ مِشَدِڀُيُو
ڪِيُو (20)

لَمِنْدَش نُوڀَش دُ رِي دِڀَاشَ شِيرَ ڪِيَلِرِي دِڀَاسَ ڀِي ڪُڪَنَش
اَمِيَش

ءَا ڄَلَرِڀَش ا ڀِرِڀَرَش ڀِرِي دِ مَرَعُوش ڀِيَنُورُ دَ شَارَ ا ڀِن
حَدُو اِيَش (22)

اَلرِڀَش دَ اَلدَوَزُ اڪُن ڪَنَش اَشو د [-] [...] اِيَنُورُو اِدُگَالِ ا
مَدُو

[] زِرُ وُڄَلَرِڀَش بُر اُنش ڀِيَنُوش [...] شَدَعُوش ڀِ
ڀُش ا ڪِي (24)

دِڀَاشَد [-] [...] اِيَش⁹² اَلرِڀَش

[...] ڪُوڄَ ا [] [...] مِدَارُو مِيَش ڀِيَش
(26)

[...] د ڪَمِيَنُ ا ڀِشُطُو

[...] اِيَش اَلرِش دُش ڀِيَش (28)

3.1.2 Traslado da carta do Xequa da Enxovia

الحمد لله على كل حل

ذلك الكتاب المحس المشقف والمجد المحمص ياسر الحالق⁽²⁾

⁹² Dessa linha em diante os trechos ilegíveis se tornaram mais constantes e algumas palavras se encontram sem vogal breve, pois não conseguimos decifrá-las.

وإفارق الخلاق عظيم المراتب كريم المناسب⁹³

ضَرَدُ دَ كَرَضَ دُو شَكِي دَ يَشَوُّبِي⁽⁴⁾

يَدِيَا بِنُ بُلْدَبَاعِ أَيْلِي نُوْشُ شَدُّورُ

مُ دِ دِوْشُ مَجْلِكْرُدِيُجُ أُوْوُورْشُ لُوْ شَدُوْ هِوْشُ كَرَضُ بِلْشُ⁽⁶⁾

مِي الظ رِي دِ بَرْتَعَالُ دُ شَاكِ يَدِيَا بِنُ بُلْدَبَاعِ⁹⁴ شَرْدُرْدُرُ

دِ بِلْشُ الظِيْرَ اِكِي بِلْشُ أ شَدِيْرَ كِيكُوْجَ كِيِي أُوْبِي دِ مَوْفِرُ⁽⁸⁾

كُكَبَلُوْ بِرَ اِكِي كُمِيْرَ أ بِلْشُ شَرْدُرْبِلْشُ بِلْشُ أ نُهَافَ كِتْمُوْشُ

دِلْرِي دِ بِلْشُ كَبِي لَدِي شَدُّورُ بِلْشُ بِلْشُ أ شَدِيْرَ كِيْعُوْ⁽¹⁰⁾

95

بِيْهَافُ العُوْشُ بَاعْشُ بُلْكَ بِلْشُ أ بِلْشُ الظِيْرَ كِمِبِلْشُ

مِرْسِي سِنْتُ اُنْدَشُ دِ بَرَاظُ أ دُوْجُ مَرْلُوْظْشُ دِ غَرَا⁽¹²⁾

يُيْرَشُ دُوْجُ [...] دِ بِلْشُ [...] أ شِي لَدْتُ شَدُّورُ بِلْشُ

أَبْرُوْ بِلْشُ مَدْرَمَجُ [...] أ [...] بِلْشُ شَرْدُرْدُرُ⁽¹⁴⁾

دِ بِلْشُ [...] [-] شَدُوْ بِي

3.2 PROPOSTA DE EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DAS CARTAS FAC-SIMILADAS

⁹³ Esta e as três anteriores são as linhas em árabe. Observa-se, como em outros textos em árabe, que as vogais breves não estão assinaladas.

⁹⁴ O trecho no fac-símile é bem claro e não parece que havia alguma vogal breve sobre a consoante *bā'* <ب>, do nome *Bulisba*.

⁹⁵ O *álife* da palavra <كِيْعُوْ> <ki^au^oa> "que eu" não representa fonema nem é suporte para nenhuma vogal breve em início de palavra, o que torna sua presença nessa posição desnecessária. Isso ocorre também na escrita árabe, como por exemplo, em verbos na terceira pessoa do plural masculino, no pretérito e no imperativo: كَبُوا [katabu:] "eles escreveram" e اُكْتُبُوا [u^oktubu:] "escrevam". Seria esta forma de grafar o *álife*, apenas ortográfico, um vestígio da ascendência árabe da mão que editou os documentos?

O objetivo de aproximar nossa edição do manuscrito original poderia incluir este trabalho no conceito que se aplica à edição diplomática, porque tenta reproduzir, com fidelidade, todos os grafemas e símbolos presentes no texto original. Mas, por contingência das características dos dois códigos grafemáticos, que utilizam símbolos diferentes, e apresentam direções opostas – o árabe é lido e escrito da direita para a esquerda – preferimos incluir nosso trabalho entre as edições denominadas *semidiplomáticas*. Além do mais, no nosso caso, adaptamos melhor tal conceito porque as letras da edição original são transcritas, fielmente, em tipos de letra correspondente em outro código grafemático.

3.2.1 Normas da edição semidiplomática

- 1- A transliteração das cartas foi feita de maneira a apresentar todos caracteres do árabe que puderam ser identificados nos textos;
- 2- Como as letras árabes não apresentam oposição entre maiúsculas e minúsculas, não empregamos letras maiúsculas;
- 3- As linhas estão dispostas de acordo com o documento original;
- 4- Não separamos as palavras que se encontravam unidas, mas introduzimos maior fronteira vocabular;
- 5- Os colchetes sobrescritos [□] ou subscritos _□, ao lado de algumas letras, indicam vogais breves ou *sukun* que não pudemos identificar;
- 6- Os pontilhados entre colchetes [...] indicam as partes que não puderam ser lidas, com extensão aproximada à do texto em falta;
- 7- Os traços entre colchetes [] indicam partes de palavras que não puderam ser lidas.

3.2.1.1 Tabelas das transcrições

Seguem, abaixo, quatro tabelas organizando todos os caracteres utilizados na aljamia e seus correspondentes em nossa transliteração. A primeira encerra as vogais; a segunda, as consoantes biunívocas; a terceira, as consoantes sem correspondentes no português e, a última, a representação de outros caracteres arábicos.

AS VOGAIS			
CARACTERE ARÁBICO	CARACTERE LATINO	CARACTERE ARÁBICO	CARACTERE LATINO
ا	a	ـ	u
ي	i	آ	ā
و	u	أ	a ^a
ـ	a	إ	a _i
ـ	i	أ	a ^u

Tabela 16 - Transliteração das vogais

AS CONSOANTES BIUNÍVOCAS			
GRAFEMA ARÁBICO	GRAFEMA LATINO	GRAFEMA ARÁBICO	GRAFEMA LATINO
ب	b	ش	x
ت	t	ف	f
ج	j	ك	k
د	d	ل	l
ر	r	م	m
ز	z	ن	n
س	s		

Tabela 17 - Transliteração das consoantes biunívocas.

AS CONSOANTES SEM CORRESPONDÊNCIA			
GRAFEMA ARÁBICO	GRAFEMA LATINO	GRAFEMA ARÁBICO	GRAFEMA LATINO
ء	ʔ/ʾ	ط	t̤
ث	θ	ظ	ð
ح	ħ	ع	ʕ
ص	ṣ	غ	g̣
ض	ḍ	ق	q̣

a^lr^of_i k_it^ra^ziⁱa a^ua k^ri^ga d_i t^ri^gu l^fzⁱi^aau^o b^ga^ro s^ro^tu d_naⁱo^ru a^a o^baⁱo b^ur^ok_i
 lⁱa^ko^rsⁿo^aar^ao a^a m_id_id^a d^u t^ri^gu k^un^ok_i l_if_in^od_ia^uo a^u t^ri^gu a_i i^ub_ir_s^u a^fiⁱa⁽¹⁰⁾
 d_i x_ir^o a^ax_i k^um^u i_il_ix^o k_ja^xaⁱo a^a d_ib^ui^ox^o k_il_if_n^od_ai^o a^u t^ri^gu l_ib^ag^au^o k^ua^a
 m_ia^dad_i d^u b_ir_s^u d^u d_naⁱo^ru a_ia^ut^or^a m_ia^tad_i l_ib^ag^au^o a_i b^an^ok^aad^ax^o a⁷ i_n^o a^ut^or^ax^{o(12)}
 m^ui^ot^ax^o m^ax^o b^ag^ax^o a^a k^an^ot^u ?ā m^an^ot^ai^og^a a_i i^um^aal^o a_i i^al_in^a a_i i^ab^aal^a aⁿo^ta^a

t^an^ot^a
 a_i s^af_i k^al^o n^un^ok^a a_i n_in^uu t_in^ob^u a_in^ot^ur^uu^o a^a b^ag^al_i a^ax_i k^um^u l_ib^ag^au^o a^u t^ri^gu a^a b^ur_ix^ot_i⁽¹⁴⁾
 r_ix^ob^aai^ot^u m_in^og^ua m^ai_x^o a^u t^ri^gu a_i s^af_i d^u k_i ?ā b^ur^o n^uo^bi^od_ir_i^o x^uf^or_r^o o^am^ax^o
 b^ag^ax^o a^a f^an^u f_in^od_ir^o a_i i^ut^or^ax^o b^ar^ot_ix^o n^uk^an^ob^u a^a j^ud^aa⁷u^ux^o o^ab^ai^o f^as^u a^a x^ab_ir^o a^a

f^ux^{a(16)}
 k_i^au^o l_ix^ok_ir^of_i j^aa d^u k_i a^ra b^ax^aad^u a^an^oo_ri_i m_i i^uk^ab_it^aau^o i^ag^uur^a l_ix^ok_ir_il^u k_in^aau^o
 a^ax^u r_im^aad_iu^u b_ir^a r_im_id_ia^ro a^uj^al^ao^fi^xo k_iaⁿo^tr^aau^o a_i s^af_i a^a b^ar^a i_x^ot^u d_if_i f^ux^{a(18)}
 a^lo^di^za d_i m^an^od^aar^o a^a s^af_i a^u u^um^ai^o k_iu^al_xⁱ b^ur^o f^ux^u b^ur^of_it^u a^a b^ul^a d^u b^ur^u a^a

i_n^oo^aau^o
 x^ab_ir^a a^a f_ir^oo^aad_i d^u k^un^oo^aai^or^u k_ix_i k^ab^ax^a x_n^uur^o f^ux^a a^lo^di^za m_ix^ok_ir^of_iu^o k_ia^{u(20)}
 l_im^an^od^ax_i n^uuf^ax^o d^u r^ai^o d_i f^ax^o x^ab_ir^a k_ii_l^or_i^o d_i f^as^o f_ii^u k^uk^an^ot^ux^o

a^um^ai_x^o
 ?ā n^uj^al^ao^fi^xo a^a b^ar^ob^ur_ix^o i^ur^ai^o d_i m^ar^ag^ux^o i^ux_n^uur^o d^a x^aar^a a^a b^an^o lh^ad^uu

a_ii^ux^{o(22)}
 a^la^ro^fi^xo d^a a^lo^{lh}^aau^oz^o a^a k^un^o k^an^ot^ux^o a^ax^uo d_i[] [.....] a^a i_n^ot^ur^uu^o a_i d^uk^aal^a a^a

m^an^od^uo
 []_iz_r^o a^au^ja^la^ro^fi^xo b^ur^o a^un^ux^o b_ig_in^ux^o [.....] x^au^ux^o f_il^ux^o a^a k_ii⁽²⁴⁾
 d^ai^ox^aax^a_o [.....] a_ii^l_x^o a^la^ro^fi^xo
 [.....] k^uu^oj^a a^a d_i[] [.....] m_id^aar^[]u^o m^ai^ux^o f_il^ux^{o(26)}
 [.....] d^[] k^am_in^u a_[] i_x^ot^uo
 [.....] a_ii^l_x^[] a^[]l^ar^[]f_ix^[] t^ud^ux^o a_ix^ot^aau^{o(28)}

3.2.3 Edição semidiplomática da carta do Xequé da Enxovia⁹⁷

(da^rl^ad^u d^a k^ar^od^a d^uu x^ak_i d^a i_x^au^of_i^{a(4)}

i^alh^oi^a b^un^o b^ul_s^ob^aa^ro a^ai_il^or^aai^o n^uux^u x_n^uur^o

n^um_i d_i d_i⁷a^uo^xo m_ji_li_ku^od_iu^u a^a l^uo^fur_ix^o a^au^u x^uu d_i⁷a^uo^xo k^ar^od^a a^a f^ux^{o(6)}

m^ui^o a^lo^ou^o r^ai^o d_i b^ur^ot^ug^aal^o d^u x^aak_i i^alh^oi^a b^un^o b^ul_s^ob^aa^ro x_ir^of_id^ur^o

⁹⁷ Suprimimos na transliteração desta carta as três primeiras linhas, por não serem aljamia, mas sim árabe. Sua tradução, nas palavras de Lopes (1940. p. 103): "Glória a Deus sobre todas as coisas. Eis a carta generosa, benéfica, ilustre, sem par, favorecida do Criador, abundante de felicidade, grande de altura, nobre de parentescos".

$d_i f^{u^a} a^{l^{\delta}i z^a} a_i k_i f^{s^u} a^a x^{a b_i r^{\delta}} k_i k^a u^{\delta j^a} k_i l^a i_i a^a u^{\delta f_i} d_i m_i n^a u^{\delta f_i r^{\delta}} \text{ (8)}$
 $k^u k^a b_i t^a u^{\delta} b_i r^a a^u k_i i k^u m^{\delta} b_i r_i a^a f^{u^u} x_i r^{\delta} f_i s^u f^{u_i^{\delta}} a^a n^u u^f k_i t_i m^u u x^{\delta}$
 $d_i l^{\delta} r^a i^{\delta} d_i f^a s^{\delta} k_i f^a i^{\delta} a^a x_i x_i n^u u r^{\delta} f^{u^x^{\delta}} f^a s^u a^a x^{a b_i r^{\delta}} k_i i^a a^u \text{ (10)}$
 $d_i i f^u a^a l^g u u^a x b^a g^a x b^u l^u k_i b^a s^u a^a f^{u^x^a} a^{l^{\delta}i z^a} k_i m_i f^a s^a$
 $m_i r^{\delta} s_i s_i n^{\delta} t^u a^u n^{\delta} s^a x^{\delta} d_i b^a r^a a^{\delta} a^a d^u u^a j^{\delta} m^a r^{\delta} l^u u^{\delta} x^{\delta} d_i g^{\delta} r^a \text{ (12)}$
 $i^u t^{\delta} r^a x^{\delta} d^u u^a j^{\delta} [...] d_i f_i l^u u[_] a^a x_i a_{i j} x^{\delta} t^u x_i n^u u r^{\delta} f^{u^x^{\delta}}$
 $a^a b^a r^a u^{\delta} f^a r^{\delta} m^a n^{\delta} d^a r^{\delta} m^a j^{\delta} [.....] a [...] f_i k^u x_i r^{\delta} f_i d^u r^{\delta} \text{ (14)}$
 $d_i f^{u^a} [.....] [_] x^a u^{\delta} f_i [_]$

3.3 EDIÇÃO ATUALIZADORA

Apresentamos a seguir a atualização completa das cartas. Baseamo-nos nas transcrições de Lopes (1940)⁹⁸ para preencher as lacunas dos fac-símiles. A modernização da ortografia facilitará o acesso ao conteúdo dos textos ou até mesmo dirimirá dúvidas dos leitores não especialistas decorrentes da dificuldade natural de decodificação dos caracteres da edição semidiplomática.

Esta atualização tem um caráter particular, pois resulta de uma interpretação que pode encontrar, em outras análises, representação diferente, uma vez que os textos não apresentam divisão em parágrafos e nenhum tipo de pontuação que pudesse indicar a intenção do autor, mesmo que imprecisamente. Além de a pontuação da época não corresponder necessariamente aos parâmetros da pontuação moderna: "não nos espantamos ao verificar que em textos portugueses de cerca de 500 anos atrás ela diferia daquela que atualmente está em vigor."⁹⁹

Nas duas cartas que analisamos não encontramos passagens em que divergíssemos grandemente da pontuação utilizada na restituição dos textos de Lopes (1940), porém, nas cartas que editamos no capítulo 5, alguns trechos suscitam dúvidas. Se a pontuação "pode, por exemplo, centrar-se na estruturação sintática [...], desse modo fornecendo a chave para as relações que as palavras criam entre si no âmbito do texto"¹⁰⁰, como entender exatamente, sem a pontuação, o trecho a seguir da primeira carta de Bentafuf?

⁹⁸ *Id. et ibid.*, p. 45-47 e 50-51.

⁹⁹ Rosa, 1994, p. 28.

¹⁰⁰ *Id. et ibid.*, p. 28.

e logo escrevi ao capitão fazendo-lhe a saber em como queria ir a Safim falar com ele sobre o rei de Fez e em outras coisas e entrei em Safim um dia à tarde com trinta ou quarenta de cavalo e falei ao Capitão e me fui logo para casa e outro dia Garbia como ficamos de correr a ‘Abda vieram outros alarves que ficavam detrás de nós em Acerno

A atualização de Lopes (1940, p.77-78) do trecho

" [...] E eu logo escrevi ao Capitão fazendo-lhe a saber em como queria ir a Safim falar com êle sôbre elrei de Fez e em outras coisas, e entrei em Safim um dia à tarde com trinta ou corenta de cavalo e falei ao Capitão, e me fui logo pera casa.

E outro dia, Garbia, como ficamos de correr a ‘Abda, vieram outros alarves que ficavam detrás de nós em Acerno: vinham pera Açafim pera saberem se concertara com o Capitão..."

O trecho em nossa atualização (4.1.2)

"[...] E eu logo escrevi ao Capitão fazendo-lhe a saber em como queria ir a Safim falar com ele sobre o rei de Fez e em outras coisas. E entrei em Safim um dia à tarde com trinta ou quarenta de cavalo e falei ao Capitão, e me fui logo para casa; e outro dia, Garbia. Como ficamos de correr a ‘Abda, vieram outros alarves que ficavam detrás de nós em Acerno. Vinham para Safim para saberem se consertara com o Capitão..."

Na atualização dos documentos adotamos as seguintes normas:

- 1- Na transcrição dos nomes árabes próprios, de cidades ou pessoas, que já entraram na escrita da língua portuguesa, mantivemos a forma da tradição, independente das várias formas que possa assumir nos documentos. Por exemplo, grafaremos sempre "Fez", embora esse nome apareça grafado <فَهِ> <فَهِ>, com *sīn*, e <فَهِ>, com *šīn*;
- 2- Na transcrição do nome árabe de grafia vacilante, no texto, <بُلِسْبَاع>, grafado com *sīn*, e que também aparece grafado <بُلِسْبَاع>, com *šād*, optamos por representá-lo pelo grafema mais corrente no português, isto é, o representamos com <s>, que representa o *sīn*, na transcrição fonética, e não pelo <š>, que representa o *šād*: Bulisba‘; os demais nomes árabes, que não têm tradição na escrita da língua portuguesa, serão transcritos de acordo com a

grafiação nos textos (no caso dos nomes que apresentam variação, adotaremos a mais freqüente), de acordo com os caracteres da transcrição do alfabeto

fonético visto em 2.4.1: <إلهيا> Ialḥ ia.

- 3- Inserimos pontuação e parágrafos para aclarar o texto;
- 4- Daremos a versão integral das cartas. Os trechos que não constam nos fac-símiles estarão assinalados com <>, e são baseados nas transcrições de Lopes¹⁰¹.
- 5- Os números sobrescritos assinalados entre parênteses ^(), no meio dos textos, indicam o final da linha nos fac-símiles;
- 6- Atualizamos a ortografia, mas não a sintaxe;

3.3.1 Atualização da carta de Bentafuf

Traslado de outra carta de Sidi ⁽¹⁾Ialḥ ia ao rei Nosso Senhor ⁽²⁾

Senhor, duas cartas que re<cebi> de Gonçalo de Mendonça, numa delas me pareceu que os ⁽³⁾ cristãos que estão em Safim fizeram queixume a Vossa Alteza dos alarves¹⁰², porque ⁽⁴⁾ não traziam o seu trigo e cevada para se gastar em Safim, e que eu olhasse por isso e o previsse. ⁽⁵⁾

Senhor, o porque o trigo nem a cevada não vêm é porque os alarves semearam muito ⁽⁶⁾ pouco, e segaram o trigo por amadurecer e encovaram-no no campo, de grande medo ⁽⁷⁾ que tinham do rei de Fez vir sobre eles, como se dizia; e também porque qualquer ⁽⁸⁾ alarve que trazia uma carga de trigo lhe faziam pagar certo dinheiro; e também porque ⁽⁹⁾ lhe acrescentaram a medida do trigo com que lhe vendiam o trigo, e o preço havia ⁽¹⁰⁾ de ser assim como eles quisessem; e depois que lhe vendem o trigo lhe pagam com a ⁽¹¹⁾ metade do preço do dinheiro, e a outra metade lhe pagam em pancadas e em outras ⁽¹²⁾ muitas más pagas. E quanto à manteiga, e o mel, e à lenha, e à palha entra tanta ⁽¹³⁾ em Safim qual nunca em nenhum tempo entrou, e pagam-lhe assim como lhe pagam o trigo; e por este ⁽¹⁴⁾ respeito mingua mais o trigo em Safim do que é, por não poderem sofrer tão más ⁽¹⁵⁾ pagas, e vão-no vender em outras partes no campo a judeus.

Também faço a saber a Vossa^{103 (16)} que eu lhe escrevi já do que era passado entre mim e o capitão, e agora lhe escrevo que não ⁽¹⁷⁾ acho remédio para remediar os alarves que entram

¹⁰¹ *Id.*, 1940, p. 45-47/50-51.

¹⁰² Os árabes.

¹⁰³ A palavra "Alteza" não consta nos fac-símiles.

em Safim, e para isto deve Vossa ⁽¹⁸⁾ Alteza de mandar a Safim um homem que olhasse por vosso proveito e pelo do povo, e então ⁽¹⁹⁾ saberá a verdade do contraíro que se cá passa.

Senhor, Vossa Alteza me escreveu que eu ⁽²⁰⁾ lhe mandasse novas do rei de Fez. Saberá que o rei de Fez veio com quantos homens ⁽²¹⁾ há nos alarves, e bárbaros¹⁰⁴, e o rei de Marrocos, e o senhor da Serra, e Ben **H** adu, e os ⁽²²⁾ alarves da al-**H** auz e com quantos achou di<ante de si>, e entrou em Duquela e mandou ⁽²³⁾ dizer aos alarves por uns beguinos¹⁰⁵ <que ele lhe tomaria> seus filhos, e que ⁽²⁴⁾ deixasse<m a Sidi Ialḥ ia, e que ele lhe daria outro alcaide de sua mão>, e os alarves ⁽²⁵⁾ <não quiseram fazer tal> coisa. E de<pois que lhe isto disseram> me deram meus¹⁰⁶ filhos ⁽²⁶⁾ <e fizeram-lhe a vontade, sem me fazerem a saber nada; e nós lhe fugimos> do caminho e estou ⁽²⁷⁾ <agora na terra do Xerife¹⁰⁷, até ver se poderei tornar ou não>, e os alarves todos estão ⁽²⁸⁾¹⁰⁸ <muito alvoroçados, e se eles não tornarem, eu, com estes que tenho, os farei tornar, por força, para Safim, ou me eles matarão por vosso serviço.

Senhor, Mail e outros assim não fazem outra coisa senão estudar e dizer falsidades, assim como sempre fez, por não achar quem lho defenda, senão o capitão que lho consente e ajuda a dizer e fazer; e, contudo, peço a Deus que me não desampare de vossa vitória. Escrita o primeiro dia do mês da terra do xerife, a quem eu tomei sete aduares¹⁰⁹ dos seus alarves, o dia que para ele parti, e me estou mantendo no seu trigo e cevada que achei encovado nas suas aldeias.>

3.3.2 Atualização da carta do Xequé da Enxovia

(Traslado da carta do xequé da Enxovia ⁽⁴⁾ Ialḥ ia Ben Bulisba‘ ao rei Nosso Senhor⁽⁵⁾

Nome de Deus misericordioso e louvores ao só Deus. Carta a vós ⁽⁶⁾ muito alto rei de Portugal, do Xequé Ialḥ ia Ben Bulisba‘, servidor⁽⁷⁾ de Vossa Alteza, em que faço a saber que a coisa que aí houve de me não ver⁽⁸⁾ com o capitão, para o que cumpre a vosso serviço, foi a nova que temos ⁽⁹⁾ do rei de Fez que vem.

¹⁰⁴ Bárbaros = berberes. "população do Magrebe, anterior à conquista árabe, que permaneceu na respectiva área lingüística e cultural depois de islamizada." (Farinha, 1997, p. 652)

¹⁰⁵ Beguinos: religiosos. (LOPES, 1940, p. 95)

¹⁰⁶ A expressão "**me** deram **meus** filhos" não faz sentido, Lopes (1940, p.101) diz "lhe deram seus filhos" para estabelecer o sentido correto.

¹⁰⁷ "Homem nobre; designação atribuída aos descendentes da família de Maomé." (FARINHA, 1999, p. 664).

¹⁰⁸ Esta é a última palavra do fac-símile, o restante da carta foi editado baseado na transcrição de Lopes (*ibid.*, p. 47).

¹⁰⁹ "Povoações formadas de tendas" (*Id et ibid.*, p. 89)

Assim, senhor, vos faço a saber que eu ⁽¹⁰⁾ devo algumas pagas, pelo que peço a Vossa Alteza que me faça ⁽¹⁰⁾ mercê cento onças de prata e duas marlotas¹¹⁰ de grã¹¹¹ ⁽¹²⁾ e outras duas <marlotas> de velu<do>. E se <i>sto, senhor, vos ⁽¹³⁾ aprouver, mandar-mas-á <por Iussef Adibe> e <eu> fico servidor ⁽¹⁴⁾ de Vossa < Alteza em todo o bem que mandar da En>xouvi<a>.⁽¹⁵⁾

4 EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DE OUTRAS DUAS CARTAS DE BENTAFUF AO REI D. MANUEL

¹¹⁰ "Espécie de capote curto, com capuz, us. pelos mouros." Ferreira (2004)

¹¹¹ "Lã tinta de escarlate." (*Id. et Ibid.*)

Aplicaremos, a seguir, a nossa proposta de edição a outras duas cartas aljamiadas de Bentafuf ao rei D. Manuel. Estas cartas foram transcritas por Lopes (1940)¹¹², e, segundo a disposição do arabista dos oito documentos, elas correspondem à primeira e à quarta cartas do mouro.¹¹³ Consideramos que essa edição justifica-se, por nos parecer, após as análises dos textos fac-similados, que a transcrição feita por Lopes foi bastante fiel aos originais.

A disposição das linhas segue à utilizada na edição do arabista, que, pelo que constatamos nas duas reproduções fac-similadas que analisamos, pode não ser a mesma dos documentos originais. Apenas alteramos, na nossa transcrição, a grafção da letra *yā'* <ي>, que, como já assinalamos, está grafada pelo arabista sem os pontos: <ى>.

As normas para a transcrição, para a edição semidiplomática e para a edição atualizadora das cartas são as mesmas estabelecidas para os fac-símiles, vistas em 4.2; gostaríamos de destacar que, nesses documentos, algumas palavras não estão grafadas segundo a prática corrente nos textos; esses desvios estarão assinalados em notas de pé de página.

4.1 TRANSCRIÇÃO DA PRIMEIRA CARTA DE BENTAFUF

Lopes, 1940, p. 27 - Linhas 1 - 10.

طراد د كرز ا يلري نوش شنور
 لُوْهُرْشْ اُوْ شُوْ دِوْشْ شَدُوْر وُ اَطَاثُوْزِيْ ا رَمِدِيَايْ ا دَابْ
 بَدَلَا ا مِيْتَشْ كُوْجَجْ كِبَشَدَلُوْ اَنْتِرْ م ا يَكِيْتُوْ ءَا مِنْ هُ
 نَتَلَا اَر
 اَكْبَرَالشْ شَدْنُ هُشْ اَلْظِيْرَ شَدِيْرُ ا نُودُ مَعْدِيُوْا وُ رِشَاشْ د
 كِيْ اُوْ⁽²⁾
 كِيَابْ بِيْتَشْ دُشْ دِيْشْ مِيْرُوْا ا بُدَاكِيْ اُوْ بَرْدُ هِدْشُرْاَنْدِيْ شَدْنُ

¹¹² Lopes (*ibid.*, p. 27-33; 41-44)

¹¹³ Pretendemos aplicar a nossa proposta de edição a todos os documentos, em um trabalho futuro, feito a partir dos originais, que se encontram na Torre do Tombo.

مِرْسِيرِ يَءِ وَ شُدَيْرِي نُودُ بُرْكِ نَوُ دَنَدِي ا بُشَ الظِيرِ
كُيْدُ نِمْنُشْ⁽⁶⁾

الْعَوَ اَكْبَوُ ءا يَمِنْتِشْ لِنَدَيْشْ شِرْكَشْ نَوُ ءارَوُ ضَوُ
دِرْكَرَالُشْ كُم

اَعُورَ شَدَّءُ وَ اَمَ مِبْرَسِي كِيْمِرْدَلِ اِيلِيَالِ شِرْ دِيسُ مِرِيءِي د
شَدَّءَارُ⁽⁸⁾

دِلِشْ ا دَشْ كُوجَشْ دَلْرِي دِ ءِاسْ بُرْكِ فُارَ ءِءِلَوُ
الْعُووشْ

كَرْطَشْ كَرِيْدِي دِ ءِاسْ نَكَالَ مِجَمَ اُورَ لَجْمَنَهَبَ اَوُ
كَبْتَاوُ كَارُ⁽¹⁰⁾

Lopes, 1940, p. 28 - Linhas 11 - 26.

ءُشَدِي دُجْمَطَوُشْ كَلَا اَرَوُ كُ دُئْرَشْ كُوَيْشْ كَارُ شُدُووشْ ا
شَدِي لَوُ

نَوُ ءِيْنِ ءِلَارُ كُكَبْتَوُ ءَارَ بُرْكِ نَوُ تَرْدَشِي لَدَبْعَاشْ دُ تَرِيغ
اَدَابَ⁽¹²⁾

مِيْتِ بَرِاشْ وُشْ اَلْرِءِشْ نُنْرَازِيرُ دَشْ بَاغَشْ ا
ظَبِي بُرْكِ

نَوُ ءِكَشَدِي اَشْ اَلْرِءِشْ اظَا كِيكَبْتَدِي دِ بَعَارُ اَدَا ا غَرْبِي
ا كَنْظُ⁽¹⁴⁾

ءَا أَشْبَاغَشْ دَ شَرْفِي نَو ۛ دِيَارَو ۛ نُودَشْ بُر ۛ كَوَجَ دَشْتَشْ شَو
دَلرِي

دِ ۛ سَاسْ كِزِي دِيَارَو ۛ لَتَارَشْ نَكَل تَنبُ ۛ ۛ جِيرَو ۛ بَر
مِيَتُ (16)

لَوُجَ ۛ اَظَا ۛ كَدِيَو ۛ كُمُ شَعَو ۛ اَشْتَشْ نُودَشْ ۛ دِ شَارَ ۛ كَظِيمَشْ ۛ ۛ
اَس ۛ اِ

يَعَو ۛ شِئورَ ۛ كَنَدِي ۛ اَش ۛ اَلرِشْ ۛ ظَو ۛ اَلعُرْ ۛ صَادَشْ ۛ زِ ۛ كَشِيل
كُنُ (18)

عَرَبِي ۛ اِنك ۛ نَشْ ۛ بَرَسَعَو ۛ بِي ۛ كَرْمَشْ ۛ اِ ۛ عَدَ ۛ بِيئورَو
شَدِي

مِنَ ۛ لِسَ ۛ اِ ۛ كَشِيلُ ۛ اِ ۛ يَنظَا ۛ وِ ۛ بَر ۛ شَكْسِرْ ۛ ظَر ۛ كَدَارْفِي ۛ ۛ اِكَار
اَوُ (20)

اَنتِر ۛ يِلشْ ۛ اِ ۛ اَنتِر ۛ اَلرِي ۛ دِ ۛ سَاسْ ۛ كَدُ ۛ كَارَكِ ۛ يَاشْ ۛ اِ ۛ كِيَدُ ۛ اَو
كُمُ

اَبِي ۛ دِ ۛ زِير ۛ دِ ۛ مِ ۛ مَدُو ۛ دِر ۛ سَلِيمَكْرَ ۛ يَشْ ۛ اِ ۛ كِي ۛ زِي ۛ بُر
كَنَتُ (22)

اِ ۛ كَبَاو ۛ مَدُو ۛ دِر ۛ زِير ۛ اِ ۛ عَدَ ۛ كَشِ ۛ وُشَدِي ۛ بَر ۛ اَدِ ۛ كَجَدِي ۛ اِ ۛ نَو
دَشَدِي

نَدَا ۛ بُلْكَي ۛ وُ ۛ مَدَا ۛ يِ ۛ نِمَشْ ۛ ۛ زَشْ ۛ اِ ۛ يَعَو ۛ لَوُغ ۛ لَتَكْرِي ۛ اَو
كَبَاو (24)

بَزْدُلْ أَ شَدِيرَ إِن كُومُ كَرِييَ إِرْ بِي سِدَارَ كُوِيلْ شُبْرَالرِي
د

بَاشْ أَ يِنْ أَرَشْ كُوجَشْ أَ يِنْتَرَايْ لَئِي شَانْ دِي أَ تَرَهْ

Lopes, 1940, p. 29 - Linhas 27 - 43.

كُنْ تَرِنْتَ أَوْ كَرِنْتَ دِ كَبَالْ أَ بَلَايْ وَ كَبِتَاوْ أَ مَبِيْ لُوغْ
بِرَ كَجَ

إِ بُوْتَرُ دِييْ غَرَبِيْ كُمْ بَكَمُشْ دِ كَرِيرْ أَ عَبْدِيرَوْ أَرَشْ
الرَبِشْ⁽²⁸⁾

كَبَكَبَوْ دِثْرَجْ دِ نُوَشْ إِنْ لِدَرُفُونَلُوْ بَرَا سَلَعِيْ بَرَشَدِيرِيْ
شِدْ كَسِرْ ظَارْ

كُكَبِتَاوْ بَرَا كَرَمُشْ أَ عَدَّ إِنْ تَبُّ كَنَبْ شِمُشْ دَشْ كَبَرُشْ
أَ كَنْدُ⁽³⁰⁾

أَشْ الرَبِشْ كَمِدَارَوْ بِيرْ أَرُوْ أَنْزْ أَرَأَشْ دُو دِييْ بَدَلَتَكْدُ أَ
أَجِنْتَ دَ سَدَعِيْ أَشْ بِيرَاوْ بِيرْ وَ بَارَوْ أَلْعُ رَسِييْ أَ م
شَدَبِييَوْ إِ⁽³²⁾

يَلْعُرْ سَوُشْ لَجِنْتَ إِ يَرْمَرُشْ قُضُشْ بَرَشَدِيرِيْ دِ م
بُرْكَ

دَزَعَوْ كِيَعَوْ وَ بَيْنَ ثَمَارْ أَسَدَعِيْ أَدِيمَارَمْ بُوْرْ تَرَلُورْ لِدَتْدُ أَوْ
إِ مِنْ⁽³⁴⁾

كَجَ شَرْنِ شَدِيرِ بَرْتِ دِ نُووِ كُوجِ شَدُّ اَوْ بَرْدُ بَرِ بِلَارِ اَوْ
كَيَّتاو

شَدِيرِ يَارِوِ بَرَا مِ مَورِشِ اِ كِرِشْتَاوِشِ دِرِزْمِ كِهْدَتَاوِ كُمِ كِي
شَدِي (36)

بَرْتِ دِ نُووِ كُوجِ اِ جِنْتِ دِ سِدَلِ اِشْتَا نُظَا اَرْمَلَا اِ مِي اَلِه
رِصَادِ

اِ فَدُّ مِهْتِ دِشَارِوِ مَدِي دِرِزِ لَوِ كِهْتَوِ كِيَاوِ بَيْنِ بَرَا اِ كِي
اِلِي (38)

بِي شَايِي اِ كِي اِلِي اَرْدِنَابِ كُنْتَرَا مِ اِ كِي اَوْ نَوِ اِنْدِيَا
اِ

يَهْتِ شَدُورِ اَرْدِنَعِ وِ اَشِ تِدُورِشِ كِتِيرَاوِ كُنْتَرَا مِ دَوْتَرِ بِي
يَزِ اَشِي (40)

كَدُّ بِي دِ كَنْبِ بَارَسَدِي لَدِي لَهْتِ دِجُنْرَا كَمِيرْدِنَارِوِ بِي كِ
دِيوعِ لَوِيَزِ اِ رَرِي اَبْرَاوِ اِ بِي جُوجِ اَبْرَهْمِ دِ مَعْيُولِ
يَلْعُونِشِ (42)

الرَّيْشِ كِشَعِ وِ اِشِنَادُشِ اَنْتِشِ كِهْدِنْدِوِشِ اِ كِهْتَاوِ كُوَيْلِشِ اِ

Lopes, 1940, p. 30 - Linhas 44 - 60.

دُوشِ دِ سِدَلِ اِ يَهْتِ مَلَا بَدَنْظَرِوِ كُنْ غَرْدِ اِرْبَاجِ اِ كَبِسِ دِ
مِنْ (44)

أَنْرَأُ بِتُورِي أ بِدَسِمِنْتُ كِ دَعُوشُ دَعُوشُ دَعُوشُ دَعُوشُ
الظِيْرَ

أ ظَبِي بُرْكَ وَآيِي أَعُورَ كَعَلْغَلَشْ نِيْنُ غَادُوشُ كِرْبَرْتِرْ
أ كَرِي ⁽⁴⁶⁾

بَزِرْ لَدَكْ بَلْغَلَشْ دُشْ مُورُشْ¹¹⁴ أ دِنْتُرَأُ هُوَ الْكَارُ مُورْ
هَيَاي كُمْبَرَارْ

أَوْ بِنْدِرَأُ سَعِي لَدَا كَلِي كِيَا لِدَوْبِيُو بَرَّ تَرِي كُوجَ دِكْتِيْبُ
أَرِي ⁽⁴⁸⁾

أ يَشْتُ بَازِي أَشْ بُوَشُوشْ بُوَشُوشْ بُوَشُوشْ نُونُ غَاظُ ثُمُ دُوجُ
مُورُشْ

لَدِي أ بِيْتُورُ ثُمُ أَشْرُشْ مِيْشْ أ سَعِي وَ نَتَبَاشْ بِرْفِخَوُ
أ كَرُظْشُ دِ ⁽⁵⁰⁾

بُشْ الظِيْرَ طَبِي دِ مِ بَزَارَوُ لَسُوْبِيِي كُ دِ بِيْتُ بَزَرَوُ دِ
مَعُو

مَرْزَعْنِي كُنْكَ أَوْ شِرْبُ أ بُشْ الظِيْرَ بَزَرَوُ دِيْلُ لِدَوْبِيِي أ
كَتَبَارَنُ ⁽⁵²⁾

أ هُوَالُ بِيْرُ شُدْظَارُ كُنْ بِنْدَدَ بَدِيْعَ كَبْدِي اِشْدُظَارُ أ
دِيْبِيْشْ

¹¹⁴ Não há o símbolo *sukun*, que neste caso indicaria que há aí um ditongo e não vogal longa. Lopes não tece nenhum comentário.

كِبُشَ الْظِيْرَ بَرَكَ لِدْفِرِيْءِ وَ بَارَنُ مَايشْ شِكْرَاظْمِنْتِ طُودِ
مُورُ (54)

كِيْبِظَرَ اِنْ اَلْعُوْشْ كَلَجَشْ اَ بِنْدِرْ وَ كَمْبَرَارْ اَلْعُوْوَ كُوْجِ
نُوْ شَدَايِ

مَايشْ لَدِيْ دَشْتِيْشْ مِيْشْ شَهْلَايِ بَرَا ثُوْظْ اَ بَرْتِ دِ بُوْر اَ
شِدْتُ (56)

شَرُوْرْ شَدَبَاشْ اِ يَلْعُوْشْ كَلَجَشْ دُشْ بُوْشُوْشْ بِيْسِرِيْايشْ
بِرْسَدِبَالْمِنْتِ

ذَلْعَدِعْ اَ نَلْكَدِبَ اِ يَلْعُوْشْ مُورُشْ كَوُوْ كُنْدَتِيْ كَلَشِيْبِيْءُوشْ مَظْنُشْ (58)
اَ دِيْئِيْشْ نُوشْ بُوْسُدُشْ اَ شِدْتُ دَرِعْ اَ بُشْ اَلْظِيْرَ بُرْ مَدَّرْ
كُنْدَتِيْغَارْ

اَ كِيْ لَا مَنْدَرُوْ بَرِيْجْ شَدَنُوْ بَرَكَ شِيْبَ بُشْ اَلْظِيْرَ كِيْمُوْرْ اَ
كِبَايِ (60)

Lopes, 1940, p. 31 - Linhas 61 - 76.

كِرِنَسْ مِبْدِيْ تِيْرْ بِيْشْ شَدِيْ لِدْتُ نُودُ اَ شِدْتُ بَارِيْ بُلَا
نَسَدَادْ

اَ كُنْدُوْمْ كِتِنُوْ كَايِيْ اِنْ بَرْتِيْرْ كَبَلْغَلَشْ اَعْرَ نُوْ تِيْ نَلَا بُرْءُوْ
تِرْ نُودُ (62)

اَ بَارْ كُمْ بُشْ اَلْظِيْرَ مِمْنَدُوْ اَ نُوْ شِرْ بُرْفِيْتِ

شَدُوْ دِيْلِيْشْ لَدِيْ شَرُوْرْ

بَاشُ اِدِءَوْشُ أَ فُشَ الظِّيزَ كَمُهْدِهِنْدَ مِنْ اَنْرَ ا مِرْشِي كِبَسُ
 أَ فُشَ (64)

الظِّيزَ بِيَشُ ا نُّكَ فِدِي ءَا لِنْدَظَ اَشِي فُشَ الظِّيزَ لَوِءَارُ د
 كَرِير

أ ش مِشْرَكُش ° كِدْرِي دِ نَمَّ وَ وُلْرَمَّ وُشَ سِرِفِيسُشُ ا
 لِيَاظَلِ كِنْدِمِير (66)

تِيَفِ اَشْكَوَجَشُ دِ فُشُ شِرِفِيسُ مَدْمِ فُشَ الظِّيزَ لِسُ بِر
 كِ

إِبْرَكِ بِرَا بُرْتَعَلُ ا ش فُشَ الظِّيزَ لَوِءَارُ دِ دَارُ بَدَادَا ا
 يَشِيْدَتِشُ (68)

مِشْرِيكُوشُ ا نُنْشُشُ فَرِيرُ كَعِيدَارُ ا طَارُ كَرَالْتُ ا نُودُ اَكِيلُ
 كِكْجَارِي

دَرِيرُ دِمِ ا بَرَسِرُ ا فُشَ الظِّيزَ كِيَعُوْ شَدَّ وُ كَلْبَلُ ا مَدَّيْمِ
 اُدِ كِرْشُ (70)

كِمِبَا ا لِهَ مَّ وُشُ فِيلُوشُ ا كِي اِنْتَرَاغُ فُشَ بَدِيرُ
 ا يَطْبَاكِ ا

بِرِفِلاجِيشُ اِيَعُ وُ نَمْرَايِ دُ كَنْبُ دَ سَعِي نِمِشُ اَنَّةَ لَارِشُ
 اظَا (72)

كَمِشْ أَلْظِيْرَ نَوَ مَدْرَ ظَارَ أ كَلْبَ لَوَ أ كُنَ مِرْسِيْرَ بُرِي شَدُوْر
كُنْ

كِمْدَاكُوَ إ نِنُووَ كُوْجَ دَجْجِي مِيْشْ دِ شِرْهَرِ أ هُشَ أَلْظِيْرَ كَم
إِنْ⁽⁷⁴⁾

تَلِرَ أ يَلِرِي دِ هَاسَ كِنُوَ هِنَ لِنْدُرُوِيْرَ دُكَالَ نِمْنَشِيْرَ أ
بِنْدَتَشْ

تَارَشْ بُلْكَ كَمِيْرَ أ هُشْ شِرْهَسْ أ بُرْفَيْتْ دِ نُظَ أ تَارَ أ
يَعُوْرَ⁽⁷⁶⁾

Lopes, 1940, p. 32 - Linhas 77 - 93.

نَبَسْ أ دِعُوْشْ أَثْرَ كُوْجَ شَدُوْ كِيْهِنَ أ رِي دِهَاسَ بِرَ كَهْءُوْ
دِنِيْرَ

كَمِيْرَرُ أ بُدْكَارَ جِنْتِ بِرَ كُوِيْلَ مِكْبَتِيْرَ يَعْءُوْ لِنْدَبَارُ إ دِعُوْشْ أ
دِهْشَ⁽⁷⁸⁾

هِيْتُوْرِي كِيَاظْكَ شَمِيْرَ كَمِيْعُ لَنِي يِيْدِنَسِرَ بُرَ هِرْصَ أُو
بُرَ مِّنَ

لِنْدُوْسِي اَبْرَزَرَا دِعُوْشْ كِيْلَ هِيْرَا بِرَ شُوْ دَجْنَرَا إ يِيْرَا دِ
هِيْشَ⁽⁸⁰⁾

أَلْظِيْرَ لُوْ ءَاوْ دَشْرِي نُكْمَبُ أ مِّنَ كِيْسَ إ يِنْظُوْ دُرُوْ دِرَرُ بُر
هِرْصَ

كِيَارَ لِيَالِ شَرِّ دُرِّ بَيْشِ بِيَّيْ مَرِيرِ كُنْظَرِ يَلْرِي بِسَاشِ

شَرُّورُ (82)

بُشِ طُرْنُ ا لِمَبْرَارِ كَوَّ كُنْدَتَايشِ كَمْرَبِي ا مِنْ اُنْرَشِنْ نِيُو
كَلْبَ

اِنْدَتِ نَوِ مَرِشِ كِي دَيْشِ شَعِّ وُشِ بِلُشِ ا سُو بَزَنْدِ بَرِ

اَدَرِ نُكْمَبِ (84)

شَرْنِكِ ا شَوْشِ مَجِيشِ مِيْتِ مَلْرِ بِيْمَ اِيْهِ دِ كُمْبَرَارِ كِي ظَنْظِ
بَدِغِ

بَشِ كُمِ اَوِ اَنْدِي شَرُّورِ اَوِ تَرِي مَعِّ وُ بِيْلِ نُكْمَبِ كُحِ اَلْرِ

شِ بَرِ (86)

ا وَشَرْنَارِ اَرَطِ دَ غَارِ اَعُورِ ا مَدُّ بَرِ سَايِي بُرْ كِي نَوِ دِغَاوِ
كِيْفِ

كُمِغِ ا كَمِبُوْ وُ بِيْجَنْدُ ا ظَبِي شَرُّورِ نِيَوْمَعِّ وُ كَرِيَادُ نَبُوْدِ اَدَرِ ا

سَدِي (88)

بُرْكِ دُشِ اُنْسَدَمُوْ دُ تَرْدُوْرِ تَرِي ا مَرَسِ ا بُشِ اَلْظِيْرِ
مَدَرِ

كَطْنَتِ بِيْجُرْ مَنُوْ بَسُوْ بُرْكِ شَدَمِّ تَرْدُوْرِيْزِ ا بُشِ شَرِّ بَسِ

شَرُّورُ (90)

أ دِي كِرْ بَرْتِغَالْ بَرْتِي مَنكُمْدَشْتِشْ أ بَازْ أ كِي لَوْ أ
كُمْبَرَشْ

بُرْ مَعْ وَ دِنَايِرْ أ بَزْ دُ أ كِي مِيشْ الظِيرَ مَدُووَبَزْ أ بَزْ
كُنْدُ (92)

اَكْلُ كِيءْ وَ بُرْ كِنُكْ شِظْلْ بَزْ نِجِيرُوْ اِنْ دُكَالْ اِنْ نُوْ
تَنْبُ اِ

Lopes, 1940, p. 33 - Linhas 94 - 101.

بِيئِي دُلْشْ بَعَشْ اِ يَدْتُرُوْشْ أ سَدِي اِنْ اُبْرَدِ كِنَزْ دِيَاشْ اِ
ذَعْ وَ (94)

دِي نِيئِي بُرْ بَزْرْ أ بَزْ نُو دِنِيرْ بَشْ بَزْدْ اِ يَكَبَتُوْ اِ
يُشْ

كَبَالِيرْشْ هَا لِدَتُوْ نُوْ كَارِي بَازْ شِنُوْ غَارْ اِ شِدْتْ بَزِي بُرْ
نِتْرَاي (96)

نُو بُرْ بِيْتْ دَ بَازْ دِشْرْ بَسْ كَعْ وَ بَسْ بُرْ نِتْرَاي
كِنْمَارْ نِكِي

رَبْرَتِرْ اِ بُرْشِظْ رَشْبِيْتْ مِكَارِي نُشْ بَزْرْ مِيَشْ مَلْ دُ كِ
بُودِي (98)

اَعْرَ تَدِي كِدْ مِ بَسْ نُرُوْشْ دِشْ الظِيرْ اِ رَجِمِنْتْ اِ يَكَبَتَاوْ

مَدَّ كَيْسَ كَا أَثْرُ بَسُّ أَجْشَ الْظِيْرَ كَمْ بِسَ جَشْدَتِسَ مِمْدَ دِرَر

(100) أ

كِي آي دِر دِرَر دِم لَدُشْ مَعَّ وَشْ نُكِ رَسِدِرَاي مِيْت
مِرْسِدِي

4.1.1 Edição semidiplomática da primeira carta de Bentafuf

t^{ar}ld d kr□ a ilri nux xnur¹¹⁵

l^u□f^ri^x a^u x^u dⁱ7^au[□]x[□] xⁱn^ur a^u a[□]a^gu^ra x^uf^ri a^ri mⁱdⁱaⁱ a[□]d^af^a (2)
b^xa^{ad}a a^mi[□]t^x k^u□j^aj kⁱb^xa^fau[□] aⁿ□tⁱrⁱ mⁱ aⁱ i^uk^ab^tau[□] 7^aa mⁱn^a f^un[□]t^aadⁱ a^ra[□]
ak^ubr^aal^ax[□] xⁱn^u f^ux^a a^l□iz^a x^abⁱr[□] a[□]t^ud^u mⁱx^ai⁷a^u a^u rⁱf^ax[□] d^u kⁱ a^u (4)
k^ui[□]d^af^a bⁱ□x[□] t^ud^ul^ux[□] dⁱx[□] mⁱi^r□m^af^u a[□] b^ux[□]k^afau[□] b^rn[□]dⁱ mⁱdⁱx^un[□]r^ax^ai[□] xⁱn^u
mⁱrⁱsⁱr[□] i⁷a^u x^uf^ri t^ud^u b^ur[□]kⁱ n^a□ d^axⁱ a[□] f^ux^a a^l□iz^a k^ui[□]d^aad^u nⁱmⁱn^ux[□] (6)
a^l□g^ua a^ku^ba^sa^u 7^a iⁱmⁱn[□]tⁱx[□] i^x□tⁱx[□] mⁱxⁱrⁱk^ux[□] n^a□ 7^ar^au[□] d^au[□] dⁱk[□]r^aad^ux[□] k^um^u
a^gu^ra x⁷a^u a[□] mⁱ mⁱb^ri^si[□] kⁱa^mn^a f^r□d^aadⁱ a[□] lⁱa^l□ xⁱr[□]fⁱs^u mⁱfⁱi^a dⁱ x^al^far[□] (8)
dⁱlⁱx[□] a[□] d^ax[□] k^u□j^ax[□] dⁱl[□]r^ai[□] dⁱ f^as[□] b^ur[□]kⁱ n^au^{ar}a kⁱmⁱd^af^{au}□ a^l□g^uu^ax[□]
k^ar[□]a^x□ kⁱfⁱa^xaⁱ□ dⁱ f^as[□] n^ak^aal^a mⁱj[□]m^a u^ur^a a^j□m^an[□]d^af^a a^uu[□] k^ab^tau[□] k^aar[□] (10)
f^ux^ai[□] d^uj[□]m^a7^au[□]x[□] kⁱl^aa a^rau[□] k^um^u d^ut[□]r^ax[□] k^uaⁱ□x[□] k^aar[□] b^xu^ua^x□ a[□] xⁱi a^u□
n^a□ fⁱn^a f^lr[□] k^uk^ab^tau[□] 7^aar^a b^ur[□]kⁱ n^a□ t^r□d^ax^ai[□] a^x□b^ag^ax[□] d^u t^ri^gu[□] a[□] d^af^a (12)
m^ui[□]t^a b^ra^xa a^uu^x□ a^lr[□]fⁱx[□] n^ua[□]a[□]i^r□ d^ax[□] b^ag^ax[□] a[□] □^ab^ai[□] b^ur[□]kⁱ
n^a□ fⁱk^ax^ai[□] u^ux[□] a^lr[□]fⁱx[□] a[□]a[□] kⁱa^kb^ax^ai[□] dⁱ b^ag^aar[□] a^b□d^a a[□] g^ar[□]bⁱi^a a[□] k^an[□]□ (14)
7^a a^x□b^ag^ax[□] d^a x^r□qⁱa n^a□ fⁱa^rau[□] t^ud^ax[□] b^ur[□] k^u□j^a d^ax[□]t^ax[□] n^uf^ax[□] d^al[□]r^ai[□]
dⁱ f^as[□] kⁱdⁱz^ai[□] d^ai[□]x^aar^au[□] a^x□t^aar^ax[□] n^akⁱlⁱ tⁱn[□]b^u a[□] fⁱjⁱr^au[□] bⁱr^a m^ui[□]t^u (16)
l^un[□]jⁱ a[□]a[□] kⁱx^ai[□]b^{au}□ k^um^u x⁷a^u□ a^x□t^ax[□] n^uf^ax[□] dⁱ n^ax^ar[□]116 kⁱ□i^mu^x□ dⁱ f^as[□] aⁱ
i⁷a^u□ xⁱn^ur[□] k^an[□]d^u fⁱi[□] u^ux[□] a^lr[□]fⁱx[□] □^au[□] a^l□f^ras^aad^ux[□] fⁱz[□] k^un[□]xⁱl^u k^un[□] (18)
g^ar[□]bⁱa iⁿ□kⁱ n^ux[□] b^rsⁱ7^au[□] b^ai[□] k^urⁱr[□]m^ux[□] a[□] a^b□d^a b^ui[□]x[□] xⁱf^ur^au[□] xⁱ□
mⁱn^a lⁱsⁿ□s^a a[□] k^un[□]xⁱl^u a[□] i^x□□^af^u□ bⁱr^a xⁱk^un[□]sⁱr[□]□^ar[□] k^ux^aarⁱfⁱ aⁱ fⁱk^aar[□] au[□] (20)
aⁿ□tⁱrⁱ i^li^x□ aⁱ iⁿ□tⁱrⁱ i^l□r^ai[□] dⁱ f^as[□] k^an[□]d^u k^aar[□] kⁱfⁱa^xi[□] a[□] k^ui[□]d^an[□]d^u a^u□ k^um^u

¹¹⁵ Segundo Lopes (1940, p. 27), apenas uma palavra desta linha apresenta uma vogal breve; as outras palavras apresentam apenas as consoantes e vogais longas.

¹¹⁶ Nome próprio – Nacer. Está grafado com *šīn* na aljamia, mas a forma árabe é com *š*: نَصَار.

$a^a f_i^a d_i f_{z_i r}^{\emptyset} d_i m_i m_i m_i^{a n^{\emptyset} d^u u^{\emptyset}} d_{z_i r}^{\emptyset} s^{l_i} m_i^{a n^{\emptyset}} k_i f_{i x_i} u^u k_i f_{z_i i}^a b_{r^{\emptyset}} k_{a n^{\emptyset} t^u}$ (22)
 $a^u k^a b_i t^a a u^{\emptyset} m_i^{a n^{\emptyset} d^u u^{\emptyset}} d_{z_i r}^{\emptyset} a^a \text{‘} a b^{\emptyset} d^a k_i x_i f_{i u x_i} a_i^{\emptyset} b_i r^a u^u n^{\emptyset} d_i k_j a x_i a_i^{\emptyset} a^a n^a u^{\emptyset} d^a x_i a_i^{\emptyset}$
 $n^a a d^a b^u l^u k_i a^a u^{\emptyset} m_i^a d^a a x_i n_i m_i n^u x^{\emptyset} f_{i z^a x_i} a_i i^{a^2 a} u^{\emptyset} l^u u g^u i_x^{\emptyset} k_i r^{\emptyset} f_i a^a u^u k^a b_i t^a a u^{\emptyset}$ (24)
 $f_{z_i n^{\emptyset} d^u l_i} a^a x^a b_i r^{\emptyset} i_n^{\emptyset} k^u m^u k_i r_i i^a i_r^{\emptyset} a^a s^a f_i f_{l_i r^{\emptyset}} k^u u_i l_i x^u b^{\emptyset} r_i i_l^{\emptyset} r_i a_i^{\emptyset} d_i$
 $f^a s^{\emptyset} a^a i_n^{\emptyset} u^u t^{\emptyset} r^a x^{\emptyset} k^u u^{\emptyset} j^a x^{\emptyset} a^a i_n^{\emptyset} t^a r^a a_i^{\emptyset} i_n^{\emptyset} x^a f_i i^{117} u^u n^{\emptyset} d_i a^a t^r^{\emptyset} d_i$ (26)
 $k^u n^{\emptyset} t_{i r} n^{\emptyset} t^a a^a u^{\emptyset} k^u u_{r_i n^{\emptyset}} \square^a d_i k^a f^a l^u a^a f_{l_i r^{\emptyset}} a^a u^u k^a b_i t^a a u^{\emptyset} a^a m_i f^u i^{\emptyset} l^u u g^u b_i r^a k^a a_j^a$
 $a_i i^u u^u t^{\emptyset} r^u d_{i i}^a g^a r^{\emptyset} b_i a^a k^u m^u f_i k^a m^u x^{\emptyset} d_i k^u r_i r^{\emptyset} a^a \text{‘} a b^{\emptyset} d^a f_i a_r^a u^{\emptyset} a^u t^{\emptyset} r^u x^{\emptyset} a^a l^a r^{\emptyset} f_i x^{\emptyset}$ (28)
 $k_i f_i k^a f^u u^{\emptyset} d_i t^{\emptyset} r^a a_j^{\emptyset} d_i n^u u x^{\emptyset} i_n^{\emptyset} a^a s^a r^{\emptyset} n^u u f_i n^a a u^{\emptyset} b_i r^a a^a s^a f_i i^{118} b_i r^a x^a b_i r_i a_i^{\emptyset} x_i k^u n^{\emptyset} s_i r^{\emptyset} \square^a a r^{\emptyset}$
 $k^u k^a a b_i t^a a u^{\emptyset} b_i r^a a k^u r_i r^{\emptyset} m^u x^{\emptyset} a^a \text{‘} a b^{\emptyset} d^a i_n^{\emptyset} t_i n^{\emptyset} b^u k_i n^a f^u x_i m^u x^{\emptyset} d_i x^{\emptyset} k^u b^a r^{\emptyset} t^u x^{\emptyset} a^a k^a n^{\emptyset} d^u$ (30)
 $u^u x^{\emptyset} a^a l^a r^{\emptyset} f_i x^{\emptyset} k^u m_i s^a a r^a u^{\emptyset} a^a f_i r^{\emptyset} r^a r^u a^u n^{\emptyset} z_i a^{\gamma u} r^a a x^{\emptyset} d^u d_{i i}^a b^a x^a a d^a x^{\emptyset} a^a k^a n^{\emptyset} d^u$
 $a^a j_i n^{\emptyset} t_i d^a s^a f_i u^u x^{\emptyset} f_i r^a a u^{\emptyset} f_i r^{\emptyset} a^{\gamma a} u^{\emptyset} f^a r^a u^{\emptyset} a^a l^{\emptyset} g^u r^a s_i i^u a^a m^a x^u x^{\emptyset} b_i a_i^{\emptyset} s^a u^{\emptyset} a_i$ (32)
 $i^a l^{\emptyset} f^u r^a s^a u^{\emptyset} x^a a^a j_i n^{\emptyset} t_i a_i i^a r^{\emptyset} m_i^{a n^{\emptyset} x^a} t^u d^u x^{\emptyset} b_i r^a x_i d_i f_i n^{\emptyset} d_i r_i a_i^{\emptyset} d_i m_i b^u r^{\emptyset} k_i$
 $d_{z_i} \gamma a u^{\emptyset} k_i i^{\gamma a} u^{\emptyset} f_i i n^a t^u m^a a r^{\emptyset} a^a s^a f_i a^a d_i f^a m^a a r^a m_i b^u u r^{\emptyset} t^a a d^u u r^{\emptyset} i_x^{\emptyset} t^a n^{\emptyset} d^u a^a u^{\emptyset} a_i m_i n^a$ (34)
 $k^a j^a x_i n^{\emptyset} x^a b_i r^{\emptyset} b^a r^{\emptyset} t_i d_i n_i n^u u u^a k^u u^{\emptyset} j^a x_i n^{\emptyset} d^u a^a u^{\emptyset} f_i n^{\emptyset} d^u b_i r^a f^a l^a a r^{\emptyset} a^a u^u k^a b_i t^a a u^{\emptyset}$
 $x_i f_i a^a r^a u^{\emptyset} b_i r^a a m_i m^u u^{\emptyset} r^u x^{\emptyset} a^a k_i r_i x^{\emptyset} t^a a u^u x^{\emptyset} d_{z_i n^{\emptyset} d^u m_i} k_i x^{\emptyset} t^a a u^{\emptyset} k^u m^u k^a i^{\emptyset} n^a x^a b_i a^a$ (36)
 $b^a r^{\emptyset} t_i d_i n_i n^u u u^a k^u u^{\emptyset} j^a a^a j_i n^{\emptyset} t_i d^a s_i d^a a d_i i_x^{\emptyset} t^a a t^u \square^a a^a r^{\emptyset} m^a a d^a a^a m^u i^{\emptyset} a^a l^{\emptyset} f^u r^a s^a a d^a$
 $a^a q^a n^{\emptyset} d^u m_i x^{\emptyset} t^u d_i x^a a r^a u^{\emptyset} m^a d^a i^{\emptyset} d_{z_i r}^{\emptyset} a^a u^{\emptyset} k^a b_i t^a a u^{\emptyset} k_i a^a u^{\emptyset} f_i n^a b_i r^a a^a u^u k_i a_i l_i$ (38)
 $b^a i^{\emptyset} x^a a b_i a^a a^a k_i a_i l_i u^u r^{\emptyset} d_i n^a a f^a k^u n^{\emptyset} t^a r^a a m_i a^u k_i a^a u^{\emptyset} n^a a u^{\emptyset} i_n^{\emptyset} t_i d_{i i}^a a^a$
 $i_x^{\emptyset} t^u x_i n^u u r^{\emptyset} u^u r^{\emptyset} d_i n^a \gamma a u^{\emptyset} u^u x^{\emptyset} t_{s_i} d^u u r_i x^{\emptyset} k_i t_{s_i} r_i a u^{\emptyset} k^u n^{\emptyset} t^a r^a a m_i d^a u^u t^{\emptyset} r^a f_i z^{\emptyset} a^a x_i$ (40)
 $k^a n^{\emptyset} d^u f_i d^u k^a n^{\emptyset} b^u b^a a r^a s^a f_i a^a x^a i^{\emptyset} a^a x^{\emptyset} t^a d_j n^{\emptyset} r^a a k_i m_i i^u r^{\emptyset} d_i n^a a r^a u^{\emptyset} a_i k_i f^u i^{\emptyset}$
 $d_i i^u u g^u l^u u f_i z^{\emptyset} a^a r^a b_i a^a b^{\emptyset} r^a a u^{\emptyset} a^a b^a i^{\emptyset} j^u j^a a^a b^a r^a h_i m^{\emptyset} d^a m^a g^{\emptyset} i^u l^{\emptyset} i^a l^{\emptyset} g^u u n^u x^{\emptyset}$ (42)
 $a^a l^a r^{\emptyset} f_i x^{\emptyset} k_i x^a \gamma a u^{\emptyset} i_x i_n^a a d^u x^{\emptyset} a^a n^{\emptyset} t_i x^{\emptyset} k_i i_x^{\emptyset} t^u f^u u x_i a_i i^u k^a b_i t^a a u^{\emptyset} k^u u_i l_i x^{\emptyset} a^a$
 $t^u d^u l^u x^{\emptyset} d^a s_i d^a a d_i a_i i_x^{\emptyset} t^u m^a l^a f^a n^{\emptyset} \square^a r^u u^{\emptyset} k^u n^{\emptyset} g^a r^a n^{\emptyset} d_i a_i n^{\emptyset} f^a j^a a^a k^u b_i s^a d^a m_i n^a$ (44)
 $a^u n^{\emptyset} r^a a^{\gamma a} f_i t^u u r_i a^a a^a f_i n^{\emptyset} s_i m_i n^{\emptyset} t^u k_i m_i d_i \gamma a u^{\emptyset} x^{\emptyset} d^a \gamma a u^{\emptyset} a_i n^{\emptyset} x_i r^{\emptyset} f_i x^{\emptyset} i^{119} d_i f^u x^a a^a l^{\emptyset} \square^a i z^a$
 $a^a \square^a b^a i^{\emptyset} b^u r^{\emptyset} k_i n^a u^a a_i i^a a^a g^u u r^a k^a f^a l^{\emptyset} g^a a d^a x^{\emptyset} n_i n^{\emptyset} g^a a d^u u x^{\emptyset} k_i r^a b^a r^{\emptyset} t_r^{\emptyset} a^a k^a a_j^{\emptyset}$ (46)
 $f_{z_i r}^{\emptyset} a^a x^{\emptyset} k^a f^a l^{\emptyset} g^a d^a a x^{\emptyset} d^u x^{\emptyset} m^u u r^u x^{\emptyset} a^a d_i n^{\emptyset} t^u r^u a^a k^u u^a a l^{\emptyset} k^a a r^{\emptyset} m^u u r^u k_i f^a i^{\emptyset} k^u m^{\emptyset} b^a a r^{\emptyset}$
 $a^a u^{\emptyset} f_i n^{\emptyset} d_i r^{\emptyset} a^a s^a f_i a^a x^a a k^a l_i k_i a^a i_x^a u^{\emptyset} f_i i^u u b^a r^a t_r^a i^{\emptyset} k^a u^{\emptyset} j^a d_i i^u k^a t_i f^a r_i$ (48)
 $a^a i_x^{\emptyset} t^u f^a z^a i^{\emptyset} a^u x^{\emptyset} f^u u x^u u x^{\emptyset} a^u f_i s_i a_i x^{\emptyset} n^u u n^u g^a a \square^u t^u m^u u^{\emptyset} d^u u^{\emptyset} j^{\emptyset} m^u u r^u x^{\emptyset}$
 $a^a x_i a^u f_i^{\emptyset} t^u u r^{\emptyset} t^u m^u u^{\emptyset} a^u t^{\emptyset} r^u x^{\emptyset} m^u i^{\emptyset} t^u x^{\emptyset} a^a s_i \gamma a u^{\emptyset} i^{120} n^a t^a f^a a x_i b_i r^{\emptyset} f_i j^a u^{\emptyset} a^a k^a r^{\emptyset} \square^a x^{\emptyset} d_i$ (50)

¹¹⁷ "Safim", grafado < x^af_i >, com *šm̄*, ao invés de *sm̄* < s^af_i >.

¹¹⁸ Variante de Safim. Forma mais próxima da pronúncia árabe اسفي [ʾasfi].

¹¹⁹ Na transcrição de Lopes, a palavra "serviço" está grafada com *fath̄a* < شوْبِسْ > < x_i r^{\emptyset} f_i s^a >, ao invés de *d̄amma* < شوْبِسْ >. Como não havia nota indicando que assim estava no original, deve-se tratar de um lapso de cópia.

¹²⁰ "Se eu" < s_i \gamma a u^{\emptyset} >, com *sm̄*, ao invés de *šm̄* < x_i \gamma a u^{\emptyset} >.

$f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} t^{b^a i^{\emptyset}} d_i m_i f^{z^a a^a u^{\emptyset}} i_x^a u^{\emptyset} f_{ii}^u k^u m^u d_i f^{i^{\emptyset} t^u} f_{z^a r^a u^{\emptyset}} d^u m^{a^a u^{\emptyset}}$
 $m^{a^r \emptyset} z^a g^a n_i k^u n^{\emptyset} k_i a^a u^{\emptyset} x_{ir}^{\emptyset} f^u a^a f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} f_{z^a r^a u^{\emptyset}} d_{il} i_s^a u^{\emptyset} f_{iii}^{u121} a^a k^a t_i f^a r^a n^u$ (52)
 $a^u k^u a^{l\emptyset} f_{iz^{\emptyset}} x^{l\emptyset} \square_{a^r \emptyset} k^u n^{\emptyset} a_{if} n^{\emptyset} d^a f^a d_{ig^a} k_i b^a x^a i^{\emptyset} a_n^u x^{l\emptyset} \square_{a^r \emptyset} a^a d_i b^u i^{\emptyset} x^{\emptyset}$
 $k_i f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} b^a r^a k^a a_{ix}^{\emptyset} k_i r_i f_i^{\gamma a u^{\emptyset}} f^a z_{in}^u m^a a_{ix}^{\emptyset} x_i k^{\emptyset} r^a \square_{m_i n^{\emptyset} t_i} t^u u^d m^u u^{\emptyset} r^u$ (54)
 $k_i i^a n^{\emptyset} \square_{r^a} a_n^{\emptyset} a^{l\emptyset} g^u u^a x^{\emptyset} k^a a_j^a x^{\emptyset} a^a f_{in}^{\emptyset} d_{ir}^{\emptyset} a^u u^{\emptyset} k^u m^{\emptyset} b^a r^a a^r \emptyset a^{l\emptyset} g^u u^a k^u u^{\emptyset} j^a n^a a u^{\emptyset} x^a a i^{\emptyset}$
 $m^a a_{ix}^{\emptyset} a^a x_i d_{ix}^{\emptyset} t_{ix}^{\emptyset} m^u i^{\emptyset} t^u x^{\emptyset} x_i f^a d^a i^{\emptyset} b_i r^a t^u \square_{a^a} a^a b^a r^{\emptyset} t_i d_i f^u a r^{122} a^a i_x^{\emptyset} t^u$ (56)
 $x_i n^u u^{\emptyset} x_i b^a a x^a a_i i^{l\emptyset} g^u u^a x^{\emptyset} k^a a_j^a x^{\emptyset} d^u x^{\emptyset} f^u u x^u x^{\emptyset} a^u f_{is} i^a a_{ix}^{\emptyset} b_i r_i n^{\emptyset} s_i b^a a^{l\emptyset} m_i n^{\emptyset} t_i$
 $n^{a l\emptyset} f^a d_{ig^a} a^a n^{a l\emptyset} k^a s_i b^a a_i i^{l\emptyset} g^u u x^{\emptyset} m^u u^{\emptyset} r^u x^{\emptyset} k^a n^a u^{\emptyset} k^u x^a a^a i^{\emptyset} a^a x_{ir}^{\emptyset} k^a t_i f^u u x^{\emptyset} m^a \square_{a^u n^u x^{\emptyset}}$ (58)
 $a^a d^a i^{\emptyset} t^a n^u x^{\emptyset} n^u u x^{\emptyset} b^u u s^u x^{\emptyset} a^a i_x^{\emptyset} t^u n^a d_{ig^u} a^a f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} b^u r^{\emptyset} m^a n^{\emptyset} d^a r^{\emptyset} k^a x^{\emptyset} t_{ig^a} a^r \emptyset$
 $a^u k_i l^a m^a n^{\emptyset} d^a r^a u^{\emptyset} b_i r_i j^u x_i n^a a u^{\emptyset} b_i r^a k_i x^a i^{\emptyset} b^a f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} k_i a^u m^u u^{\emptyset} a^a k_i b^a a i^{\emptyset}$ (60)
 $k_i r_i n^a m_i b^u d^a i^{\emptyset} t_{ir}^{\emptyset} b^u i^{\emptyset} x^{\emptyset} x^a i^{\emptyset} a_{ix}^{\emptyset} t^u t^u d^u a^a i_x^{\emptyset} t^u f^a z^a i^{\emptyset} b^u l^a a n^a s^a s_i d^a d_i$ ¹²³
 $a^a k^u x^{\emptyset} t^u m_i k_i t_i n^a u^{\emptyset} k^a d^a i^a a_n^{\emptyset} b^a r^{\emptyset} t_{ir}^{\emptyset} k^a f^a l^{\emptyset} g^a a d^a x^{\emptyset} a^a g^u r^a n^a u^{\emptyset} t^a i^{\emptyset} n^a a d^a b^u r^{\emptyset} a u^{\emptyset} t_{ir}^{\emptyset} t^u d^u$ (62)
 $a_i b^a z^{\emptyset} k^u m^u f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} m_i m^a n^{\emptyset} d^u u^{\emptyset} a^a n^a u^{\emptyset} x_{ir}^{\emptyset} b^u r^{\emptyset} f^a i^u x^a a^a u^{\emptyset} d_{il} i_x^{\emptyset} a^a x_i x_i n^u u^{\emptyset}$
 $b^a a x^{u124} a^a d_i^a u^{\emptyset} x^{\emptyset} a^a f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} k_i m_i n^{\emptyset} d_i f_{in}^{\emptyset} d^a m_i n^a a^u n^{\emptyset} r^a a^a m_i r^{\emptyset} x_i k_i b^a s^u a^a f^{u^a}$ (64)
 $a^{l\emptyset} \square_{iz^a} b^u i^{\emptyset} x^{\emptyset} a^a n^u n^{\emptyset} k^a f_i d_i \text{ ? } \bar{a} a_{ix}^{\emptyset} \square_{a^a} a^a x_i f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} a^a u^{\emptyset} f^a r^{\emptyset} d_i k_i r_i r^{\emptyset}$
 $u^u x^{\emptyset} m_i x_i r_i k^u x^{\emptyset} k_i d_i z^a i^{\emptyset} d_i m_i a^a n^a a u^{\emptyset} u^{l^a r^{\emptyset}} m^a a^a u^{\emptyset} x^{\emptyset} s_i r^{\emptyset} f_i s^u x^{\emptyset} a^a l_i i^{l\emptyset} \square_{a^a d_i} k_i x_i m^{\emptyset} b_i r_i$ (66)
 $t_i f_i a^a x^{\emptyset} k^u u^{\emptyset} j^a x^{\emptyset} d_i f^{u^u} x_{ir}^{\emptyset} f_i s^u m^a n^{\emptyset} d_i m_i f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} l_i s_i n^{\emptyset} s^a b_i r^a k_i$
 $a_i b^a r^{\emptyset} k_i b_i r^a a b^u r^{\emptyset} t_{ig^a} l^{\emptyset} a^a s_i f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} a^a u^{\emptyset} f^a r^{\emptyset} d_i d^a r^{\emptyset} b^a x^a a d^a a^a i_x^{\emptyset} t_{ix}^{\emptyset}$ (68)
 $m_i x_i r_i k^u u x^{\emptyset} a^a n^a n^u x^{\emptyset} f^a z_{ir}^{\emptyset} k^a f_i d^a a^r \emptyset a^a t^a r^{\emptyset} k^a r^a a l^a t^u a^a t^u d^u a^a k_i l^u k_i k_j^a a r^a i^{\emptyset}$
 $d_i z_{ir}^{\emptyset} . d_i m_i a^a b^a r_i s_i r^{\emptyset} a^a f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} k_i i^a a^a u^{\emptyset} x^a a^a u^{\emptyset} k^u l^{\emptyset} b^a a d^u a^a m^a n^{\emptyset} d^a i^{\emptyset} m_i a^u n^{\emptyset} d_i k_i r_i x^{\emptyset}$ (70)
 $k_i m_i f^a a^a l^a f_i m^a a^a u^u x^{\emptyset} f_{il} u x^{\emptyset} a^a k^a i^{\emptyset} a_n^{\emptyset} t^a r^a a g_i f^{u^a} b^a n^{\emptyset} d^a i^{\emptyset} r^a i_i i^a \square_{b^a a k_i} a^a$
 $b_i r^{\emptyset} f_i l^a a_j i^u x^{\emptyset} a_i i^a a^a u^{\emptyset} n^a m_i r^a a i^{\emptyset} d^u k^a n^{\emptyset} b^u d^a s^a f_i n_i m_i n^u x^{\emptyset} u^u x^{\emptyset} a^a l^a r^{\emptyset} f_i x^{\emptyset} a^a \square_{a^a}$ (72)
 $k_i m_i f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} n^a u^{\emptyset} m^a n^{\emptyset} d_i \square_{a^r \emptyset} a^a k^u l^{\emptyset} b^a a^a u^{\emptyset} a^a k^u n^a m_i r_i s_i r^{\emptyset} b^u r^a i^{\emptyset} x_i n^u u^{\emptyset} k^u n^{\emptyset} t^u d^u$
 $k_i m^a x^a a k^a u^{\emptyset} a_i n_i n^u u^a k^u u^{\emptyset} j^a d_i j_j i^{\emptyset} m^a i_x^{\emptyset} d_i x_{ir}^{\emptyset} f_{ir}^{\emptyset} a^a f^{u^a} a^{l\emptyset} \square_{iz^a} k^u m^u a_n^{\emptyset}$ (74)
 $t^u l_{ir}^{\emptyset} a^a i^{l\emptyset} r^a i^{\emptyset} d_i f^a s^{\emptyset} k_i n^a u^{\emptyset} f_i n^a a_i x^{\emptyset} t^u r^u u i^{\emptyset} r^{\emptyset} d^u k^a l^a n_i m_i n^u x^{\emptyset} f_{ir}^{\emptyset} a^a i_x^{\emptyset} t^a x^{\emptyset}$
 $t^a r^a x^{\emptyset} b^u l^u k_i k^u m^{\emptyset} b_i r_i a^a f^{u^u} x_{ir}^{\emptyset} f_i s^u a^a b^u r^{\emptyset} f^a i^{\emptyset} t^u d_i t^u \square_{a^a} a^a t^a r^a a^? i^a g^u u^a$ (76)
 $n^a b^a s^u a^a d_i^a u^{\emptyset} x^{\emptyset} a^u t^{\emptyset} r^a k^u u^{\emptyset} j^a x_i n^a a u^{\emptyset} k_i f_i n^a a^u r^a i^{\emptyset} d_i f^a s^{\emptyset} b_i r^a k^u m^a u^{\emptyset} d_i n^a i^{\emptyset} r^u$
 $k^u m^{\emptyset} b^a r^a r^{\emptyset} a^? b^u x^{\emptyset} k^a a r^{\emptyset} j_i n^{\emptyset} t_i b_i r^a k^u u_i l_i m_i k^u b^a t_{ir}^{\emptyset} i^a a u^{\emptyset} i_x^{\emptyset} b^a a r^u i_i d_i^a u^{\emptyset} x^{\emptyset} a^a n^a f^{u^a}$ (78)
 $f_i t^u u r_i^a k_i i^a \square_{a k_i} x_i m^{\emptyset} b_i r_i k^u m_i g^u a^a x^a i^{\emptyset} d_i i^u f_i n^{\emptyset} s_i r^{\emptyset} b^u r^{\emptyset} f^u r^{\emptyset} s^a a^u u^{\emptyset} b^u r^{\emptyset} m_i n^a$

¹²¹ "Enxouvio" <i_s^a u^{\emptyset} f_{ii}^u>, com *s̄n*, ao invés de *šn* <i_x^a u^{\emptyset} f_{ii}^u>.

¹²² Na cópia de Lopes (1940:30), está *fuar*, ao invés de *fura*, para "fora".

¹²³ "Necessidade" <n^a s^a s_i d^a d_i> está grafado com *s̄n*, no original, segundo Lopes (1940), e pela prática de grafia da *aljamia*, o que, atualmente é grafado -ss-, deveria ser *šn* <n^a s^a x_i d^a d_i>. A vogal breve *fatḥi* a do *dal* <ɔ> não está grafada; Lopes não faz comentário sobre isso.

¹²⁴ "Peço" <b^a x^u>, com *šn*, ao invés de *s̄n* <b^a s^u>.

$i_x \emptyset^{tu} u_{s_i} a^a b^a r^a z_i r^a a^a d_i \text{?}^a u \emptyset^x \emptyset k_i l_i l_i f_i r^a b_i r^a x^u u^a d_j \emptyset^n \emptyset r^a a_i i \emptyset^n \emptyset r^a d_i f^u x^a$ (80)
 $a^a l \emptyset \square_{iz} a^a \text{?}^a u \emptyset \text{?} \bar{a} u \emptyset d^a x^a r^a i \emptyset n^u k^a m \emptyset b^u a^a m_i n^a k^a b_i s^a a_i i \emptyset^n \emptyset \square^a u \emptyset b^u d_i r^a u \emptyset d_i z_i r^a b^u r^a f^u r^a \underline{s}^a$
 $k_i i^a r^a l_i i^a l \emptyset x_i r^a \emptyset f_i d^u r^a b^u i \emptyset x \emptyset f^u i \emptyset m^u r_i r^a k^u n \emptyset \square^a r^a a_i l \emptyset r^a i \emptyset d_i f^a s \emptyset a^a x_i x_i n^u r^a$ (82)
 $f^u x \emptyset f^u r^a \emptyset n^u a^a l_i m \emptyset b^a r^a r^a \emptyset k_i n^a u \emptyset k^u x_i t^a a_i x \emptyset k_i m_i r^u b^a i \emptyset a^a m_i n^a a^u n \emptyset r^a x_i n \emptyset n_i n^u u^a k^u l \emptyset b^a$
 $a_i x \emptyset t^u n^a u \emptyset m_i r_i x_i$ ¹²⁵ $k^a i \emptyset d^a i \emptyset x^a s^a \text{?}^a u^u x \emptyset$ ¹²⁶ $f_i l^u x \emptyset a^a s^u u^a$ ¹²⁷ $f^a z_i n \emptyset d^a b^u r^a a^u n \emptyset d^a r^a n^u k^a m \emptyset b^u$
 (84)
 $x_i n \emptyset k^u$ ¹²⁸ $a^a x^a u^u x \emptyset m_j i x \emptyset m^u i \emptyset t^u m_i l^u r^a f^a m^a d_i f_i d_i k^u m \emptyset b^a r^a r^a \emptyset k^a i \emptyset \square^a n \emptyset \square^a f^a d_i g^a$
 $b^a x^a k^u m^u \text{?} \bar{a} u \emptyset a^a x_i x_i n^u r^a a^a u \emptyset t^a r^a i \emptyset m^a \text{?}^a u \emptyset f_i l^u n^u k^a m \emptyset b^u k^u j \emptyset a^a l^a r^a \emptyset f_i x \emptyset b_i r^a$ (86)
 $a^u u_i n \emptyset x_i n^a r^a r^a \emptyset t_i d^a g^a r^a a^a g^u r^a a^u m^a n \emptyset d^u b_i r^a s^a f_i b^u r^a k_i n^a u \emptyset d_i g^a a u \emptyset k_i l^u l^a f^u$
 $k^u m_i g^u a^a k_i m_i f^u \emptyset f^u j_i n \emptyset d^u a^a \square^a b^a i \emptyset x_i n^u r^a n_i n^u m^a \text{?}^a u \emptyset k_i r_i i^a a d^u n^a b^u u d_i a^u n \emptyset d^a r^a a_i s^a f_i$ ⁽⁸⁸⁾
 $b^u r^a k_i t^u d^u x \emptyset u^u x \emptyset x^a m^a u \emptyset d^u t^a r^a a d^u u r^a t_i r^a i \emptyset i m_i r^a \emptyset s_i a^a f^u x^a a^a l \emptyset \square_{iz} a^a m^a n \emptyset d^a r^a$
 $k_i t^a n \emptyset t^a d_j \emptyset n \emptyset r^a m_i n^a u \emptyset f^a s^a u \emptyset b^u r^a \emptyset k_i x^a m^a d^u m_i t^a r^a d^u r^a n^a f^a z \emptyset a^a f^u x^u x_i r^a \emptyset f_i s^u x_i n^u r^a$ (90)
 $u^u d_i^a k_i d_i b^u r^a \emptyset t^u g^a l \emptyset b^a r^a \emptyset t_i m_i n \emptyset k^u m_i n \emptyset d^a x \emptyset t_i x \emptyset a^a b^a z \emptyset a^a k_i a^a u \emptyset a^a k^u m \emptyset b^a r^a x_i$
 $b^u r^a \emptyset m^a \text{?}^a u \emptyset d_i n^a a i \emptyset r^u a^a f_i z \emptyset t^u d^u a^u k_i m_i f^u x^a a^a l \emptyset \square_{iz} a^a m^a n \emptyset d^u u u \emptyset f_i z \emptyset a^a b^a z \emptyset k^u n \emptyset t^u d^u$ (92)
 $a^a k_i l^u k_i i^a \text{?}^a u \emptyset b^u d_i k_i n^u n \emptyset k^a x_i \square^a l \emptyset f_i z \emptyset n_i f_i i r^a u \emptyset a_i n \emptyset d^u k^a l^a a_i n \emptyset n_i n^u t_i n \emptyset b^u a_i$
 $i^a b^a n^a i \emptyset t^u d^a l^a x \emptyset b^a g^a x \emptyset a_i i^a x \emptyset t^u r^u u \emptyset x_i a^a s^a f_i a_i n \emptyset a^u b \emptyset r^a d_i k_i n \emptyset z_i d_i i^a a x \emptyset a^a n^a \text{?}^a u \emptyset$ (94)
 $d^a i \emptyset n_i b^a i \emptyset t^a i \emptyset b^u r^a \emptyset f^a z_i r^a a^a b^a z \emptyset n_i n^u d_i n^a i \emptyset r^u d_i f^u x^a f^a z_i n \emptyset d^a a_i i^u k^a b_i t^a a u \emptyset a_i i^u x \emptyset$
 $k^a f^a l^a i \emptyset r^u x \emptyset k_i q^a a a_i x \emptyset t^a a u \emptyset n^a u \emptyset k^a r^a a i \emptyset b^a a z \emptyset x_i n^a a u \emptyset g^a r^a a^a i_x \emptyset t^u f^a z_i \emptyset b^u r^a \emptyset n^a t_i r^a a i \emptyset$ (96)
 $n_i n^u b^u r^a \emptyset f^a i \emptyset t^u d^a b^a a z \emptyset n_i d^u x_i r^a \emptyset f_i s^u k_i \text{?}^a u \emptyset f^a s^u b^u r^a \emptyset n^a t_i r^a a i \emptyset k_i t^u m^a a r^a \emptyset n_i k_i$
 $r^a b^a r^a \emptyset t_i r^a \emptyset a^a b^u r_i x \emptyset \square_i r_i x \emptyset b^a i \emptyset t^u m_i k^a a r^a i \emptyset t^u d^u x \emptyset f^a z_i r^a \emptyset m^a i \emptyset x \emptyset m^a l \emptyset d^u k_i b^u u d^a i \emptyset$ (98)
 $a^a g^u r^a n^a x^a i \emptyset k_i d_i m_i f^a s^a t^u r^u u x_i d_i f^u x^a a^a l \emptyset \square_{iz} a^a \text{?}^u r_j i m_i n \emptyset t^u a_i i^u k^a b_i t^a a u \emptyset$
 $m^a n \emptyset d^a k_i f^a s^a k^a a^u t^u r^u b^a s^u a^a f^u x^a a^a l \emptyset \square_{iz} a^a k_i m_i f^a s^a j^u x \emptyset t_i s^a m_i m^a n \emptyset d_i d_i z_i r^a$ (100)
 $a^u k_i a^a i \emptyset d_i f^a z_i r^a \emptyset d_i m_i a^d u x \emptyset m^a \text{?}^a u^u x \emptyset n^u k_i r_i s_i b_i r^a a i \emptyset m^u i \emptyset t^a m_i r^a \emptyset s_i$

4.1.2 Edição atualizadora da primeira carta de Bentafuf

Traslado da carta ao Rei Nosso Senhor ⁽¹⁾

Louvores ao só Deus.

Senhor, eu até agora sofri, e remediei, e dava ⁽²⁾ passada a muitas coisas que passavam entre mim e o Capitão. A minha vontade era ⁽³⁾ encobri-las sem-no Vossa Alteza saber; e tudo me saiu ao revés do que eu ⁽⁴⁾ cuidava, pois todos os dias me armavam e buscavam por onde

¹²⁵ "Merece" <m_i r_i x_i>, com *s̄m*, ao invés de *s̄m* <m_i r_i s_i>.

¹²⁶ "Seus" <s^a \text{?}^a u^u x \emptyset>, com *s̄m*, ao invés de *s̄m* <x^a \text{?}^a u^u x \emptyset>.

¹²⁷ "Sua" <s^u u^a>, com *s̄m*, ao invés de *s̄m* <x^u u^a>.

¹²⁸ "Cinco" <x_i n \emptyset k^u>, com *s̄m*, ao invés de *s̄m* <s_i n \emptyset k^u>.

me desonrassem sem-no ⁽⁵⁾ merecer, e eu sofri tudo por que não desse a Vossa Alteza cuidado nem menos ⁽⁶⁾ alguma ocupação, e em mentes¹²⁹ estes mexericos não eram tão declarados como ⁽⁷⁾ agora são. A mim me parece que a minha verdade e leal serviço me havia de salvar ⁽⁸⁾ deles e das coisas do rei de Fez, porque na hora que me davam algumas ⁽⁹⁾ cartas que viessem de Fez, naquela mesma hora as mandava ao Capitão, quer ⁽¹⁰⁾ fossem dos meus que lá eram, como de outras quaisquer pessoas. E se eu ⁽¹¹⁾ não vinha falar com o Capitão era porque não tardassem as pagas do trigo, e dava ⁽¹²⁾ muita pressa aos alarves no trazer das pagas, e também porque ⁽¹³⁾ não ficassem os alarves até que acabassem de pagar Abda¹³⁰ e Garbia. E quanto ⁽¹⁴⁾ às pagas da Charquia, não vieram todas por causa destas novas do rei ⁽¹⁵⁾ de Fez, que dizem deixaram as terras naquele tempo e fugiram para muito ⁽¹⁶⁾ longe, até que saibam como são estas novas de Nâcer¹³¹ que temos de Fez. E ⁽¹⁷⁾ eu, Senhor, quando vi os alarves tão alvoroçados, fiz conselho com ⁽¹⁸⁾ Garbia em que nos pareceu bem corrermos a Abda, pois se foram sem ⁽¹⁹⁾ minha licença e conselho, e estavam para se consertar com o Xerife e ficar eu ⁽²⁰⁾ entre eles e entre o rei de Fez, quando quer que viesse.

E cuidando eu como ⁽²¹⁾ havia de fazer de mim, me mandou dizer Salomão¹³² que visse o que fazia, por quanto ⁽²²⁾ o Capitão mandou dizer a ‘Abda¹³³ que fossem para onde quisessem e não dessem ⁽²³⁾ nada pelo que eu mandasse nem menos fizesse. E eu logo escrevi ao Capitão ⁽²⁴⁾ fazendo-lhe a saber em como queria ir a Safim falar com ele sobre o rei de ⁽²⁵⁾ Fez e em outras coisas. E entrei em Safim um dia à tarde ⁽²⁶⁾ com trinta ou quarenta de cavalo e falei ao Capitão, e me fui logo para casa, ⁽²⁷⁾ e outro dia, Garbia. Como ficamos de correr a ‘Abda, vieram outros alarves ⁽²⁸⁾ que ficavam detrás de nós em Acerno. Vinham para Safim para saberem se consertara ⁽²⁹⁾ com o Capitão para corrermos a ‘Abda em tempo que não fôssemos descobertos. E quando ⁽³⁰⁾ os alarves começaram a vir, eram onze horas do dia passadas. E quando ⁽³¹⁾ a gente de Safim os viram vir, houveram¹³⁴ algum receio e má suspeição e ⁽³²⁾ alvoroçou-se a gente e armaram-se todos para se defenderem de mim porque ⁽³³⁾ diziam que eu vinha tomar a Safim e difamaram-me por traidor estando eu em minha ⁽³⁴⁾ casa sem saber parte de nenhuma coisa. Sendo¹³⁵ eu vindo para falar ao Capitão, ⁽³⁵⁾ se vieram para mim mouros e cristãos dizendo-me que estão como quem não sabia ⁽³⁶⁾ parte de nenhuma coisa: "A gente da cidade está toda armada e muito alvoroçada"⁽³⁷⁾. E quando me isto disseram, mandei dizer ao

¹²⁹ Lopes, (1940, p. 75) "emmentes": enquanto, entrementes.

¹³⁰ Assim como Garbia e Charquia, é nome de tribo da região de Duqela (*Id. et ibid.*, p. 76).

¹³¹ Mulai Nâcer, vice-rei de Mequinez e irmão do rei de Fez. (*Id. et ibid.*, p.76).

¹³² Intérprete e amigo de Bentafuf, como referimos em 1.1.

¹³³ Nesse caso, não se refere ao nome geográfico, mas sim aos que são de ‘Abda.

¹³⁴ Grafado no plural.

¹³⁵ Lopes (1940, p. 78) traduziu por "tendo".

Capitão que eu vinha para o que ele ⁽³⁸⁾ bem sabia, e que ele ordenava contra mim o que eu não entendia. ⁽³⁹⁾

E isto, Senhor, ordenou os tecedores que teceram contra mim da outra vez. Assim, ⁽⁴⁰⁾ quando vim do campo para Safim, achei esta desonra que me ordenaram, e que foi ⁽⁴¹⁾ Diogo Lopes e Rabi Abrão e Ben Juja Ibrahim da Maguiul e alguns ⁽⁴²⁾ alarves que são ensinados, antes que isto fosse, e o Capitão com eles e ⁽⁴³⁾ todos da cidade. E isto me levantaram com grande inveja e cobiça da minha ⁽⁴⁴⁾ honra e vitória e vencimento que me Deus deu em serviço de Vossa Alteza, ⁽⁴⁵⁾ e também porque não há aí agora cavalgadas nem gados que repartir, e querem ⁽⁴⁶⁾ fazer as cavalgadas dos mouros. E dentro a qualquer mouro que vai comprar ⁽⁴⁷⁾ ou vender em Safim, acham que ele que é enxovio ¹³⁶ para terem causa de o cativarem. ⁽⁴⁸⁾ E isto fazem os vossos oficiais. Nuno Gato tomou dois mouros, ⁽⁴⁹⁾ assim o feitor tomou outros muitos; e, se eu não tivesse previsão ¹³⁷ e cartas de ⁽⁵⁰⁾ Vossa Alteza, também de mim fizeram enxovio, como, de feito, fizeram do meu ⁽⁵¹⁾ marzagani ¹³⁸ com que eu sirvo a Vossa Alteza. Fizeram dele enxovio e cativaram-no, ⁽⁵²⁾ o qual fiz soltar com infinda fadiga que passei em-no soltar. E depois ⁽⁵³⁾ que Vossa Alteza para cá escreveu, fazem-no mais secretamente. Todo mouro ⁽⁵⁴⁾ que entra em algumas casas a vender ou comprar alguma coisa não sai ⁽⁵⁵⁾ mais. Assim, destes, muitos se evadem para toda a parte de fora. E isto ⁽⁵⁶⁾, Senhor, se passa em algumas casas dos vossos oficiais, principalmente ⁽⁵⁷⁾ na alfândega e na alcáçova ¹³⁹. E alguns mouros que não consentem em ser cativos, matam-nos ⁽⁵⁸⁾ e deitam-nos nos poços. E isto não digo a Vossa Alteza por mandar castigar ⁽⁵⁹⁾ o que lá mandaram preso, se não para que saiba Vossa Alteza que amor e que bem ⁽⁶⁰⁾ querença me podem ter, pois sei isto tudo. E isto fazem pela necessidade ⁽⁶¹⁾ e costume que tinham cada dia em partir cavalgadas. E agora não têm nada, por eu ter tudo ⁽⁶²⁾ em paz, como Vossa Alteza me mandou e não ser proveito seu deles.

Assim, Senhor, ⁽⁶³⁾ peço a Deus e Vossa Alteza que me defenda minha honra, a mercê que peço a Vossa ⁽⁶⁴⁾ Alteza, pois a nunca vendi é esta. E, se Vossa Alteza houver de querer ⁽⁶⁵⁾ os mexericos que dizem de mim e não olhar meus serviços e lealdade, que sempre ⁽⁶⁶⁾ tive às coisas de vosso serviço, mande-me Vossa Alteza licença para que ⁽⁶⁷⁾ embarque para Portugal. E se Vossa Alteza houver de dar passada a estes ⁽⁶⁸⁾ mexericos e não-nos fazer cavidar ¹⁴⁰ e der crédito a tudo aquilo que quiserem ⁽⁶⁹⁾ dizer de mim, e parecer a Vossa Alteza que eu sou

¹³⁶ Natural da região da Enxovia.

¹³⁷ "Previsão, isto é provisão: diploma, alvará do seu cargo de alcaide". (LOPES, 1940, p. 79)

¹³⁸ "Soldado de cavalo ao serviço do alcaide, espécie de escudeiro. Originariamente, o soldado que é pago e está ao serviço do Estado, 'maczen', tesouro público, que deu também o nome comum português de "almazém", "armazém". (*Id. et ibid.*, p. 80)

¹³⁹ "Palácio-fortaleza do rei ou senhor, geralmente num dos ângulos interiores das muralhas de uma cidade, mas com uma porta para o exterior; do árabe al-qasaba. (FARINHA, 1997, p. 647)

¹⁴⁰ "Cavida: tolher, impedir" (LOPES, 1940, p. 81).

culpado, e mandai-me onde queres ⁽⁷⁰⁾ que me vá e leve meus filhos, a quem entregue vossa bandeira e atabaque¹⁴¹ ⁽⁷¹⁾ e privilégios. E eu não me irei do campo de Safim, nem menos os alarves, até ⁽⁷²⁾ que me Vossa Alteza não mande dar a culpa ou a quem-no merecer.

Porém, senhor, com tudo ⁽⁷³⁾ que me achacam, em nenhuma coisa desejei mais de servir a Vossa Alteza como em ⁽⁷⁴⁾ tolher ao rei de Fez, que não venha destruir Duquela, nem menos vir a estas ⁽⁷⁵⁾ terras pelo que cumpre a vosso serviço e proveito de toda a terra. E, agora, ⁽⁷⁶⁾ não peço a Deus outra coisa senão que venha o rei de Fez para com meu dinheiro ⁽⁷⁷⁾ comprar e buscar gente para com ele me combater; e eu espero em Deus e na vossa ⁽⁷⁸⁾ vitória, que até aqui sempre comigo achei, de o vencer por força ou por minha ⁽⁷⁹⁾ astúcia. Aprazerá a Deus que ele virá para sua desonra e honra de Vossa ⁽⁸⁰⁾ Alteza, ou eu deixarei no campo a minha cabeça e, então, poderão dizer, por força, ⁽⁸¹⁾ que era leal servidor, pois fui morrer contra o rei de Fez.

Assim, senhor, ⁽⁸²⁾ vos torno a lembrar que não consentais que me roubem a minha honra sem nenhuma culpa. ⁽⁸³⁾ Isto não merece quem deixa seus filhos e sua fazenda por andar no campo ⁽⁸⁴⁾ cinco a seis meses; muito melhor fama deve de comprar quem tanta fadiga ⁽⁸⁵⁾ passa como eu.

Assim, Senhor, eu terei meu filho no campo com os alarves para ⁽⁸⁶⁾ o ensinar arte da guerra. Agora o mando para Safim, por que não digam que o levo ⁽⁸⁷⁾ comigo e que me vou fugindo. E também, Senhor, nenhum meu criado não pode andar em Safim, ⁽⁸⁸⁾ porque todos o chamam de traidor. Terei em mercê a Vossa Alteza mandar ⁽⁸⁹⁾ que tanta desonra me não façam, porque, chamando-me traidor, não faz a vosso serviço.

Senhor, ⁽⁹⁰⁾ o dia que de Portugal parti, me encomendastes a paz e que eu a comprasse⁽⁹¹⁾ por meu dinheiro; e fiz tudo o que me Vossa Alteza mandou. Fiz a paz com tudo ⁽⁹²⁾ aquilo que eu pude, que nunca se tal fez nem viram em Duquela em nenhum tempo. E ⁽⁹³⁾ apanhei todas as pagas e as trouxe a Safim, em obra de quinze dias, e não ⁽⁹⁴⁾ dei nem peitei por fazer a paz nenhum dinheiro de vossa fazenda; e o Capitão e os ⁽⁹⁵⁾ cavaleiros que cá estão não querem paz, senão guerra; e isto fazem por não terem ⁽⁹⁶⁾ nenhum proveito da paz, nem do serviço que eu faço, por não terem que tomar nem que ⁽⁹⁷⁾ repartir, e por este respeito me querem todos fazer mais mal do que podem. ⁽⁹⁸⁾

Agora não sei que de mim faça. Trouxe de Vossa Alteza um regimento, e o capitão ⁽⁹⁹⁾ manda que faça cá outro. Peço a Vossa Alteza que me faça justiça, me mande dizer o ⁽¹⁰⁰⁾ que hei de fazer de mim e dos meus, no que receberei muita mercê. ⁽¹⁰¹⁾

¹⁴¹ Segundo Lopes (*Id. et ibid.*) a bandeira e o atabaque foram símbolos conferidos a ele como atributo do poder de que gozava.

4.2 TRANSCRIÇÃO DA QUARTA CARTA DE BENTAFUF

Lopes, 1940, p. 41 - Linhas 01 - 11.

ظرأد دَ كَرظ دِ سِيدِ يَحْيَا أ يَلرِي نُوشُ شَرُور
 شَرُور دِ مِي الظُّ بُيرُ بَسُّ اشْدِيرُ أ بُّشَ الظِّيزَ¹⁴² كِيْشُ بُ
 سِدِيَايشُ⁽⁰²⁾
 كِتِيرَاوُ اشُّ سِدِرْكَشُ دَ بِرْمِيرَ بِيْزُ اَعْرَ مِيرِيسُ كِتِلْدِي
 اَثْرُشُ دِ
 بِيْمَنْتَ بُرُ فُوَ اشَارِي كِيْشَلِيْ وَ كَنْتِيْعُ بِلَا بِرْمِيرَ كِيْزَارُو
 جَدَّ يَدْرَاوُ⁽⁰⁴⁾
 دِ بِيْزِيرُ أ كِيْ بِيَارُ أ بُّنْتَلُ أ بِيْلُغُ تَنْبُ أُو بُرْمُ دَرِي كُنْت
 أ بُّشَ الظِّيزَ شَرُور دِ بِيْشُ كَمِشْدِيدِ دُ بُّشُ كَبْتُو أ بِيْ بَر
 اشُّ⁽⁰⁶⁾
 الرُّبِيْشُ أ اَثْرُ دِيَا مَدِي عَمُو بِيْلُ بِرَ اَسْبِي أ كَمِدِي أ جُنْتَار
 اشُّ
 الرُّبِيْشُ أ كَرِيرُ تِيْلُوشُ نَتَارُ أ نَاوُ بُوْدِ بُرْكَ الشُّعُ وَدَزِيْكَرِيُو⁽⁰⁸⁾
 اِيْرُ لُو رِيْ دَ مِيرُ كَمْبَرَارُ تَرِيْعُ دَ يَشُوْ بِيْ بِيْشُ أُو نَلْبِيْشُ كِيْ
 دَرُ
 اشُّ مَشْرِيْكَرِيُوْشُ اِيْءُ وَ شُوْبِ كَلِيْ بِلَسِيْ دِ كَمِيرُ أ لَرْغَلُ أ يَد
 أ⁽¹⁰⁾

¹⁴² Em Lopes (1940, p. 41), a consoante $z \bar{a}$ está acompanhada, simultaneamente, de *fatḥh* a e *kasra*.

بُومَشْ أَطَا مِي بَرْتِ رِيِيْ اِ يُوِيْمُشْ نُوشْ دُ رِيْ دِرِ بَاسْ¹⁴³

Lopes, 1940, p. 42 - Linhas 12 - 28.

اِ طُرْنَامُشْ أَظِيْطَرْمُشْ دَ سَعِيْ اَدْدُورَ دِ مِيِيْ اِ يَنْظُوْ

نُشْ⁽¹²⁾

مَدُوْ اِ رِيْ دِ بَسْ وُ كَرْظِ بَرُوشْ بَغِيُوشْ اِ كِيْ بَكِيْءَ وُ لِدَشْ
مَءَ وُ بِيْلُ كُشْ بِيْلُوشْ دَلْعُوشْ اَلْرِيشْ اِنْ اَرِيشْ

دَلِمَنْتِرْمُشْ بَازُ⁽¹⁴⁾

اِ دِ بَرْمُشْ غَارَ كُنْتَارَ كَرِشْدَتُوشْ اِ كِ اِلِيْ شِدْرُتْرِيْ كُشُوشْ

بِر

بَاسْ اِ نُشْ لِيْشْرِيِيْ نُّوشْ تَارَ اِ شَدْتْ شَبِيْ دِيَارُوْ بَر م

نُطْلُشْ⁽¹⁶⁾

اَلْرِيشْ دَرِيْدُ كَلْبِرْسِيِيْ بَلِيْ اِ كِيْ اِلِشْ اَرُوْ كُنْتِيْشْ اِ كِيْ
ءَ وُ

لِدَشْ مَءَ وُ بِيْلُ اِيْءَ وُ لِدَشْ كِيْمَءَ وُ بِيْلُ اَوُ اِ دَارَ اِ بِيْ

شَ اَلْظِيْرَ اِ⁽¹⁸⁾

كِيْشْطَهْ اِ بُيْرَ دُ كَبْتُوْ اِ كِيْءَ وُ نُوْ تَنَا نِيْلُ نُوْ بُيْرَ اِ

بِيْرْظَارُوْ

تَنْتُ كَمِيْعُ اَطَا كَلِشْ كِيْءُشِيْ بِيْرَ اَوُ كَبْتَاوُ اِ كِيْ شِدُوْلُ دَاشْ⁽²⁰⁾

كِيْلِشْ اِ لِبَعْدِيْ اِ دُتْرَ بَرْتِ لِيْكِيْ وُ كَبْتَاوُ كِيْلُ نُوْ دَاشْ

مُوْ بِيْلُ اِ نَعَايِيْ اِ نُوُوْ مَنَايِرَ اِ بُوْ دِشْ اَلْرِيشْ كَبَلِيْرِيْ⁽²²⁾

¹⁴³ O *sîn* de "Fez", em Lopes (*Ibid.*) não apresentava *sukun*.

دِ بَاسْ كِجَاشْ بَازْ كِيَاوْ لِمَدْرِيَّ اْ غَرَاذِ بَرَجِنْتِ اِ كَا و
اَنُو

دِنْتُرْ اْ بَاسْ اِ شِدْتْ دِشْ وُشْ اَلرِيشْ اَظَا بِيرْ اْ كِي مَبِشْ⁽²⁴⁾
الظِيْرَ اِشْكُرِيَّ اْ دَبِيْشْ كِيْمَ نَوَاشْءَ رَوَ رَمَلِيْ بَرَا اِزْ مَ
ءْ وْ بِيْلْ

فَمِدَارَوْ اْ بَازَرْ كُنْدَلْ اِنْتِرِيْلِشْ اْ كِي شَجَا بَاوْ دِمَ اَغْرَبَلِشْ اِ
⁽²⁶⁾

يَلَا بَدَنْظُوْشْ اِنْتِرْ يِلِشْ غَرْدِ غِرْتَا اْ كِجَارَوْ رَمِيْرْ اْ مَ بَر
مَبُوْرِيْ

لَجْمَاوْشْ شَدَلُوْ اَنْدَرُوْ اْ كَبَالْ هُوْلَعُوْشْ شَدْمَءْ وُشْ مَرَزْغَنِيْشْ اْ مَ
بِيْ⁽²⁸⁾

Lopes, 1940, p. 43 - Linhas 29 - 45.

شَدِيْدْ دِلِشْ هُوْلَعُوْشْ كِنْدِكْمَعْ كِجَارَوْ بِيرْ اْ مَبِيْ بُوْر
اَكْرَدِ اْ

سَدَبِيْ بَرِ هَدِيْ بَزِيْرْ بُوْرْتِ اْ كِنْدَتِعَارْ اَلْعُوْشْ مُوْرُشُوْمَرِ كِنْدِي
اِ⁽³⁰⁾

يَجُنْتِرِيَّ دِيْ اَشْ اَلرِيشْ بَرِ هُوِيْلِشْ شَدْبِيْرْ بُشْ اَلظِيْرَ اْ
بِيْدِيْ

كِمَبِيْنْ مَبُوْرْ غَارَ دَسَدَبِيْ كِنْدَشَلَرِشْ بِيْشْ طَلُشْ بَرَسَدَبَايشْ
دُشْ⁽³²⁾

الرَّيْشُ كَيْتَرَوُ إِسْعِي شَمَنْشُ أَشْ شِرْكَيرُشْ أ دِرْلِي
مَطِينُشْ

سِدِي يَدِيَا أ ظِرْبُجْمُشْ كَنْتُ كَجَارِدِشْ أ نَهْدِنَائِشْ كَجِشْوُ⁽³⁴⁾
شُدْبِرْ وُجْرُشْ وُ نُشْ شِدْمَنْلِي كُمْ تُنْزِرُ تَرِيَسَاو¹⁴⁴
أوشْكَرِشْتَاوُشْ

أ دِشْ نُودُ كَجَارِدِشْ أ شِدْتُ بَارِي أَشْ شِرْكَيرُشْ دُجْدَوْشْ)
كِدَلُو لِنْكَوْشْ أَنْتِرْ أَشْ مُورُشْ إ يَكْبَلُو أَ شَعَّوْ لُنْكَ بُشْ
الظِيرَ

بِي كُنِسْ أ بَرَّ شِدْتُ نَوْ أَشِي نَبُو رَمَلِي شَدَنُو بُج دَ سَعِي
بِرَ⁽³⁸⁾

ألي دُ رِي دَعُوزْ كُمْ كِي دَجِجْ مَيْشْ أ مُرْتِ كِيَعِدَ مُرْدُ إِبُشْ
شِرْبِسْ أ لِيلْ بُنْظَلْ أَنْتِشْ بَعِيرْ أ مِدْمَارِي بُرْ تَنْتَ مَيْرْ
تَرَارْ⁽⁴⁰⁾

بَسْ أ بُشْ الظِيرَ كِ دِيرْمَلِي بُهْ شِنْ تَنْتَ دَجْرَ أ ضُدُشْ
كُنْزَمْ أ لُو كَرَالِتْ أ كَنْتُ دِمْ كَرِي دِرْزِدِ مَالْ أ كُنْ نُودُ^{4) 2}
دُووْ مَيْتِشْ غَرَلَدِشْ أ دِوْشْ بُرْ لِنْدَكْبَارْ دَجْمَوْشْ أ شِدْتْ
أَمِي إ

كُوجْ كِمْدَ مَيْشْ مُرِيرْ كِبِيرْ نُكِي تَرَلِي إ مِرْسْ بُشْ الظِيرِ
مَدْرَمْ⁽⁴⁴⁾

¹⁴⁴ Segundo Lopes (1940, p. 43), sem nenhuma vogal breve ou *sukun*.

الْبَارِدِ طُنْتُ مَالِ أَدَجُرَّ نَنُو مَرَسِدُ مَوْشِ شِرْبِيدُشْ أ مَيْتَشْ

Lopes, 1940, p. 44 - Linhas 46 - 55.

بُدُووشْ شَدَّوْ كُنْتَرَمِ بُلُشْ بَيْتَارِيْ بُلُشْ بَزَرْدَ أ نَوْ دَسُووشْ⁽⁴⁸⁾
 دِلِشْ إ يَّوْ دَهْ أ عَدْظَهْ دُ مَّوْ دِنَايِرُ أ دَ مِنْ بَ
 زَرْدَ بُرْ تِرْ

أشْ الرِّيشْ كَمْعُ نُكْمَبُ سَدَّيْ بُرْ بَزِيرُ أ كِيْ بُلُشْ الضَّرِيْزَ⁽⁴⁸⁾
 مَدُوْ كِيَّوْ بَزَاشْ أ بَازْ بَزَاشْ بَيْرْ لَدَبَاغَشْ أَشْ كُمْ أُوْ
 تَنُوْ

بَيْتُ إ يُّشْ دَ سِدْ كَرِيْ نُمَارْ أَشْ مَوْشْ وَوِ إ يُّشْ بَيْ⁽⁵⁰⁾
 أ سِدْ أ بُرْ كَنْتْ شَيْ كَبْدَكُوْ شَدْتَمَنْشْ بِلَشَاشْ بُرْ بَيْتَشْ
 تَنْتْ

دِ مَوْشْ كُمْ دِ كَرِشْتَوْشْ كُمْ دِ جُدَيْشْ تِرِيْ إ مَرَسْ أ بْ⁽⁵²⁾
 شْ

الظَّيْرَ الْمَبْرَارِشْ دِ مِ نَجْشَدْتِسْ أ بَزَرْمِ الْبَارِ دِ تَنْتَ دَجُرْ
 كِرْسِبِ أ
 رَسِبُ.⁽⁵⁴⁾

4.2.1 Edição semidiplomática da quarta carta de Bentafuf

t^arl^ad^u d^a k^ar[∅] d_i s_id_i i^ah[∅]i^a a^a i^al[∅]rⁱ n^ux^u x_in^uur[∅]

x_in^uur[∅] d_i m^ui[∅] a^l∅^u b^ud_ir[∅] f^as^u a^a x^ab_ir[∅] a^a f^ux^a a^l∅ⁱz^a k_iu^x∅ a^uf_is_iaⁱa_ix[∅] (52)

k_it_is_ir^aau[∅] a^ux[∅] m_is_ir_ik^ux^{∅145} d^a b_ir[∅]m^ai[∅]r^a f_iz[∅] a^ag^ur^a m_ib^ar_is_i k_it^aas^ai[∅] a^ut[∅]r^ux[∅] d_i
 n^uf^am_in[∅]t_i b^ur[∅] n^uau[∅] a^ax^aar^ai[∅] k^ai[∅] l_id_ix^{a7a}u[∅] k^ax[∅]t_ig^u b^ul^aa b_ir[∅]m^ai[∅]r^a k_if_iz^aar^au[∅] j^an^ad^ai[∅]x^aar^aau[∅]
 (04)

d_i f^az_iir[∅] a^u k_i l_if_ia^ar[∅] a^a f^un[∅]t^aad_i a^a i_ia^l∅g^u t_in[∅]b^u a^uau[∅] b^ur[∅] m_i d^ar^ai[∅] c^un[∅]t^a
 a^a f^ux^a a^l∅□iz^a x_in^uur[∅] d_ib^ui[∅]x[∅] k_im_id_ix[∅]p_iid_i d^u f^ux^u k^ab_it^aau[∅] a^a m_if^ui[∅] b_ir^a a^ux[∅] (06)

a^al^ar[∅]f_ix[∅] a^u a^ut[∅]r^u d_ia^a m^ad^ai[∅] m^{a7a}u[∅] f_il^u b_ir^a a^as^af_i a^a k^um_is^ai[∅] a^a j^un[∅]t^aar[∅] a^ux[∅]
 a^al^ar[∅]f_ix[∅] a^a k_ir_iir[∅] t_il^uux[∅] n^at^aar^a a^a n^aau[∅] b^uud_i b^ur[∅]k_i a_il_ix[∅] d_iz_ia^{7a}u[∅] k_ik_ir_ii^au[∅] (08)

a_ir[∅] a^uu[∅] r_ii^u d^a m_iir[∅] k^um[∅]b^ar^aar[∅] t_ir_ig^u d^a i_ix^au[∅]f_ii^a b^ui[∅]x[∅] a^uau[∅] n^al^bu^u k^af_id^ar[∅]
 a^ux[∅] m_ix_ir_ik^ai[∅]r^uux[∅] a_i i^{a7a}u[∅] x^uu[∅]b_i k_il_if_is_ia^a d_i k^um_iir[∅] a^a l^ar[∅]g^al_i a^a i_id^a a^a (10)

f^uum^ux[∅] a^at^a a^ui[∅] b^ar[∅]t^u d^u r_ii^u a_i i^au[∅]f_im^uux[∅] n^uuf^ux[∅] d^u r_ia[∅] d_i f^as
 a^a t^ur[∅]n^aam^un^ux[∅] a^a□^ai[∅]x[∅]t^r∅m^ux[∅] d^a s^af_i a^a d^ad^uur^a d_i m_ii^ud_ia^a a^a iⁿ∅□^au[∅] n^ux[∅] (12)

m^an[∅]d^uu[∅] a^u r_ia[∅] d_i f^as[∅] u^ua^a k^ar[∅]□^a b_ir^uux[∅] b_ig_in^uux[∅] a_i k_i d_iz_ia^a k_ii^{a7a}u[∅] l_id^ax_i
 m^{a7a}u[∅] f_il^u k^ux[∅] f_il^uux[∅] d^al[∅]g^uux[∅] a^al^ar[∅]f_ix[∅] a_n∅ a^ar[∅]f_ai_ix[∅] d_il_im^an[∅]t_r∅m^ux[∅] b^aaz[∅] (14)

a^a d_i b^ur[∅]m^ux[∅] g^aar^a k^un[∅]t^aar^a k_ir_ix[∅]t^aau^ux[∅] a^a k_i a_il_i x_it^ur[∅]n^ar_ia^a k^ux^au^ux[∅] b_ir^a
 f^aas[∅] a^a n^ux[∅] l^ai[∅]x^ar_ii^a n^an^ux^a t^aar^a a^a n_ix[∅]t^u x_if_ia^aar^au[∅] b_ir^a m_i t^ul^uux[∅] (16)

a^al^ar[∅]f_ix[∅] d_iz_iin[∅]d^u k_il_ib^ar_is_ii^a b^aai[∅] a^a k_i a_il_ix[∅] a^ar^au[∅] k^un[∅]t_n∅t_ix[∅] a^a k_ii^{a7a}u[∅]
 l_id^ax_i m^{a7a}u[∅] f_il^u a_i i^{a7a}u[∅] l_id_ix_i k_ii^um^aa^au[∅] f_il^u a^uau[∅] a^u d^aar^a a^a f^ux^a a^l∅□^aiz^a a^a (18)

k_ii_ix[∅]t^aaf^a a_i b^ud_iir[∅] d^u k^ab_it^aau[∅] a_i k_ii^{a7a}u[∅] n^uau[∅] t_in^aa n_il_i n_in^uu b^ud_iir[∅] a_i i^ab_ir[∅]□^aar^au[∅]
 t^an[∅]t^u k^um_iig^u a^at^a a_il_id_ix_i k_ii^uf^ux^ai[∅] b_id_ir[∅] a^uu[∅] k^ab_it^aau[∅] a^a k_i x_il^uul_i d^aax_i (20)

k_ii_il_ix[∅] a^u l_if^ax^ai[∅] a^a d^ut[∅]r^a b^ar[∅]t a_ix[∅]k_ir[∅]f_i a^uu[∅] k^ab_it^aau[∅] k_ii_il_i n^uau[∅] d^aax_i
 m^aa^{7a}u[∅] f_il^u a^a n_ig^aaiⁱ∅ a_i n_in^uuu^a m^an^aai[∅]r^a a_i i^au[∅] d_ix_i a^uu[∅]x[∅] a^al^ar[∅]f_ix[∅] k_ix_il_il[∅]-a_i∅ (22)

d_i f^as[∅] k_ij^aax_i b^aaz[∅] k_ii^{a7a}u[∅] l_im^an[∅]d^ar_ii^a a^u g^ar^aan[∅]d_i b_ir_ij_in[∅]t_i a_i k^ad^aa u^u a^an^uu
 d_in[∅]t^ur^u a^a f^aas[∅] a_i i_ix[∅]t^u d_ix_i a^uu[∅]x[∅] a^al^ar[∅]f_ix[∅] a^a□^aa f_iir[∅] a^u k_i m_if^ux^a (24)

a^al[∅]□^aiz^a a_ix[∅]k_ir[∅]f_ii^a a^a d_ib^ui[∅]x[∅] k_im_i n^au[∅] a^ax^{a7a}r^au[∅] r_im^aad_il^u b_ir^aa l_id^aar[∅] m^{a7a}u[∅] f_il^u
 q^um_is^aar^au[∅] a^a f^aaz_ir[∅] k^ux_il^u aⁿ∅t_ri i_il_ix[∅] a^a k_i x^aj^aaf^aau[∅] d_i m_i a^ag[∅]r^af^ad^ux[∅] a_i (26)

i_il^afⁿ∅□^uu[∅]x_i aⁿ∅t_ri i_il_ix[∅] g^ar^an[∅]d_i g_ir_it^aa a^a k_ij^aar^au[∅] r_im_it_ir[∅] a^a m_i b_ir^a m_ib^uur^ai[∅]
 a^aj[∅]m^aau^ux[∅] x_in^aau[∅] a^ax^ar^aau[∅] a^a k^af^aal^u k^uu^al[∅]g^ux[∅] d^ux[∅]m^{a7a}u^ux[∅] m^ar[∅]z^ag^an_ix[∅] a^a m_if^ui[∅] (28)

x^ai_n∅d^u d_il_ix[∅] k^uu^al[∅]g^uux[∅] k_ix_ik^um_ig^u k_ij^aar^au[∅] f_iir[∅] a^a m_if^ui[∅] b^uur[∅] a^ak^arⁿ∅d_i a^a
 s^af_i b_ir^a m_id^ai[∅] f^az_iir[∅] f^u∅t_i a^a k^ax[∅]t_ig^aar[∅] a^al^gu^{ux}∅ m^uu[∅]r^ux[∅] k_im^um_ir_is_ix^ai[∅] a_i (30)

i^aj^un[∅]t^ar_ii^a d^ai_a a^ux[∅] a^al^ar[∅]f_ix[∅] b_ir^a k^uu_il_ix[∅] x_ir[∅]f_iir[∅] f^ux^a a^l∅□^aiz^a a_i i^ax^ai[∅]
 k_im_if_in^a m^ai^uur[∅] g^aar^a d^a s^af_i k_id^ux^al^ar[∅]f_ix[∅] b^ui[∅]x[∅] t^ud^ul^ux[∅] b_ir_in[∅]s_ib^aai_ix[∅] d^ux^a (32)

a^al^ar[∅]f_ix[∅] k_ii^an[∅]t^rau[∅] a_i s^af_i x^am^an^ux[∅] a^ux[∅] m_ix_ir_ik^ai[∅]r^uux[∅] a^a d_iz^al_i m^al^ai[∅]n^ux[∅]

¹⁴⁵ "Mexericos" <m_is_ir_ik^ux[∅]>, com *sīn*, ao invés de *šīn* <m_ix_ir_ik^ux[∅]>.

sidi ialh^oia a a □^ar^or^uj^um^ux^o k^an^ot^u k^jar^odⁱx^o a a n^ak^uxⁱn^ot^aai^x^o k^ji^x^{a146} k^ab^tau^o (34)
 x^ub^orⁱ f^uj^ut^or^ux^o a^uo n^ux^o tⁱx^otⁱm^un^aaiⁱ k^um^u kⁱx^o f^aazⁱr^o trisau a^uu^xo^ki^rx^ot^aau^ux^o
 a a bⁱdⁱn^ux^o t^uud^u kⁱk^jar^odⁱx^o a⁷ i^xo^tu f^aaz^ai^o a^ux^o mⁱxⁱrⁱk^ai^or^ux^o d^uj^ud^au^ux^o (36)
 kⁱx^aau^o lⁱn^ok^uu^ax^{o147} a^an^otⁱrⁱ a^ux^o m^uo^ru^x^o aⁱ i^uk^ab^tau^o a a x^au^o a^ux^okⁱ f^ux^a a^lo[□]iz^a
 b^ai^o k^unⁱsⁱ a a b^ar^a i^xo^tu n^au^o a^ax^ai^o nⁱn^u rⁱm^aadⁱu xⁱn^aau^o f^ujⁱ d^a s^afⁱ bⁱr^a (38)
 a^laⁱo d^u rⁱu d^ag^uuz^o k^um^u k^ai^o dⁱjⁱa m^ai^xo a a m^ur^otⁱ kⁱaⁱfⁱd^a m^urⁱn^od^u aⁱ f^ux^u
 xⁱr^ofⁱs^u a a lⁱal^o f^un^o□^aadⁱ a^an^otⁱx^o kⁱfⁱfⁱr^o a a mⁱx^am^aar^ai^o b^ur^o t^an^ot^a m^an^ai^or^a t^rad^ur^o
 (40)
 b^as^u a a f^ux^a a^lo[□]iz^a kⁱmⁱ dⁱrⁱm^aadⁱu k^um^u fⁱf^a xⁱn^o t^an^ot^a dⁱj^un^or^a a d^ud^ux^o
 k^un^ot^ra mⁱ a a lⁱd^au^o k^ral^tu a a k^an^ot^u dⁱ mⁱ k^ar^ai^o dⁱzⁱr^o dⁱ m^aal^o a a k^un^o t^uud^u (42)
 d^uuu^o m^ui^ot^ax^o g^ras^ax^o a a dⁱu^ox^o b^ur^o aⁱx^ok^ab^aar^o d^jm^aau^ux^o a a i^xo^ti a^um^ai^o aⁱ
 k^uo^ja kⁱmⁱn^ad^a m^ai^xo m^urⁱr^o kⁱfⁱfⁱr^o n^ukⁱt^ra^ai^o aⁱ mⁱr^osⁱ a a f^ux^a a^lo[□]iz^a m^ad^ro^mi^o (44)
 a^lb^aar^o dⁱ t^an^ot^u m^aal^o a a dⁱj^un^or^a n^an^u mⁱrⁱsⁱn^od^u m^au^ux^o xⁱr^ofⁱs^ux^o a a m^ui^ot^ax^o
 b^ux^uu^ax^o x^au^o k^un^ot^ra mⁱ b^ul^ux^o b^ai^ot^aar^ai^o d^a f^ux^a f^azⁱn^od^a a a n^au^o d^ax^uu^ax^o (46)
 dⁱlⁱx^o aⁱ i^au^o d^aaf^a a a g^ax^o□^af^a d^u m^au^o dⁱn^aai^or^u a a d^a mⁱn^a f^azⁱn^od^a b^ur^o tⁱr^o
 a^ux^o a^la^ro^fi^xo k^umⁱg^u n^uk^am^ob^u d^a s^afⁱ b^ur^o f^azⁱr^o a^u kⁱ mⁱf^ux^a a^lo^diz^a (48)
 m^an^od^uuu^o kⁱi^au^o fⁱz^aaxⁱ a a b^aaz^o a a fⁱz^aaxⁱ fⁱr^o a^ax^ob^ag^ax^o a^axⁱ k^um^u a^uuu^a tⁱn^u
 fⁱo^tu aⁱ i^ux^o d^a sⁱd^aadⁱ k^raⁱo t^um^ar^o a^ux^o m^uo^ru^x^o dⁱ f^ra aⁱ i^ux^o kⁱaⁱo (50)
 a a sⁱd^aadⁱ a a b^ur^o k^an^ot^u x^ai^o kⁱb^ux^ok^au^o tⁱx^otⁱm^un^aax^o f^lo^sax^o b^ur^o b^ai^ot^ax^o t^an^ot^u
 dⁱ m^uo^ru^x^o k^um^u dⁱ kⁱrⁱx^ot^aau^ux^o k^um^u dⁱ j^ud^ai^ux^o t^raⁱo aⁱ mⁱr^osⁱ a a f^ux^a (52)
 a^lo[□]iz^a a^li^mo^br^aar^oxⁱ dⁱ mⁱ n^aj^ux^otⁱs^a a a f^azⁱr^o mⁱ a^lb^aar^o dⁱ t^an^ot^a dⁱj^un^or^a kⁱrⁱsⁱbⁱ a^a
 rⁱsⁱb^u (54)

4.2.2 Edição atualizadora da quarta carta de Bentaful

Traslado da carta de Sidi Ialh^o ia ao Rei Nosso Senhor⁽⁰¹⁾

Senhor de muito alto poder. Faço a saber a Vossa Alteza que os oficiais⁽⁰²⁾ que teceram os mexericos da primeira vez agora me parece que tecem outros⁽⁰³⁾ de novamente, por não acharem que lhe dê seu castigo pela primeira que fizeram. Já não deixaram⁽⁰⁴⁾ de fazer o que lhe vier à vontade; e em algum tempo, eu, por mim, darei conta⁽⁰⁵⁾ a Vossa Alteza.

Senhor, depois que me despedi do vosso Capitão e me fui para os⁽⁰⁶⁾ alarves, o outro dia mandei meu filho para Safim e comecei a juntar os⁽⁰⁷⁾ alarves e querer tê-los na terra, e não

¹⁴⁶ "Que seja" <kⁱjⁱx^a>, grafado com *ǧīm* e *šīm*, respectivamente, em lugar do inverso: *šīm* e *ǧīm* <kⁱx^j>.

¹⁴⁷ "Línguas" <lⁱn^ok^uu^ax^o>, grafado com *kāf*, por *ǧayn* <lⁱn^oǧ^uu^ax^o>.

pude, porque eles diziam que queriam⁽⁰⁸⁾ ir ao rio de Morbéa comprar trigo da Enxovia, pois eu não lhe posso cavidar⁽⁰⁹⁾ os mexeriqueiros, e eu soube que lhe falecia de comer e larguei-lhe a ida,⁽¹⁰⁾ e fomos até muito perto do rio e houvemos¹⁴⁸ novas do rei de Fez,⁽¹¹⁾ e tornamos até estarmos de Safim a dada hora de meio-dia.

E, então,⁽¹²⁾ nos mandou o rei de Fez uma carta por uns beguinos e que dizia que eu lhe desse⁽¹³⁾ meu filho com os filhos de alguns alarves em arreféns de lhe mantermos paz,⁽¹⁴⁾ e de pormos guerra contra cristãos, e que ele se tornaria com os seus para⁽¹⁵⁾ Fez e nos leixaria na nossa terra.

E nisto se vieram para mim todos os⁽¹⁶⁾ alarves dizendo que lhe parecia bem e que eles eram contentes, e que eu⁽¹⁷⁾ lhe desse meu filho. E eu lhe disse que meu filho eu o dera a Vossa Alteza, e⁽¹⁸⁾ que estava em poder do Capitão, e que eu não tinha nele nenhum poder. E apertaram⁽¹⁹⁾ tanto comigo até que lhe disse que o fossem pedir ao Capitão, e que se lo lhe desse⁽²⁰⁾ que eles o levassem; e de outra parte escrevi ao Capitão que ele não desse⁽²¹⁾ meu filho a ninguém em nenhuma maneira. E eu disse aos alarves que, se o rei⁽²²⁾ de Fez quisesse paz, que eu lhe mandaria um grande presente em cada um ano⁽²³⁾ dentro em Faz.

E isto disse aos alarves até ver o que me Vossa⁽²⁴⁾ Alteza escrevia. E depois que me não acharam remédio para lhe dar meu filho,⁽²⁵⁾ começaram a fazer conselho entre eles, e que se achavam de mim agravados; e⁽²⁶⁾ levantou-se entre eles grande grita, e quiseram remeter a mim para me porem⁽²⁷⁾ as mãos. Se (me) não acharam a cavalo com alguns dos meus marzaganis; e me fui⁽²⁸⁾ saindo deles com alguns que se comigo quiseram vir e me fui por acarão de¹⁴⁹ a⁽²⁹⁾ Safim para me daí fazer forte e castigar alguns mouros que mo merecessem;⁽³⁰⁾ e ajuntaria daí os alarves para com eles servir Vossa Alteza.

E achei⁽³¹⁾ que me vinha maior guerra de Safim que dos alarves, pois todos os principais dos⁽³²⁾ alarves que entram em Safim, chamam-nos os mexeriqueiros e dizem-lhe: "Matai-nos⁽³³⁾ Sidi Ialh ia e dar-vos-emos quanto quiserdes, e não consintais que seja Capitão⁽³⁴⁾ sobre vós outros, ou nos testemunhem como quis fazer traição aos cristãos,⁽³⁵⁾ e pede-nos tudo que quiserdes".

¹⁴⁸ Na aljamia < i^au^ofim"x^o >, que também pode ser "e ouvimos".

¹⁴⁹ Segundo Lopes (1940, p.96), o autor da aljamia não conhecia a expressão portuguesa "a carã/carão de", que significava "junto de", e grafou, no texto, "Aguerande", em referência à localidade marroquina, hoje em ruínas, "Guerando/Guirando". Esta seria, para Lopes, uma evidência de que o texto foi vertido, em aljamia, da versão portuguesa da carta árabe, uma vez que, na versão em árabe do texto, não havia nenhuma referência àquela localidade. Analisando a grafia da aljamia, temos, na nossa edição, < a^ak^ar^an^odⁱ >, e pensamos que pode ser que se refira ao nome da localidade, mas, pode ser também a expressão "a carã de", aglutinada, como aglutinadas são tantas outras formas.

E isto fazem os mexeriqueiros dos judeus ⁽³⁶⁾ que são línguas entre os mouros e o Capitão, e são os que Vossa Alteza ⁽³⁷⁾ bem conhece. E para isto não achei nenhum remédio senão fugir de Safim para ⁽³⁸⁾ além do rio de Aguz, como quem deseja mais a morte que a vida, morrendo em vosso ⁽³⁹⁾ serviço e leal vontade, antes que viver e me chamarem por tanta maneira traidor. ⁽⁴⁰⁾ Peço a Vossa Alteza que me dê remédio como viva sem tanta desonra e todos ⁽⁴¹⁾ contra mim, e lhe dão crédito a quanto de mim querem dizer de mal.

E, contudo, ⁽⁴²⁾ dou muitas graças a Deus por escapar das mãos a este homem, ¹⁵⁰ em ⁽⁴³⁾ coisa que me nada ¹⁵¹ mais morrer que viver, no que terei em mercê a Vossa Alteza mandar-me ⁽⁴⁴⁾ aliviar de tanto mal e desonra, não o merecendo meus serviços. E muitas ⁽⁴⁵⁾ pessoas são contra mim pelos peitarem de vossa fazenda e não das suas ⁽⁴⁶⁾ deles. E eu dava e gastava do meu dinheiro e da minha fazenda por ter ⁽⁴⁷⁾ os alarves comigo no campo de Safim, por fazer o que me Vossa Alteza ⁽⁴⁸⁾ mandou: que eu fizesse a paz e fizesse vir as pagas, assim como eu tenho ⁽⁴⁹⁾ feito; e os da cidade querem tomar os mouros de fora e os que vêm ⁽⁵⁰⁾ à cidade, e por quanto sei que buscam testemunhas falsas por peitas, tanto ⁽⁵¹⁾ de mouros como de cristãos como de judeus.

Terei em mercê a Vossa ⁽⁵²⁾ Alteza lembrar-se de mim na justiça e fazer-me aliviar de tanta desonra que recebi e ⁽⁵³⁾ recebo. ⁽⁵⁴⁾

¹⁵⁰ Lopes (1940, p. 97), escreve no plural "esses homens", de acordo com a forma no texto árabe.

¹⁵¹ "Que me nada" difícil de recuperar. Em aljamia, as palavras estão aglutinadas: < k,m,n^ad^a >. Lopes (*ibid.*, p. 97) restituiu "que me não dá".

5 OS TEXTOS DE ALJAMIA COMO FONTES PRIMÁRIOS: UM ESTUDO DOS CLÍTICOS NO SÉCULO XVI

5.1 INTRODUÇÃO

5.1.1 **Objetivo**

O presente capítulo pretende focalizar o comportamento dos clíticos pronominais no português europeu do século XVI, observando se os resultados das pesquisas de Pagotto (1992) e Martins (1994), baseadas em documentações escritas do mesmo período, correspondem aos dados aqui estudados. Trata-se de uma demonstração de como a edição das cartas em aljamia pode servir como fonte primária aos diversos estudos do português do século XVI.

O *corpus* se constitui dos oito textos em aljamia; os dois textos fac-similados editados por nós neste trabalho e os outros seis transcritos por Lopes (1940). Como se supõe que os textos foram escritos originalmente em árabe, traduzidos para o português e trasladados em aljamia, traslado este que deve ter sido a base para a versão em português, segundo Lopes (1940), pretendemos verificar se, para um estudo de mudança quantitativa, seus padrões e ocorrências seriam os mesmos do de outros textos em português do mesmo período. Isso pode reforçar a hipótese de uma tradução para o português como etapa prévia do texto em aljamia.

Diversas pesquisas recentes [dentre outras podemos citar as de Vieira (2002), Monteiro (1994) e Nunes (1996)] mostram que o Português do Brasil (especialmente na modalidade oral) tem preferência pela posição proclítica, e algumas investigações com textos do século XVI demonstram a produtividade do uso dos clíticos pronominais nessa posição. Isso nos faz crer que, consoante Cunha (1986, p. 199-230) essa preferência de longa data em nossa história signifique uma tendência ao conservadorismo em alguns fenômenos variáveis no PB. Espera-se pela investigação deste objeto no *corpus*, que essa propensão, atestada em outros trabalhos sobre o assunto em fontes seiscentistas portuguesas, manifeste-se nos textos aqui estudados.

5.1.2 **Metodologia**

A metodologia utilizada seguirá a Sociolinguística Variacionista na linha laboviana, utilizando o pacote de programas Golvarb, no tratamento estatístico dos dados.

Serão considerados como variáveis dependentes a *Próclise*, a *Ênclise* e a *Mesóclise*; quanto às variáveis independentes que possam ter influenciado na escolha de uma das variantes, foram considerados os grupos de fatores: *Tipo de oração*, *Tipo de "atrator"*, *Tipo de pronome* e *Tempo/modo verbal*. As variáveis lingüísticas consideradas neste trabalho aplicam-se indiscriminadamente a lexias verbais simples ou compostas.

O *corpus* foi trasladado em aljama pelo mesmo copista, uma única pessoa. Sendo assim, não será possível considerar neste trabalho contraposição dos fatores extralingüísticos clássicos tais como sexo, tempo e diatopia.

5.2 TRABALHANDO O CORPUS

5.2.1 A ordem dos clíticos no século XVI

A seguir, consideremos – nos pontos em que se aproximam do objetivo aqui proposto – dois trabalhos sobre o assunto que contemplam o período em questão: a dissertação de mestrado de Paggoto (1992), **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico**, e a tese de doutoramento de Martins (1994), **Clíticos na história do português**, para que, a partir deles, se possam analisar os resultados aqui encontrados.

5.2.1.1 O estudo sobre a posição dos clíticos em Martins (1994)

Utilizando um *corpus* de documentos não literários (notariais), somados a dados de trabalhos publicados por vários autores, ou, mais raramente, a textos literários, Martins (1994) analisa a ordem dos clíticos, apresentando uma descrição que tenta ser a mais detalhada possível da situação do português dos séculos XIII, XIV, XV e XVI. Apontamos abaixo algumas de suas generalizações; no entanto, vamos exemplificá-las com sentenças do nosso *corpus*, isto é, dos textos aljamiados, e não do corpus de Martins (*Ibid.*).

Sempre ocorre próclise:

a) em sentenças que possuem um elemento de negação:

(1) (e se Vossa Alteza houver de dar passada a estes mexericos e não nos fazer cavidar) 1ª carta

<a^a s_i f^ux^a a^al^o □_iz^a a^au^of^ar^o d_i d^aar^o b^ax^aad^a a^a i_ix^ot_ix^o m_ix_ir_ik^uux^o a^a n^an^ux^o f^az_iir^o k^af_iid^aar^o >

b) em orações com quantificadores (todos, muitos...) e certos advérbios (ainda, agora, assim, já...) antecedendo o verbo:

(2) (porque todos os chamam de traidor) 1ª carta

<b^ur^ok_i t^ud^ux^o u^ux^ox^am^au^o d^u t^ar^aad^uur^o>

(3) (assim todos os alarves se vieram a mim) 2ª carta

<a^ax_i t^ul^ux^o a^ar^of_ix^o x_if_iar^au^o a^a m_i>

(4) (e agora **lhe** escrevo que não acho remédio) 5ª carta

<i^ag^uur^a l_ix^ok_ir_if^u k_in^aau^o a^ax^u r_im^aad_iu^u>

(5) (que os que faziam os mexericos ainda agora os fazem) 4ª carta

<k_il^ux^o k_i f^az_ii^au^o a^ux^o m_ix_rk^ux^o a_in^oda a^gra a^ux^ofazai^o>

(6) (e assim o encomendamos a nossos filhos) 6ª carta

<a_i i^ax_i u^u u_in^ok^um_in^od^aam^ux a^a n^uux^u f_il^uux^o>

c) em orações com focalização:

(7) (e a outra metade **lhe** pagam em pancadas) 5ª carta

<a_ii^au^ut^or^a m_ii^at^aad_i l_ib^aag^au^o a_i b^an^ok^aad^ax^o>

d) em orações subordinadas introduzidas por conjunções (que, se, quando):

(8) (porque na hora que **me** davam algumas cartas) 1ª carta

<b^ur^ok_i n^au^uar^a k_im_id^af^au^o a^al^og^uuu^ax^o k^ar^o□^ax^o>

(9) (e quando **me** vinha com eles) 2ª carta

<a^a k^an^od^u m_if_in^a k^ui^ol_ix^o>

Sempre ocorre ênclise:

a) em orações em que o verbo inicia a frase:

(10) (matai-nos Sidi Ialh ia)¹⁵² 4ª carta

<m^at^ai^on^ux^o s_id_i i^alh^o i^a>

b) em orações com elementos topicalizados, sempre que não houver um dos elementos "proclisadores" listados acima.

¹⁵² Como já apontamos, os textos não estavam divididos em parágrafos e nem pontuados, assim, o que se considera como **inicial** corresponde à nossa interpretação.

(11) (e alguns mouros que não consentem em ser cativos matam-nos) 1ª carta

<a_i i^lg^uux^o m^ur^x k^an^au^o k^ux^ti^o a^a x_r k^at_iif^uux^o m^an^ux^o>

Nos demais casos, quando não há existência de elementos que condicionem a próclise ou a ênclise, há variação livre na colocação do pronome, dentro de um mesmo contexto. No que se refere ao século XVI, Martins só constatou em seu "corpus" casos de próclise. Embora na aljama esta posição seja majoritária, ainda podemos constatar alguns casos de variação livre:

(12) (e me fui logo aconselhar com o capitão) 2ª carta

<a^a m_ifⁱ l^ug^u a^ak^ux_il^aar^o k^uk^ab_it^aau^o>

(13) (e disseram-me que eles eram perdidos) 2ª carta

<a^a d_ix^aar^am_i k_il_x a^ar^au^o b_rd_id^ux^o>

(14) (Vossa Alteza me escreveu que eu lhe mandasse novas do rei de Fez) 5ª carta

<f^ux^a a^al^od_iz^a m_ix^ok_ir^of_iu^o k_ii^au^o l_im^an^od^ax_i n^uuf^ax^o d^u r^ai^o d_i f^ax^o>

(15) (terei em mercê a Vossa Alteza lembrar-se de mim na justiça) 4ª carta

<t_ir^ai^o i_i m_irs_i a^a f^ux^a a^al^o□j_iz^a a^al_im^ob^ar^aar^ox_i d_i m_i n^aj^uxt_s^a>

Os exemplos (12) e (13) mostram variação num ambiente em que há a copulativa e e o sujeito é elidido; os exemplos (14) e (15) apresentam exemplos de variação com o sintagma nominal sujeito.

Como pudemos constatar, todas as afirmações de Martins (1994) foram comprovadas com os dados do *corpus* deste trabalho. Contudo, no estudo de Martins (ibid.), essas observações podem ser identificadas nos textos dos séculos XIII e XIV, uma vez que, a partir do século XV, a autora verificou uma propensão à próclise, independente da existência de fator que condicionasse a sua ocorrência. No século XV, a posposição é pouco freqüente e praticamente restrita às situações em que o verbo é inicial, e, no século XVI, a anteposição é exclusiva, ocorrendo em 100% dos dados.

Embora a anteposição seja categórica nas orações não-dependentes no *corpus* pesquisado por Martins (1994), há sempre posposição quando o verbo é inicial de frase: "Têm particular relevância os exemplos dos séculos XV e XVI. Como veremos a seguir, em orações não-dependentes ("neutras") a posposição dos clíticos torna-se muito pouco freqüente no século XV; no entanto, há sempre posposição quando o verbo é inicial. O panorama é ainda mais radical no século XVI, pois a posposição não se atesta senão em frases com verbo inicial."

(16) sseguese a veedoria (NO, 1509)

(17) ve~deolhe hu~a terra de pão cõ terra de mato (Lx, 1532)

Martins considera iniciais os verbos que estejam na primeira posição da frase:

(18) (matai-nos Sidi Ialh ia) 4ª carta

< m^ataiⁿo^s s_iid_i i^alh^o i^a>

Estar precedido da copulativa *e* ou iniciar a oração, mas não a frase, já é o suficiente para que o clítico se anteponha ao verbo:

(19) (e me tornei para o campo) 2ª carta

< a^a mⁱt^ur^on^ai^o b^aa u^u k^am^ob^u>

(20) (e cuidando eu como havia de fazer de mim, me mandou dizer Salomão) 1ª carta

< a^a k^ui^od^an^od^u a^au^o k^um^u a^afⁱa^a d_i f^azⁱr^o d_i mⁱ m_im^an^od^uu^o d_iz_ir^o s^ul^ai^om^an^o>

5.2.1.2 O estudo sobre a posição dos clíticos em Pagotto (1992)

Pagotto (1992), com o objetivo de acompanhar o percurso diacrônico da posição ocupada pelos clíticos pronominais até o português falado do Brasil, e, ainda, com o de avaliar as implicações destas mudanças nas mudanças havidas na estrutura da sentença, trabalhou com textos escritos divididos em períodos de cinquenta anos, cobrindo o período que vai do século XVI ao XX. Para retratar a primeira metade do século XVI (serão apenas considerados os dados de sua pesquisa que se referem a este período por ser o mesmo analisado neste trabalho), utilizou os seguintes documentos:

a) *Annaes de Elrei Dom João Terceiro*.

b) *Peregrinação* – Fernão Mendes Pinto.

c) *Crestomatia Arcaica* – fragmentos do Sacramento do *Ho Flos Sanctorum em lingoagem portugues*.

Para descrever o processo de mudança, o autor utilizou a metodologia laboviana de codificação e processamento de dados. Das quatro variáveis independentes que ele estudou, observaremos apenas a primeira: a posição do clítico em sentenças com um único verbo. Essa variável abarca como variante a próclise e a ênclise em sentenças raiz com tempo finito, excluindo os casos em que o verbo esteja precedido de algum elemento que condicione a próclise.

Seu resultado para o período aponta 27% de casos de ênclise, diferente de Martins (1994), que não observou em seus dados nenhum caso:

Não deverá, no entanto, concluir-se que a próclise se generalizou no século XVI, no contexto relevante, tendo-se assim perdido a possibilidade de oscilação entre anteposição e posposição dos clíticos. Com efeito, no capítulo 3, apresento dados, retirados de textos literários do século XVI, que mostram que a variação livre entre próclise e ênclise continua a ser possível (Martins, 1994)

Seguem, abaixo, alguns resultados e observações sobre os grupos de fatores analisados em Pagotto (1992), relevantes para o trabalho em questão:

a) a posição do clítico e a natureza do sujeito.

Foram controlados os seguintes tipos de sujeito: pronominal, elidido, sintagma nominal, formas de tratamento, sentencial e demonstrativos. Os que se mostraram mais significativos foram os três primeiros.

Pronominal	SN	Elidido
0/5	3/16	7/26
0%	18%	25%

Tabela 20 - Frequência de ênclise por tipo de sujeito na primeira metade do século XVI.

Nesse período, no *corpus* analisado, não havia qualquer caso de ênclise com sujeito pronominal e nos outros dois tipos de sujeito a próclise é muito produtiva, embora nos casos em que o sujeito está elidido haja um pouco mais de ênclise. Pagotto (1992) observa que "Por trás destes resultados deve se esconder a possibilidade de o verbo ser ou não o primeiro elemento da sentença."

b) a posição do verbo na sentença.

O autor trabalhou com a possibilidade de o verbo iniciar ou não a sentença, utilizando os fatores:

- a) (s)V b) V S c) ... (s) V d) ... V S
 e) S V f) X (s) V g) X V S

onde (s) significa sujeito elidido; *V*, verbo; *S*, sujeito; ... sentença adverbial ou gerundiva que integra o período e *X*, material lexical, argumental ou não. Obteve os seguintes resultados para o período de XVI – XVIII (aqui o autor reuniu os três séculos):

(s) V	V S	... (s) V	... V S	S V	X (s) V	X V S
10/11	6/8	4/31	2/6	3/74	11/124	4/48
91%	75%	13%	33%	4%	9%	8%

Tabela 21 -Frequência de ênclise por estrutura básica da sentença, no período de XVI-XVIII

A próclise é majoritária em quase todos os tipos de estrutura, exceto naquelas em que o verbo inicia o período, onde a ênclise predomina, por não haver elemento algum que pudesse servir de "atrator", mesmo assim, nos dois tipos de estrutura que favorecem a ênclise, sujeito elidido e verbo seguido do sujeito, foram encontrados três pronomes em início absoluto.

c) o tipo de clítico

Nesta parte, Pagotto analisa o próprio clítico como elemento condicionador da ordem. Segue, abaixo, a tabela com os resultados, levando em consideração os casos de ênclise:

me	te	se	o	lhe	nos
0/7	1/1	2/16	5/14	2/12	1/10
0%	100%	12%	36%	17%	10%

Tabela 22 - Frequência de ênclise em função do "tipo de clítico"

Os pronomes *me* e *o* apresentam tendências opostas: o primeiro favorecendo mais a próclise, e o segundo, a ênclise. O pronome *te* apresentou uma frequência muito baixa.

d) o tipo de sentença

Aqui se consideraram os fatores:

a) sentença raiz

(21) "Nós todos lhe queremos bem."

b) principal

(22) "Querida tia, mamãe manda lhe dizer que o Jubileu está muito próximo."

c) coordenada sindética

(23) " Eu vivo em função dos meus filhos e imagino-os ainda pequeninos."

d) adverbial coordenada

(24) "... e trespassava o domínio, que na fazenda tinha ao dito Mosteiro Benedictino para que o possuua como coiza sua propria paga com o seo dinheiro e a possa vender, querendo."

e) encaixada sem cabeça

(25) "... e porq. acarestia que hoje tem esa terra he tudo limitado. me pedia lhe mandace acrecentar o do. ordenado ao menos ate 300rs"

f) encaixada coordenada

(26) "... e prometeu dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado."

g) optativa

(27) "Deus a abençoe com a M."

raiz	princ.	coord.	ad.coord	enc. s/cab	enc.coord	optativa
1/7	1/7	8/42	0/1	0/2	0/0	0/0
14%	14%	19%	0%	0%	0%	0%

Tabela 23 - Frequência de ênclise em função do "tipo de sentença"

No período analisado, o percentual de ênclise é maior nas orações coordenadas que em sentença raiz e principal. Nos demais tipos não houve nenhum caso de ênclise.

Pagotto (1992) conclui essa parte do trabalho dizendo que, nesse período, o português apresentava uma forte tendência à próclise, parecendo bastante com a situação do PB atual e que, pelo que pôde perceber, a posição do verbo na sentença "é o que mais fortemente condiciona a posição dos clíticos, quando se trata de verbos únicos em sentenças finitas. De fato, a tendência à próclise no período que vai do século XVI ao século XVIII é somente refreada pelo fato de o verbo começar ou não a sentença." (PAGOTTO, 1992).

5.3 O ESTUDO SOBRE A POSIÇÃO DOS CLÍTICOS NOS TEXTOS EM ALJAMIA

A análise que se apresenta a seguir conta com um total de 225 ocorrências de pronomes átonos, encontradas em sete dos oito textos em aljamia (O último documento, *Juramento do Turco quando comete alguma grande coisa*, não apresenta nenhum pronome oblíquo átono). As variantes estudadas são as seguintes:

a) Próclise:

(28) (e tudo **me** saiu ao revés do que eu cuidava) 1ª carta

<a^a t^uud^u mⁱx^ai^a7a^au^oa a^au^u rⁱf^aax^o d^u kⁱ a^au^o k^ui^od^aaf^a>

b) Ênclise:

(29) (e alvoroçou-**se** a gente) 1ª carta

<i^al^or^ra^sa^os^a a^a jⁱn^otⁱ>

c) Mesóclise:

(30) (e ir-me-ei aconselhar com o capitão) 2ª carta

<a_i a_ir[∅] m^aa_i∅ a^ak^ux_il^aa_r∅ k^uk^ab_it^aau[∅]>

Próclise	Ênclise	Mesóclise	TOTAL
186	36	3	225
83%	16%	1%	100%

Tabela 24 - Distribuição das variantes relativa à ordem dos clíticos pronominais

Os resultados gerais confirmam a hipótese inicial de que, no início da fase moderna, houvesse uma preferência pela próclise. O fator mesóclise foi desconsiderado nas rodadas do programa por apresentar um número muito pequeno de ocorrências, apenas três, que serão analisadas no final desta seção. Isso, contudo, não altera significativamente o percentual de anteposição *versus* posposição dos clíticos (tab. 6) nos resultados gerais (*input* de variação).

5.3.1 Variáveis lingüísticas

As variáveis lingüísticas analisadas são apresentadas, a seguir, acompanhadas dos fatores:

(a) *Tipo de oração*

Foram consideradas, neste grupo, as orações

» independentes (reunindo as orações principais, coordenadas assindéticas e absolutas):

(31) (vosso servo Ialh ia Ta'afuft vos faz a saber) 2ª carta

<ɽ^ux^u x^ar[∅] ɽ^u i^alh[∅] i^a t^aʔ^aɽ^uf[∅]t[∅] ɽ^ux[∅] f^ax[∅] a^a x^abⁱr[∅]>

» coordenadas sindéticas:

(32) (e deita-nos nas almotovias e nos poços) 2ª carta

<a^a d^ai^ta[∅] n^ux[∅] n^ax[∅] a^l∅ m^ut^ufⁱx[∅] a^a n^ux[∅] b^uus^ux[∅]>

» subordinadas desenvolvidas:

(33) (e que dizia que eu lhe desse meu filho) 4ª carta

<a_i k_i d_iz_iʔ^a k_il^{a7a}u[∅] l_id^ax_i m^{a7a}u[∅] f_il^u>

» subordinadas reduzidas (seja de gerúndio ou de infinitivo):

(34) (porque chamando-**me** traidor não faz a vosso serviço) 1ª carta

<b^ur^ok_i x^am^ad^um_i t^ra^dr^o n^af^z a^a f^ux^u x_ir^of_is^u>

A hipótese a ser observada é a de que em construções com orações subordinadas haja um ambiente favorável à ocorrência de próclise, e as demais orações, mesmo sem os "atratores" considerados convencionais hoje pela Gramática Tradicional, apresentem alguma variação, uma vez que o fator aparentemente relevante no período em questão seria a presença de algum elemento antes do verbo.

A análise da regra variável do grupo de fatores *tipo de oração*, tomando como valor de aplicação a ênclise, selecionou como relevantes, os seguintes condicionamentos:

	Frequência	Percentual
Oração "independente"	7/40	17%
Or. coord. sindética	20/59	33%
Or. sub. desenvolvida	0/89	0%
Or. sub. red.	9/34	26%

Tabela 25 - Percentual de ênclise quanto ao "tipo de oração"

O resultado "nenhum caso de ênclise em orações subordinadas" confirma a nossa hipótese, e está de acordo com os resultados de Pagotto (1992) e a regra enunciada por Martins (1994, p. ?) "Nas orações subordinadas finitas, os pronomes pessoais átonos ocorrem em posição pré-verbal, em todas as épocas, independentemente do tipo de oração subordinada".

Os resultados para as orações independentes e coordenadas sindéticas também coincidem com os de Pagotto, apresentando um percentual baixo de ênclise nas primeiras e, uma elevação dos casos nas segundas, confirmando a tendência para a próclise da época, independente do tipo de oração em que se encontra o pronome. Basta que o verbo não seja início absoluto de frase para que o pronome se anteponha a ele:

(35) (senhor, o dia que de Portugal parti, **me** encomendaste a paz) 1ª carta

<x_in^ur^o u^u d_ia^a k_id_i b^ur^ot^ug^aal^o b^ar^ot_i m_in^ok^um_in^od^ax^ot_ix^o a^a b^aaz^o>

(b) *Tipo de "atrator"*

Estabeleceram-se os seguintes fatores para a variável:

» sintagma nominal sujeito

(36) (a gente de Safim os viram vir) 1ª carta

<a^a jⁱn^otⁱ d^a s^afⁱ u^ux^o fⁱr^aau^o fⁱr^o>

» pronome sujeito

(37) (eu as mandava ao capitão) 2ª carta

<a^au^o a^aj^om^an^od^af^a a^au^u k^abⁱt^aau^o>

» elementos subordinativos (inclusive o *que* pronome relativo)

(38) (e eu soube que lhe falecia de comer) 4ª carta

<aⁱ i^a7^au^o x^uu^obⁱ kⁱlⁱf^al^si^a dⁱ k^umⁱr^o>

(39) (porque na hora que me davam algumas cartas) 1ª carta

<b^ur^okⁱ n^au^uar^a kⁱmⁱd^af^au^o a^al^og^uuu^ax^o k^ar^o□^ax^o>

» preposições

(40) (e armaram-se todos para se defenderem de mim) 1ª carta

<aⁱ i^ar^om^ar^an^ox^a t^ud^ux^o bⁱr^a xⁱdⁱfⁱn^odⁱr^ai^o dⁱ mⁱ>

» elementos coordenativos

(41) (diziam que eu vinha tomar a Safim e difamaram-me por traidor) 1ª carta

<dⁱzⁱ7^au^o kⁱi^a7^au^o fⁱn^a t^um^aar^o a^a s^afⁱ a^a dⁱf^am^aar^amⁱ b^uur^o t^aad^uur^o>

» advérbios

(42) (e eu não me irei do campo de Safim) 1ª carta

<aⁱ i^a7^au^o n^amⁱr^aai^o d^u k^an^ob^u d^a s^afⁱ>

» locuções adverbiais

(43) (naquela mesma hora as mandava ao Capitão) 1ª carta

<n^ak^aal^a m^jj^om^a u^uur^a a^aj^om^an^od^af^a a^au^u k^abⁱt^aau^o>

» palavras denotativas¹⁵³

(44) (e **também**, senhor, **vos** faço a saber) 2ª carta

<a^a □^ab^ai^o xⁱn^uur^o f^ux^o f^su^u a^a x^aabⁱir^o>

» elementos topicalizados

(45) (e **isto me** levantaram com grande inveja e cobiça) 1ª carta

<a_i i_x^ot^u m^al^afⁿ□^ar^u k^un^o g^arⁿo^di a_n^o f^aaj^a a^a k^ubⁱs^a>

» também foram codificadas sentenças sem nenhum desses elementos, por serem iniciais de oração, embora nem sempre o fossem de sentença

(46) (peço a Vossa Alteza que me faça justiça, **me** mande dizer o que hei de fazer de mim e dos meus)

1ª carta

<b^as^u a^a f^ux^a a^l□ⁱz^a k_im_i f^sa^a j^ux^ot_is^a m_im^an^od_i d_iz_ir^o a^u k_i a^ai^o d_i f^az_ir^o d_i m_i a^a d^ux^o
m^ar^au^ux^o>

(47) (e depois que Vossa Alteza para cá escreveu, fazem-**no** mais secretamente) 1ª carta

<a^a d_ib^ui^ox^o k_if^ux^a a^l□ⁱz^a b^ar^k^a a_ix^ok_ir_if_ii^au^o f^az_in^u m^aai_ix^o x_ik^or^a□^am_in^ot_i>

Ficou estabelecido, como em Vieira (2002), que, nos casos em que aparecerem dois possíveis "atratores", sendo um tradicionalmente estabelecido e o outro não, será levado em consideração o elemento tradicional; nos casos em que figurarem dois "atratores" tradicionais ou dois não tradicionais, será considerado o elemento que estiver mais próximo do pronome átono.

A tabela abaixo apresenta os resultados, tomando como referência os casos de ênclise:

sn sujeito	pron. suj.	elem. subord.	elem. coord.	prep.	adv.	loc. adv.	pal. denot.	elem. topic.	sem "atrator"
2/11	0/8	0/80	20/47	0/22	0/20	0/5	0/4	2/4	13/21
18%	0%	0%	42%	0%	0%	0%	0%	50%	61%

Tabela 26 - Percentual de ênclise quanto ao "tipo de atrator"

A primeira rodada do programa Goldvarb demonstrou que no corpus analisado as orações com os "atratores" pronome sujeito, elementos subordinativos, preposição, locuções

¹⁵³ Cunha (1982, p. 508) define denotativas como sendo palavras que não se enquadram em nenhuma das classes gramaticais tradicionais e recebem classificação à parte. Elas podem denotar inclusão (também, mesmo, até...), exclusão (apenas, menos, salvo, somente...), designação (eis), realce (lá, é que, cá, só...), retificação (aliás, isto é, ou antes...), explicação (por exemplo, isto é, a saber...) e situação (afinal, agora, então, com efeito, mas...).

adverbiais, advérbios e palavras denotativas apresentam próclise categórica, isto é, ocorre em 100% dos casos.

Pagotto (1992) não incluiu em suas análises com lexias verbais simples os elementos subordinadores, advérbios de negação e quantificadores porque se incluem entre os elementos que "forçam" (ênfase no original) a próclise. Também Martins (1994, p. ?) lista estes elementos como "proclisadores". Os resultados com os dados da aljamia também estão próximos aos trabalhos anteriores, corroborando a tese de que qualquer elemento existente antes do verbo poderia "atrair" o pronome, ficando a variação mais evidente voltada para os casos em que a palavra fosse elemento coordenativo (42% de ênclise).

Nos casos das orações iniciais, sendo em início absoluto de sentença, o usado seria a ênclise; já em casos de orações não iniciais de frase ou período, mesmo sem nenhum elemento "atrator", haveria variação. Isto justifica o resultado de 61% de ênclise em orações sem atrator, pois a mesma poderia não tê-lo, mas não ser início absoluto:

(48) (matá-nos Sidi Ialh̄ ia) 4ª carta

<m^atⁱ∅n^ux[∅] sⁱdⁱ i^alh̄ ∅i^aa>

(49) (e cuidando eu como havia de fazer de mim, **me** mandou dizer Salomão) 1ª carta

<a^a k^ui[∅]d^an[∅]d^u a^au[∅] k^um^u a^afⁱa^a d_i f^azⁱr[∅] d_i m_i m_im^an[∅]d^uu[∅] d_izⁱr[∅] s^ulⁱ∅m^aan[∅]>

Apesar de marginal, nessa época, a anteposição do clítico em frase não-dependente em início absoluto, o *corpus* da aljamia apresenta uma construção deste tipo:

(50) (E quando me vinha com eles, diziam alguns dos alarves, que vínhamos correr a #Abda, e outros diziam que eu ia dar aos xeques lanças que mandara o rei, Nosso Senhor, e queriam vir conosco para lhe darmos das lanças em causa; e que lhe diziam os xeques que eles vinham aconselhar-se com o Capitão. **Nos** acompanharam trinta ou quarenta de cavalo, e quando os mexeriqueiros que foram sempre contra mim, viram estes e mais de cavalo comigo em Safim, foi Mail e Rabi Abrão e os seus amigos dizerem ao Capitão...) 2ª carta

<a^a k^an[∅]d^u m_if_in^a k^uu_il_ix[∅] d_iz_ia^au[∅] a^al[∅]g^uux[∅] d^ux[∅] a^al[∅]r[∅]f_ix[∅] k_if_in^am^ux[∅] k^ur_ir[∅] a^a ∅^ab[∅]d^a a_i i^ut[∅]r^ux[∅]

d_iz_iia^au[∅] k_i^au[∅] a_ii^a d^aar[∅] a^au^ux^aak_ix[∅] l^an[∅]s^as[∅] k_im^an[∅]d^aa^a a_il[∅]r^ai[∅] n^uux^u x_nu^ur[∅] a^a k_ik_ri_ii^au[∅] f_ir[∅]

k^un^us[∅]k^u b_ir^a l_id_ar[∅]m^ux[∅] d^ax[∅] l^an[∅]s^as[∅]x[∅] a_in[∅]k^aū[∅]j^a a^a k_il_di_zi^au[∅] a^ux^aak_ix[∅] k_il_ix[∅] f_in^au[∅] a^ak^ux_il^ar[∅]x_i

k^uk^aab_it^aau[∅] n^ux[∅] a^ak^ub^an^ar^au[∅] θ_ir_in[∅]t^a a^au[∅] k^ur_in[∅]t^a d_i k^af^al^u a^a k^an[∅]d^u a^ux[∅] m_ix_il_kaⁱ∅r^ux[∅] k_if^uur^au[∅]

x_im⁰b_ir_i k^un⁰t^ra^a m_i f_ir^au⁰ a_ix⁰t_ix⁰ a_i m^ai_ix⁰ d_i k^af^aal^u k^um_ig^u a_in⁰ s^aaf_i f^ui⁰ m^ai_il⁰ a^a r^ab_ii a^ab⁰r^aau⁰
i^ux^{a7a}u^ux⁰ a^am_ig^ux⁰ d_iz_ir^aai⁰ a^au^u k^ab_it^aau⁰>

Essa construção atípica para a época, no texto aljamiado, pode revelar uma maior proximidade sua ao uso real de então, uma vez que talvez o autor se afaste de determinadas tradições discursivas da escrita portuguesa. Evidente que a própria indicação de início de sentença é uma interpretação variada na seqüência de informações.

Por fim, cabe observar que foi considerado, neste trabalho, elemento topicalizado qualquer complemento verbal que estivesse em posição pré-verbal, mas tais construções encontradas no *corpus* são analisadas por Martins (1994) como sendo casos de:

a) Deslocação à Esquerda Clítica (DEC) – que é quando "o pronome repete um complemento já expresso anteriormente" (Ogando, 1980, apud Martins):

(51) ("...e alguns mouros que não consentem em ser cativos matam-nos...") 1^a carta
<a_i i^al⁰g^uux⁰ m^uu⁰r^ux⁰ k^an^au⁰ k^ux^{a4a}i⁰ a^a x_ir⁰ k^at_iif^uux⁰ m^a□^an^ux⁰>

(52) ("e achei que me vinha maior guerra de Safim que dos alarves, pois todos os principais dos alarves que entram em Safim, chamam-nos os mexeriqueiros") 4^a carta
<a_i i^ax^ai⁰ k_im_if_in^a m^ai^uur⁰ g^aar^a d^a s^af_ii k_id^ux^al^r⁰f_ix⁰ b^ui_x⁰ t^ud^ul^ux⁰ b_ir_in⁰s_ib^aai_ix⁰ d^ux^a a^al^r⁰f_ix⁰
k_ii^an⁰t^ra^au⁰ a_i s^af_ii x^am^an^ux⁰ a^ux⁰ m_ix_ir_ik^aai⁰r^ux⁰>

Nesses casos, o pronome que repete o complemento anteposto vem em posição enclítica, se não houver na oração nenhum elemento que force a próclise.

b) Focalização - o complemento está anteposto ao verbo, mas o pronome não o repete no interior da oração, estando a sua posição vazia:

(53) (e isto me levantaram com grande inveja e cobiça) 1^a carta
<a_i i_ix⁰t^u m^al^afⁿ□^ar^au⁰ k^un⁰ g^arⁿ⁰d_i a_in⁰ f^aaj^a a^a k^ub_is^a>

(54) (e a outra metade lhe pagam em pancadas) 5^a carta
<a_i i^au^ut⁰r^a m_ii^at^aad_i l_ib^aag^au⁰ a_i b^an⁰k^aad^ax⁰>

Aqui, a posição do clítico deverá ser pré-verbal.

(c) *Tipo de pronome*

Os pronomes codificados separadamente são os seguintes:

» me

(55) (e quando **me** vinha com eles) 2ª carta

<a^a k^an^od^u mⁱfⁱn^a kⁱi^olⁱx^o>

» se (reflexivo/inerente ou apassivador)

(56) (terei em mercê a Vossa Alteza lembrar-se de mim na justiça) 4ª carta

<tⁱr^ai^o iⁱ mⁱrsⁱ a^a f^ux^a a^al^oiz^a a^alⁱm^ob^ra^ro^oxⁱ dⁱ mⁱ n^aj^uxt^sa^a>

» o (incluindo as formas a, -lo, -la, -no e -na)

(57) (eu, com estes que tenho, **os** farei voltar por força) 5ª carta

<a^au^o k^ui^xo^otⁱx^o kⁱtⁱn^u a^ux^o f^ri^o t^ro^on^aar^o b^ro^o f^ro^sa^a>

(58) (assim como sempre fez por não achar quem **lo** defenda) 5ª carta

<a^axⁱ k^um^u xⁱm^obⁱrⁱ fⁱz^o b^ro^o n^au^o a^ax^ao^o k^ai^o l^udⁱfⁱn^od^a>

(59) (e depois que Vossa Alteza para cá escreveu, fazem-**no** mais secretamente) 1ª carta

<a^a dⁱb^ui^ox^o kⁱf^ux^a a^al^oiz^a b^ra^ka^a aⁱx^okⁱrⁱfⁱ?a^o f^azⁱn^u m^aai^xo^o xⁱk^or^ao^omⁱn^otⁱ>

» lhe

(60) (e agora **lhe** escrevo que não acho remédio) 5ª carta

<i^ag^uur^a lⁱx^okⁱrⁱf^u kⁱn^aau^o a^ax^u rⁱm^aadⁱu^u>

» nos

(61) (pois esta perda **nos** veio por vosso serviço) 6ª carta

<a^a b^ui^ox^o a^as^ot^a b^aar^od^a n^ux^o fⁱi^u b^uur^o f^ux^u xⁱr^ofⁱs^u>

» vos

(62) (Senhor Dom Nuno, vosso servo Ialñ ia Ta#afuft **vos** faz a saber) 2ª carta

<xⁱn^ur^o d^un^o n^un^u f^ux^u x^ro^of^u i^ho^oi^a t^af^uf^ut^o f^ux^o f^az^o a^a x^abⁱr^o>

Não há, no *corpus*, *se* indeterminador, e talvez por ser ele composto de cartas, material em que se evidencia maior foco no autor, o pronome *me* ocorre com muita frequência; a formalidade das cartas explica a produtividade do pronome *vos* e a ausência do *te*.

A hipótese a ser observada é a de que os pronomes de 1ª e 2ª pessoas ocupariam de forma expressiva a posição pré-verbal, por serem os que se referem aos participantes da conversação, deixando-os em relevo pelo processo de focalização.

me	o	lhe	nos	Se (reflexivo / inerente)	Se (apassivad or)	vos
9/77	11/45	4/46	5/17	4/21	1/8	0/8
11%	24%	13%	29%	17%	12%	0%

Tabela 27 - Percentual de ênclise quanto ao “tipo de pronome”

Os resultados comprovam a tendência à próclise da época, em todos os tipos de pronome. De acordo com a hipótese inicial, o pronome *vos* não apresentou nenhum dado de ênclise, e o pronome *me*, o mais baixo valor da mesma, porém o pronome *nos* mostrou um comportamento diferente do esperado, sendo dentre os pronomes o de mais alto valor de ênclise, o que pode estar ligado a outros fatores, como a posição do verbo na sentença.

(d) *Tempo/modo verbal*

As formas verbais consideradas neste grupo de fatores foram as seguintes:

» presente do indicativo

(63) (e isto, senhor, **se** passa em algumas casas dos vossos oficiais) 1ª carta

<a^a i_ix[∅]t^u x_in^uur[∅] x_ib^aax^a a_i i^al[∅]g^uuu^ax[∅] k^aaj^ax[∅] d^ux[∅] f^uux^uux[∅] a^ufⁱsⁱi^aai_ix[∅]>

» pretérito perfeito do indicativo

(64) (e isto **me** levantaram com grande inveja e cobiça) 1ª carta

<a_i i_ix[∅]t^u m^al^afⁿ[∅]□^ar^u[∅] k^un[∅] g^ar^an[∅]d_i a_in[∅] f^aaj^a a^a k^ub_is^a>

» pretérito imperfeito do indicativo

(65) (e quando **me** vinha com eles) 2ª carta

<a^a k^an[∅]d^u m_if_in^a k^ui[∅]l_ix[∅]>

» pretérito mais-que-perfeito do indicativo

(66) (não **me** prendera o meu homem) 3ª carta

<n^am_i b_ir_in[∅]d_ir^a a^u m^au[∅] a^um^ai[∅]>

» futuro do presente do indicativo

(67) (eu, com estes que tenho, **os** farei voltar por força) 5ª carta

<a^au[∅] k^uu_ix[∅]t_ix[∅] k_it_n^u a^ux[∅] f_ir_i[∅] t_ir[∅]n^aar[∅] b_ur[∅] f_ir[∅]s^a>

» futuro do pretérito do indicativo

(68) (e que ele se tornaria para Fez) 4ª carta

<a^a k_i i a_i l_i i x_i t^u r^o n^a r_i i^a k^u x^a u x^o b_i r^a f^a x^o>

» presente do subjuntivo

(69) (assim como sempre fez por não achar quem lo defenda) 5ª carta

<a^a x_i k^u m^u x_i m^o b_i r_i f_i z^o b^u r^o n^a u^o a^a x^a r^o k^a i^o l^u d_i f_i n^o d^a>

» imperfeito do subjuntivo

(70) (eu as mandava ao capitão) 2ª carta

<a^a u^o a^a j^o m^a n^o d^a a f^a a^a u^u k^a b_i t^a a u^o b_i r^a k_i i^a j^o l_i x_i i>

» imperativo

(71) (matai-nos Sidi Ialh^h ia) 4ª carta

<m^a t^a i^o n^u x^o s_i d_i i^a h^o i^a>

» infinitivo

(72) <t_i r^a i^o i_i m_i r_s i_i a^a f^u x^a a^a l^o i^z a^a l_i m^o b^a r^a a r^o x_i d_i m_i n^a j^u x^t s^a> (terei em mercê a Vossa Alteza alembra-se de mim na justiça) 4ª carta

» gerúndio

(73) (porque chamando-me traidor não faz a vosso serviço) 1ª carta

<b^u r^o k_i x^a m^a d^u m_i t^r a d^u r^o n^a f^a z^o a^a f^u x^u x_i r^o f_i s^u>

A hipótese investigada nesta variável é a de que o subjuntivo, por ser um modo que mais ocorre nas orações subordinadas, favoreceria a próclise, enquanto que os tempos do indicativo não seriam tão categóricos quanto ao uso seu uso. Em relação às demais formas verbais, a hipótese é a de que as formas nominais e o imperativo condicionem a ênclise.

pres. do ind.	10/49	20%
perf. do ind.	11/67	16%
imperf. do ind.	0/16	0%
mais-que-perf.	0/4	0%
fut do pres.	0/5	0%
fut. do pret.	0/4	0%
pres. do subj.	0/13	0%
fut. do subj.	0/2	0%
infinitivo	8/35	22%
gerúndio	3/4	75%
imperativo	4/8	50%

Tabela 28 - Percentual de ênclise quanto ao "tempo/modo verbal"

Confirmando a hipótese inicial, a próclise foi categórica em todos os tempos do subjuntivo; no indicativo, apenas no presente e no pretérito perfeito houve alguma variação.

Quanto ao gerúndio, "Em orações subordinadas gerundivas afirmativas, não introduzidas por preposição, a ênclise é obrigatória em todas as épocas (...) No português dos séculos XIII a XVI, é esta a única estrutura em que não é permitida a anteposição do clítico ao verbo" (Martins, 1994), e o único caso de gerúndio em que não se verificou a ênclise apresenta um advérbio de negação, elemento que "força" a próclise:

(74) (Vossa Alteza mandar-me alibar de tanto mal e desonra não-**no** merecendo meus serviços) 4ª carta

<f^ux^a a^l∅ □;iz^a m^an[∅]d^ar[∅]m_i; a^li;b^aã^r∅ d_i □^aan[∅]t^u m^aal[∅] a^a d_ij^un[∅]ra^a n^anu m_ir_is_in[∅]d^u m^aau^ux[∅]
x_ir[∅]f_is^ux[∅]>

A variação que se observa nas orações de caráter imperativo é apenas aparente, uma vez que, ao serem observadas no *corpus*, percebe-se uma sistematização. Quando o verbo está no modo imperativo, a ênclise é categórica como pode ser visto nos exemplos abaixo:

(75) (**mande-me** Vossa Alteza licença para que embarque para Portugal) 1ª carta

<m^an[∅]d_im_i; f^ux^a a^l∅ □;iz^a l_is_in[∅]s^a b_ir^a k_i a_ib^ar[∅]k_i b_ir^a b^ur[∅]t^ug^al[∅]>

(76) (e **mandai-me** onde queres que me vá) 1ª carta

<a m^an[∅]d^ai[∅]m_i a^un[∅]d_i k_ir_ix[∅] k_im_if^aa>

(77) (**matai-nos** Sidi Ialh^h ia) 4ª carta

<m^at^ai[∅]n^ux[∅] s_id_i i^alh^h ∅i^aa>

(78) (e **pede-nos** tudo que quiserdes) 4ª carta

<a^a b_id_in^ux[∅] t^uud^u k_ik_ij^aar[∅]d_ix[∅]>

(79) (ou **nos testemunhem** como quis fazer traição aos cristãos) 4ª carta

<a^au[∅] n^ux[∅] t_ix[∅]t_im^un^aai_i k^um^u k_ix[∅] f^az_ir[∅] t^ar^ai[∅]s^aau[∅] a^au^ux[∅]k_ir_ix[∅]t^aau^ux[∅]>

A próclise em (77) é justificada porque "Em estruturas disjuntivas em que ou introduz apenas o segundo membro, o clítico antepunha-se ou pospunha-se ao verbo(...) Ou seja, registava-se variação livre na colocação dos clíticos, tal como acontecia nas demais orações coordenadas" (Martins, 1994).

Nos demais casos do *corpus*, a oração semanticamente imperativa é formada por orações com verbos no subjuntivo, e podem ser interpretadas como casos de subordinação, estando, assim, justificada a colocação pré-verbal.

(80) (peço a Vossa Alteza que faça justiça, **me** mande dizer o que hei de fazer de mim e dos meus) 1ª

carta

<b^as^u a^a f^ux^a a^l∅ □_iiz^a k_im_i f^as^a j^ux[∅]t_is^a m_im^an[∅]d_i d_iz_ir[∅] a^u k_ii a^ai[∅] d_i f^az_ir[∅] d_i m_i a^a d^ux[∅]
m^aa^ux[∅]>

(81) (peço a Vossa Alteza que **me** dê remédio) 4ª carta

<b^as^u a^a f^ux^a a^l∅ □_iiz^a k_im_i d_ir_im^aad_iu>

(82) (pedimos a Vossa Alteza que **nos** mande gente de cavalo e espingardeiros) 6ª carta

<b_id_im^ux[∅] a^a f^ux^a a^l∅ □_iiz^a k_in^ux[∅] m^an[∅]d_i j_in[∅]t_i d_i k^af^al^u a_i i_ix[∅]b_ik^ar[∅]d^ai[∅]r^ux[∅]>

Casos de mesóclise

Segundo Martins (1994) a mesóclise nunca era obrigatória no período dos séculos XIII a XVI: "...este tipo de colocação era opcional em certos contextos e não permitido em outros" (Martins, 1994, p. ?).

Era proibida em contextos que "forçavam" a próclise:

(83) (e eu **não me** irei do campo de Safim) 1ª carta

<a_i i^aa^u∅ n^am_ir^aai[∅] d^u k^an[∅]b^u d^a s^af_i>

(84) (e que ele **se tornaria** com os seus para Fez...) 4ª carta

<a^a k_ii a_il_ii x_it^ur[∅]n^ar_ii^a k^ux^au^ux[∅] b_ir^a f^aas[∅]>

(85) (que eu **lhe mandaria** um grande presente) 4ª carta

<k_ii^aa^au[∅] l_im^an[∅]d^ar_ii^a a^u g^ar^an[∅]d_i b_ir_ijⁿ∅t_i>

Os verbos em início absoluto de oração não poderiam estar precedidos de clítico, estando este no futuro do presente ou do pretérito poderia ocorrer ou a ênclise ou a mesóclise. Nos contextos de variação livre, poderia ocorrer a ênclise, a próclise ou a mesóclise, e na aljama registraram-se apenas os dois últimos casos.

(86) (e **nos leixaria** na nossa terra) 4ª carta

<a^a n^ux[∅] l^ai[∅]x^ar_ii^a n^an^ux^a t^aar^a>

(87) (e **ir-me-ei** aconselhar com o capitão) 2ª carta

<a_i a_ir[∅]m^aai[∅] a^ak^ux_il^aar[∅] k^uk^ab_it^aau[∅]>

(88) (e **dar-vos-emos** quanto quiserdes) 4ª carta

<a^a □^ar[∅]f^aj_im^ux[∅] k^an[∅]t^u k_ij^aar[∅]d_ix[∅]>

(89) (se isto, senhor, vos aprouver, mandar-mas-á por Iussef Adibe) 7ª carta
 <x_i a_x^øt^u x_in^uur^ø f^ux^ø a^ab^ar^au^øf^ar^ø m^an^ød^ar^øm^aj^a b^ur^ø i^us^af^ø a^ad_ib_i>

5.4 CONCLUSÃO

Os resultados encontram-se completamente de acordo com as tendências de colocação encontradas nas pesquisas de Pagotto (1992) e apontadas por Martins (1994), isto é, a próclise é majoritária e em alguns casos exclusiva.

As análises feitas a partir dos textos aljamiados comprovam, assim como nos trabalhos dos autores citados, que a ordem clítico-verbo é categórica em orações subordinadas e diante dos "atratores" pronome sujeito, preposição, advérbio, locução adverbial e palavra denotativa. Existe variação, embora, às vezes, apresentando um índice pequeno de ênclise, em orações independente, coordenada sindética e subordinada reduzida; com sintagma nominal sujeito, com elementos topicalizados, em orações sem nenhum dos "atratores" citados e em orações iniciais, que, sendo início absoluto, favorecerá à ênclise.

Os dados resultantes confirmam que, no período analisado, o que influenciava na questão da colocação do pronome era a posição do verbo, conforme concluíram Martins (1994) e Pagotto (1992), pois a existência de algum elemento antes do mesmo já era suficiente para que o pronome ocupasse a posição proclítica.

Este trabalho demonstra serem os textos aljamiados uma fonte, como as demais de Martins (1994) e Pagotto (1992), para o estudo do português do século XVI. É evidente que

Ao enveredar-se pelos caminhos da construção de um *corpus*, seja ele oral ou escrito, visando fornecer uma *matéria prima* aos estudos lingüísticos, deve-se considerar o contexto de produção para melhor compreender os limites que o produto de enunciados reunido nesse *corpus* impõe às possíveis análises. Em outras palavras, fontes são fontes, não há fontes ruins para investigações em Lingüística Histórica, mas há de saber-se que dados ou inferências elas podem nos oferecer para chegarmos a níveis de análise mais elaborados (BARBOSA, 1999, P. 105-106).

O conhecimento proporcionado pela edição pode ajudar a mostrar que, uma vez bem tratada, a edição revela-o, ao menos, como uma fonte de comparação, sem interferência muito grande do redator talvez muçulmano.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos com este trabalho despertar naqueles que se dedicam ao estudo da língua portuguesa medieval, um *continuum* que avança em parte do século XVI, o interesse nos documentos aljamiados como mais uma fonte de pesquisa, base para confirmar ou até mesmo contradizer hipóteses descritivo-explicativas acerca de questões relacionadas à língua portuguesa. Assim como o fizeram Viana (1973), Lopes (1940) e Teyssier (1974). Tentamos nós fazer isso demonstrando, no capítulo anterior, a utilização dos textos aljamiados como *corpus* para abordar a questão da posição dos clíticos pronominais no século XVI. Vimos que, nos documentos analisados, os resultados mostraram-se coerentes com as tendências de colocação encontradas nas pesquisas de Paggoto (1992) e apontadas por Martins (1994), nas quais nos baseamos, que afirmam ser a próclise, no período, majoritária e em alguns casos exclusiva.

No capítulo 2, sobre a grafiação na aljamia, apresentamos alguns estudos que os autores supracitados fizeram a partir dos textos aljamiados, todos versando sobre questões fonéticas, confirmando com nossa análise das cartas fac-similadas – embora representassem uma amostra relativamente pequena do *corpus* – a validade de suas conclusões.

Nossa decisão, no corpo deste trabalho, para a transcrição dos sons exclusivos do árabe foi trabalhar com os símbolos estabelecidos no alfabeto fonético internacional (1.4.1). Porém, na transliteração das palavras portuguesas dos documentos aljamiados, todas as letras árabes que apresentam sons semelhantes aos nossos foram representadas com letras do nosso alfabeto, para não sobrecarregar esta edição com grafemas pouco usuais, que – por contingência da característica tão peculiar da língua – já contará com a presença de alguns símbolos não muito conhecidos, o que não podemos evitar. Assim, por exemplo, as palavras que estão grafadas, na aljamia, com a letra *šīn* <ش>, que em árabe representa o fonema /ʃ/, está em nossa transliteração <x>, que é um dos símbolos usados, em português, para representar esse som.

Aplicamos, também, a nossa proposta de edição a duas cartas reproduzidas em caracteres árabes por Lopes (1940), por nos parecer, pela análise das duas cartas fac-

similadas, que essa versão mecanográfica dos textos originais manuscritos foi fidedigna e merecedora de ser considerada confiável para nossa proposta de edição. Isso nos vale também porque, como não dispomos, por enquanto, dos originais, já nos adianta parte do que pretendemos, posteriormente, fazer. Até porque, pelo que diz Lopes (1940, p. 07), tempos depois de sua pesquisa, a "Section Historique du Maroc" mandou que se fotografassem os documentos e percebeu-se que quase todos as suas páginas apresentavam, na parte inferior, uma mancha escura que tornava impossível a leitura de algumas linhas, como podemos comprovar através dos fac-símiles que analisamos. Em outras palavras: hoje os originais podem estar quase perdidos.

Pensamos ainda que este trabalho pode ajudar a difundir, também, o interesse pela prática aljamiada, que acreditamos não seja do conhecimento de muitos – e este seria o mérito maior deste trabalho. "É que o texto pode ser afetado por obstáculos à sua compreensão e distanciar-se no tempo, no espaço, na linguagem" (CAFEZEIRO, 1993, p. 150) e, talvez, um desses obstáculos para sua propagação como fonte de pesquisa tenha sido a questão da grafiação, que se utiliza de um código grafemático desconhecido por muitos, tornando a decodificação difícil; dificuldade que esta proposta de edição se dispôs a começar a eliminar, ou pelo menos, a atenuar com a transliteração das cartas que realizamos, que cumpre seu objetivo de disponibilizá-las para pesquisas posteriores de quaisquer ordem lingüística a pessoas que não dominem o sistema grafológico árabe.

Chegamos à conclusão deste trabalho com muitas perguntas trazidas à luz por nossa transliteração das cartas: (a) Supondo-se que os textos *aljamiados*, conforme diz Lopes (1940), sejam cópias da versão portuguesa traduzidas do árabe, e sabendo-se que as palavras grafadas em português, então, não apresentavam muita regularidade na representação de alguns fonemas, como entender a freqüente regularidade da grafiação dos vocábulo que hoje em dia grafam-se com <s> (em posição inicial), <ss>, <c/ç>? (b) Seria, como afirma Lopes (1940), a aljâmia cópia da versão portuguesa? Ou seria o contrário? (c) Outra questão que nos instiga é a da identidade do editor dos textos aljamiados: nas palavras portuguesas em que figura o fonema /t/, este aparece representado pelos grafemas árabes <ظ>, <ط>, <ت>, <ث>, <ظ>, <ط>, <ت>, <ث>. Tamanha abundância para representar um fonema que no português só possui uma letra equivalente é insólito. Isto indica que seria ele um português que não sabia exatamente que grafema árabe utilizar para representar o fonema /t/? Ou um mouro, que, como dizem Vizuite [1911?], Lopes (1940) e outros, muitas vezes confunde os sons dentais?

Essas e outras questões que só podem ser suscitadas a partir de trabalho filológico rigoroso nos textos são apenas alguns aspectos que esperamos averiguar numa investigação futura, acessando os documentos originais, que se encontram arquivados em Lisboa, na Torre do Tombo, para aplicar a nossa proposta de edição a todos os documentos aljamiados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUD, Mussa. **Gramática Árabe**. 1 ed. Madrid: Instituto de Estudios Africanos, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1955.

ALFABETO ÁRABE. Disponível em: <http://gl.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_%C3%A1rabe>
Acesso em: 19 dez. de 2005.

AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. **Iniciação em crítica textual**. Rio de Janeiro: Presença Edições; São Paulo - EDUSP, 1987. (Coleção Atualidade Crítica). 156p.

BAKRI, Chukri el. La aljamia: una cultura sin pretendientes. **L'Opinion-Dimanche**, Rabate, 27 fev. 1994. p. 6.

BARBOSA, A.Gonçalves. **Para uma história do português colonial**: aspectos lingüísticos em cartas de comércio. Rio de Janeiro, 1999. 484 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), Faculdade de Letras - UFRJ, 1999.

BERNAL, Sérgio Valdés. El legado arabe del español en Cuba. In: **Revista de Africa y Medio Oriente**. Havana: Centro de Estudios de Africa y Medio Oriente, 1988. 139p.

BERWANGER, Ana Regina; LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. Santa Maria: UFSM, 1991.

CAFEZEIRO, Edwaldo. Gênese e processo da edição crítica. In: **Estudos universitários de língua e literatura**. Homenagem ao Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

_____. Sobre o nexu em alguns textos do português colonial. In: DUARTE, Maria Eugênia L.; CALLOU, Dinah Maria (Orgs.) **Para a história do Português Brasileiro** – Volume IV: notícias de corpora e outros estudos. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ/FAPERJ.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

CÂMARA JR. J. Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1981. 216p.

CAMILO-ALVES, António. **Os nossos companheiros árabes**. Lisboa: Hugin – Editores Ltda, 1997. 160p.

CANTINEAU, Jean. **Cours de phonétique arabe**. (Édition originale réimprimée). Paris: Librairie C. Klincksieck, 1960. 163p.

CARMELO, José Luís. **A semiose aljamiada e o reverso do século de ouro ibérico**, 1999. Disponível em: <<http://web.ipn.pt/literatura/carmelo.htm>> Acesso em: 08 dez. 2005.

CASTRO, Ivo; DUARTE, L. Fagundes. Duas notas sobre "A Tragédia da Rua das Flores". In: **Boletim de filologia** – Tomo XXVII, fascículos 1-4. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1982. 434 p.

CORRIENTE, F. **Gramática Árabe**. Madrid: Instituto Hispano Árabe de Cultura. Ministerio de Cultura, 1980. 396p.

_____. **Diccionario arabe – español**. Barcelona: Editorial Herder, 1991.

CUNHA, Celso Ferreira da. **Gramática da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Fename, 1982. 665 p.

_____. Conservação e Inovação no Português do Brasil. In: **O Eixo e a Roda**: revista de literatura brasileira - Vol. 5. Volume em homenagem ao Prof. Wilton Cardoso de Souza. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 1986. p. 199-230.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. [São Paulo]: Editora Contexto, 2004.

DUARTE, L. FAGUNDES. **Pequeno dicionário de termos da crítica textual**. Lisboa, 1997. Trabalho não publicado.

FARINHA, António Dias. **Curso de árabe**. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1971. 101p.

_____. **Crónica de Almançor**: Sultão de Marrocos (1578-1603). Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1997. CXVI + 776p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 3. [S.I.] Editora Positivo, 2004. CD-ROM.

GABRIELLI, Francesco. **Os árabes**. Tradução Mário Delgado. Lisboa: Arcádia, 1965.

GIORDANI, Mário Curtis. **A história do mundo árabe medieval**. Petrópolis: Vozes, 1992.

GÓMEZ, Emilio García. **Cinco poetas musulmanes**: Biografias y estudios. Madrid: Espasa-Calpe, S.A., 1959.

HANANIA, Aida Ramezá. **A caligrafia árabe**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 145p.

HAYWOOD, J. A.; NAHMAD, H. M. **A New Arabic Grammar of the Written Language**. London: Lund Humphries, 1965. 687p.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JAROUCHE, Mamede Mustafa. **Livro das mil e uma noites**. Volume I – ramo sírio. São Paulo: Editora Globo, 2005.

JUBRAN, Safa Abou Chahla. **Árabe e português: fonologia contrastiva com aplicação de tecnologias informatizadas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp/CEAR, 2004.

KHALDUN, Ibn. **Os prolegômenos ou filosofia social**. Tomo III. Tradução integral e direta do árabe de Jose Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Editora Comercial Safady Limitada, 1960.

LARRAYA, J. G. & PIMENTEL, A. **Gramática elementar de árabe**. Com uma breve antologia e um pequeno vocabulário. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1966. 157p.

LE BON, Gustave. **A civilização árabe**. Curitiba: Garantia Cultural Ltda, s.d.

LOPES, David. **Textos em aljamia portuguesa: Documentos para a história do domínio português em Safim**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1897. 150 p.

_____. **Textos em aljamia portuguesa: Estudo filológico e histórico**. Nova edição inteiramente refundida. Lisboa: Imprensa Nacional, 1940. 282p.

MARQUILHAS, Rita. **Norma Gráfica Setecentista: do Autógrafo ao Impresso**. Lisboa: INIC (série Lingüística, n. 14), 1991.

_____. **A Faculdade das Letras: Leitura e escrita em Portugal no Séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

MARTINS, Ana Maria. **Clíticos na história do Português**. Lisboa, 1994. Tese. (Doutorado em Lingüística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1994.

MEISAMI, Julie Scott; STARKEY. **Encyclopedia of Arabic Literature**. Volumes I e II. London and New York: Routledge, 1998.

MOLINS, María Jesús Viguera. **El manuscrito aljamiado de Urrea de Jalon**, 2000. Disponível em: <<http://www.alyamiah.com/cema/modules.php>> Acesso em: 4 de junho de 2004, 10:39:51.

MONTEIRO, José Lemos **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 1994. p. 180-203.

NUNES, Jairo M. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em Português Brasileiro. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (orgs.) **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 207-222.

PAGOTTO, Emílio Gozze. **A posição dos clíticos em Português: um estudo diacrônico**. São Paulo, 1992. (Dissertação de Mestrado) UNICAMP, 1992.

- PIDAL, Ramón Menéndez. **Poema de Yúçuf**: Materiales para su estudio. Coleção Filológica I. Madri: Universidade de Granada, 1952. p. 11.
- RILOBA, Fortunato. **Gramatica arabe-española con crestomatia de lecturas arabes**. Cuarta edición revisada. Madrid: Edelsa/EDI6, [1973?]. 295p.
- RONCAGLIA, Aurélio. **Principi e applicazioni di critica testuale**. Roma: Bulzoni Ed., c1975. 175p.
- ROSA, Maria Carlota. **Pontuação e sintaxe em Impressos Portugueses Renascentistas**. Rio de Janeiro, 1994. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa), 2 vol. Faculdade de Letras – UFRJ, 1994.
- SMART, J. R. **Arabic: a complete course for beginners**. Illinois: NTC Publishing Group, c 1986. 312p.
- TERRERO, Ángel Riesco (Editor). **Introducción a la paleografía y la diplomática general**. Madrid: Editorial Síntesis, 2000. 366p.
- TEYSSIER, Paul. **Les textes en "Aljamia" portugaise**: ce qu'ils nous, apprennent sur la prononciation du portugais au début du XVI^e siècle. Separata de Actas do XIV Congresso Internacional de Linguística e Filologia Românicas. Napoli: Macchiaroli, 1974.
- _____. Paul. **História da Língua Portuguesa**. Tradução Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 142 p. Tradução de: HISTOIRE DE LA LANGUE PORTUGAISE. 142p.
- VARGENS, J. B. M. **Arabismos na língua portuguesa**: subsídios para um estudo do léxico português de origem árabe. Lisboa, 1999. Tese. (Doutorado em Linguística Portuguesa) 3 vol. – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 1999.
- VERNET, Juan. **Literatura árabe**. Barcelona: Editorial Labor, s.d.
- VIANA, A. R. Gonçalves. Deux faits de phonologie historique portugaise. In: **Estudos de fonética portuguesa**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1973.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues. **Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana**: para a definição da natureza do clítico em Português. Rio de Janeiro, 2002. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- VIZUETE, Pelayo. **Lecciones de árabe marroquí**. Barcelona/Buenos Aires: Sucesores de Manuel Soler Editores, [1911?].
- WRIGHT, W. **A Grammar of the arabic language** – Third edition. London, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1977.

ANEXO 1
FAC-SIMILE DA CARTA DE BENTAFUF

الحمد لله على كل حال

في كتاب العسس (المسجون) والحمد لله المفضل بالسر الخافي
واقار الخلاق عظيم البراهم كريمة المناسبه

قرتله بجزءه في شيخي في شوقه
تخالفن بلسانك ايلتد نوسر بيشون

في ذمة وشركي كز فيع الفومر بشر اوشه في وشركز قد اعشر
منى الكرت في نزلتان في شاك تخالفن بلسانك شريه في
في بشر الكبير لايه بشر اشيز كيتنج كيتي اويه في متويز
ككيتا ويز كايه كسير اعشر شريه بشر في اتد كيمونه
في لزيه في قاسر كيتي اشمه شينوز بشر بشر اشيز كيتوا
في به الفوه وشربا عشر بلك بشر اعشر الخبير كيه قسره
ينزيه سينت ان سشر في ترا ك ا و في مرفه كشر في غيرا
في شريه في قوه في ا قسره في ليه في اشيه في شوقه في بشر
انتر وشر في شريه في شريه في شريه في شريه في شريه في شريه
في بشر في شريه في شريه في شريه في شريه في شريه في شريه

RESUMO

TEIXEIRA, Suely Ferreira Lima. **Apontamentos para uma edição semidiplomática em aljamia portuguesa**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Este trabalho propõe-se a discutir critérios e resoluções não só para uma edição semidiplomática de duas cartas originais manuscritas em aljamia portuguesa no século XVI, mas também estender essas mesmas soluções a fontes secundárias mecanográficas do mesmo acervo. Sendo a aljamia a utilização do código grafemático árabe para representar línguas não-árabes, esta proposta visa ao estabelecimento de uma relação grafemática biunívoca entre grafemas latino e árabe empregados nos textos, adaptando, para tal, a transliteração dos sons exclusivos da língua árabe com os símbolos variados, inclusive, do alfabeto fonético internacional. Com isso, pretende-se oferecer ao leitor maior transparência das especificidades das soluções gráficas feitas pela mão que escrevia em caracteres arábicos sob o sistema lingüístico do português seiscentista.

Além do trabalho filológico de espírito conservador, inclui-se uma edição atualizadora dos textos tanto para facilitar o acesso de seu conteúdo aos leitores comuns, quanto para disponibilizar aos sistemas de busca eletrônica os documentos como mais uma fonte para pesquisas relacionadas à língua portuguesa do século XVI. Aqui, as cartas em aljamia serviram como *corpus* para uma pesquisa que abordou a variação de posição do clítico pronominal, confirmando a tendência à posição proclítica, conforme demonstraram outras investigações calcadas em *corpora* coevos.

ABSTRACT

TEIXEIRA, Suely Ferreira Lima. **Apontamentos para uma edição semidiplomática em aljamia portuguesa**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

This work aims at discussing philological criteria to a semidiplomatic edition of two original handwritten letters in Portuguese *aljamia* of the sixteenth century, in order to apply this criterion to secondary mecanographic sources from the same sort of texts. Understanding *aljamia* as the use of the arabic graphematic code to write any non-arabic language, this research is concerned with the establishment of a biunivocal graphematic relationship between latin and arabic graphemes for the Portuguese *aljamia*, respecting any specific feature of both systems. Then, the transliteration of the exclusive arabic sounds had to be adapted to several symbols, even from the International Phonetic Alphabet, in order to reveal to the reader the resolutions from the one who wrote in the Arabic symbols under the sixteenth century Portuguese Linguistic System.

Besides the conservative filological edition, another modern one is included not only to give direct access to lay readers but also mainly to make the letters ready for electronic search systems and statistical programs of several types. In this work, the linguistic constraints to the fact that pre-verbal position is the non-marked order in the Portuguese language of the sixteenth century, is taken into consideration.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)